

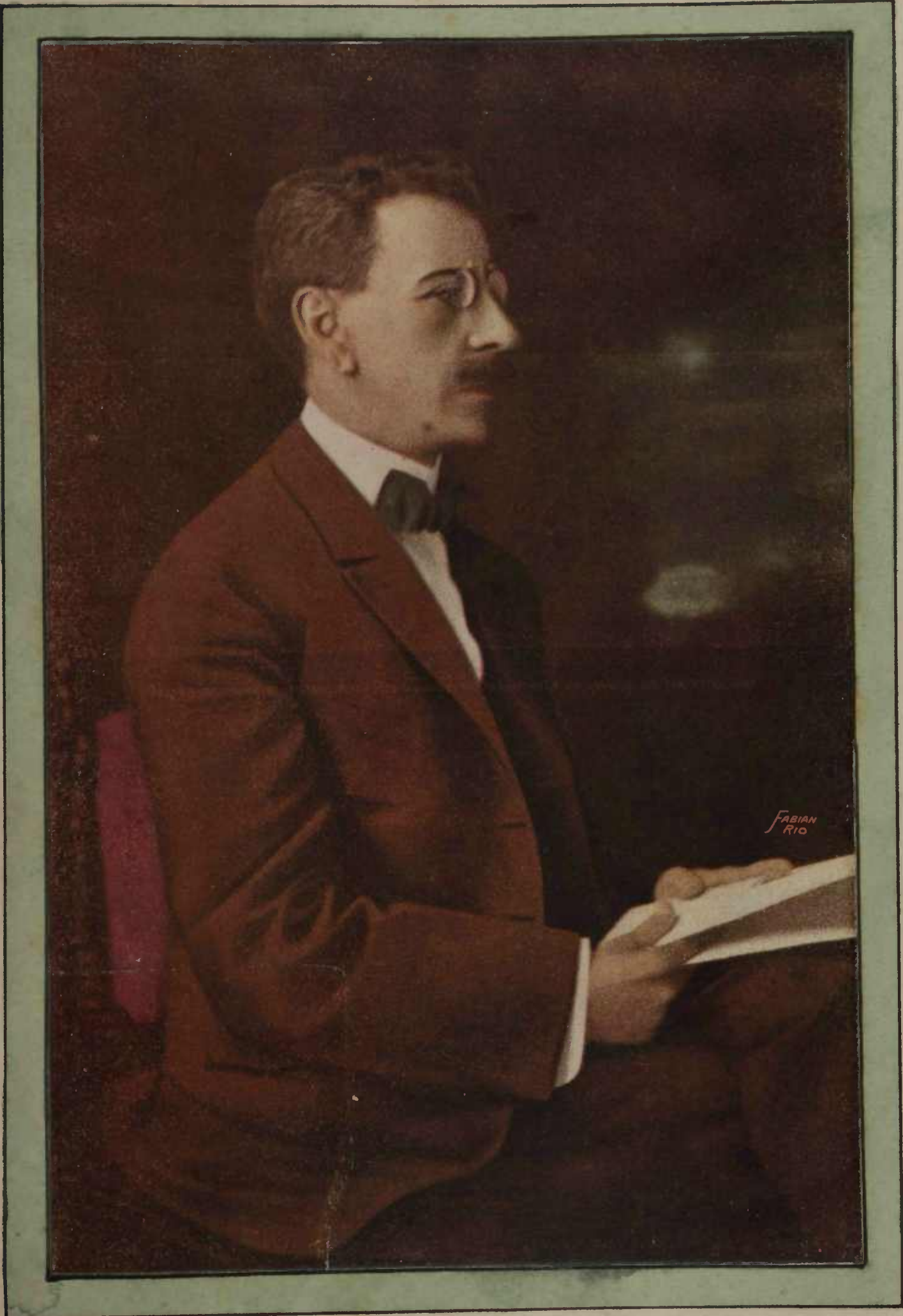
OLAVO BILAC



COORDENAÇÃO DE
M. TELLES RABELLO

Poesias
1888

Tarde
1919





PRIMEIRA
PARTE

IN

MEMORIAM



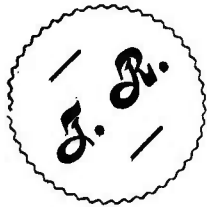
4

Olavo Bilac

Notas biographicas e
bibliographicas
colligidas
por

M.T. Rabello

Rio-Junho de 1934



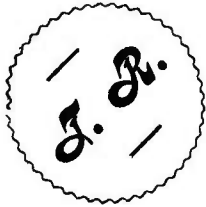
OLAVO BILAC.

.....

OLAVO BRAZ MARTINS dos GUIMARAES BILAC nasceu no Rio de Janeiro (Capital Federal) a 16 de Dezembro de 1865; era filho do Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delphina Belmira dos Guimarães Bilac.

A casa onde Bilac viu a luz do dia ficava situada na rua dos Andradas, mais ou menos em frente ao largo da Sé, naquella epocha um largo pittoresco.

Olavo Bilac frequentou as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Direito de São Paulo, abandonando ambas antes da conclusão do curso, para dedicar-se exclusivamente ás lettras. E assim viveu até 1898, quando foi nomeado inspector escolar da Prefeitura Municipal, cargo que exerceu com brilho e no qual se aposentou. Bilac exerceu os cargos de Secretario da Prefeitura, na administração do Dr. Pereira Passos, de Director interino do Pedagogium e de Official da Secretaria do Interior do Estado do Rio de Janeiro no governo do Presidente Dr. Francisco Portella. Foi tambem Secretario do Congresso Pan-Americano e



fundador da Agencia Americana, e da Liga da Defesa Nacional.

Desde verdes annos demonstrou seu pendor litterario, e sua obra é realmente de vulto, como poeta, como prosador, como orador e como jornalista.

Bilac publicou o primeiro volume de versos -- P O E S I A S --- em São Paulo, em 1888.

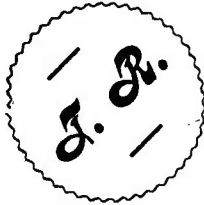
Como poeta, foi de sua geração um dos melhores não só pelo vigor da inspiração e pela espontaneidade do estro, como ainda pela correção da forma impecavel e pela facilidade, força, colorido e brilho da expressão.

Cultor apaixonado da forma em verso, Olavo Bilac, que teve em grande estima a formosa lingua em que escreveu, não foi menos correcto e cuidadoso na prosa, porquanto as suas chronicas e fantasias, muitas das quaes novelho estylo de folhetim, eram sempre graciosas e deliciosas e causaram, durante longo tempo, um successo continuo e seguro. Escrevia prosa como escrevia versos: com fluencia, elegancia e limpidez.

Bilac publicou os seguintes trabalhos:

SAGRES----Poemeto em commemoração da descoberta do caminho da India---1889---

BRASIL----Poema commemorativo do Quarto Centenario do Descobrimiento do Brasil---1900---



A DEFESA NACIONAL-----Discursos-----1917-----

CHRONICAS E NOVELLAS-----1894-----

HYMNO á BANDEIRA-----1896-----

DISCURSO-----No banquete offerecido a Alfredo Pujol para festejar a sua eleição á Academia Brasileira de Lettras-----1918-----

CRITICA E FANTASIA-----Chronicas--Notas diarias--Discurso--

TARDE-----Sonetos (livro posthumo)-----1919-----

BOCAGE-----Conferencia litteraria-----1917-----

POESIAS----- (Primeiro livro publicado)-----1888-----

REHABILITAÇÃO DO BRAZIL-----Conferencia-----

IRONIA E PIEDADE-----Chronicas-----

POESIAS COMPLETAS----- (Incluidos os sonetos do livro "TARDE"-----1919-----

POESIAS INFANTIS-----

CONFERENCIAS LITTERARIAS-----1915-----

ULTIMAS CONFERENCIAS E DISCURSOS-----1920-----

CAÇADOR DE ESMERALDAS-----Poema traduzido para o italiano por Carlo Parlagrecco e finalmente illustrado pelo professor Henrique Bernardelli.

GUIDE DES ETATS UNIS DU BRÉSIL-----

JUCA E CHICO-----Historias de dois meninos em sete travessuras, por W. Busch, versos de Fantasio-----

1944

1945

1946

1947

1948

1949

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

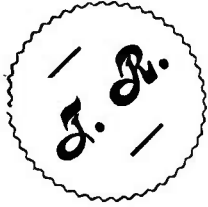
2021

2022

2023

2024

2025



LYRA ACACIANA----Versos humorísticos de colaboração com Alberto de Oliveira e Pedro Tavares----1900----

COLLABORAÇÃO COM COELHO NETTO.

A TERRA FLUMINENSE----Educação Civica----1898----

THEATRO INFANTIL----Comedias e monologos em prosa e verso--

CONTOS PATRIOS----(para as crianças de ambos os sexos)----

PATRIA BRASILEIRA----(narrativas sobre a Historia do Brasil

COLLABORAÇÃO COM MANOEL BOMFIM .

LIVRO DE COMPOSIÇÃO----Curso complementar das escolas primarias----

ATRAVÉZ DO BRASIL----Leitura para o curso medio----

LIVRO DE LEITURA----Curso complementar----

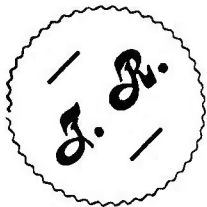
COLLABORAÇÃO COM GUIMARÃES PASSOS.

TRATADO DE VERSIFICAÇÃO----

DICCIONARIO DE RIMAS----

Olavo Bilac recolhia ha dezesseis annos dados para um "DICCIONARIO ANALOGICO", que deixou incompleto e que seria de grande importancia e unico no Brasil.

Foi socio fundador da Academia Brasileira, na qual occupou a cadeira n. 15, que tem por patrono Gonçalves Dias, tendo sido seu Secretario Geral, e socio correspon-



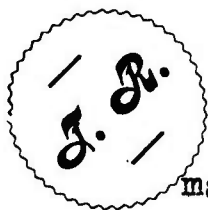
dente da Academia de Sciencias de Lisbôa.

Foi um verdadeiro artista e assim o proclamou o publico, assim o consagraram os intellectuaes, elegendo-o, num concurso aberto pelo "FON-FON", em 1913, PRINCIPE DOS POETAS BRASILEIROS.

Olavo Bilac ainda militou intensamente na imprensa, tendo sido redactor do "Correio do Povo", "Gazeta da Tarde", "Cidade do Rio", "Gazeta de Noticias", "A Noticia", "Republica", "Correio Paulistano", "Estado de São Paulo", "Revista do Brasil", "O Diario" e outros. Com Raul Pompeia fundou a "Rua", com Julião Machado a "Bruxa" e a "Cigarra" e com Pardal Mallet o "Combate". Quando academico de Direito, em São Paulo, fundou com o caricaturista Bento Barbosa, a revista humoristica e litteraria "Vida Semanaria". Foi tambem um dos fundadores da revista de litteratura e artes "Kosmos" e cujo apparecimento causou verdadeiro assombro no meio artistico e litterario do paiz pela sua fina confecção.

Usou dos pseudonymos Fantasio e Olivio Bivar e das iniciaes O.B.

Sua ultima conferencia teve por thema a REHABILITAÇÃO do BRASIL e foi feita em São Paulo, na Sociedade de Cultura Artistica.



Deixou no prélo o soberbo livro de sonetos "T A R D E", cuja edição foi exgotada na mesma semana de sua publicação.

Foi um dos vultos mais encantadores dessa bohemia dourada que nos primeiros quinze annos da Republica encheu de espirito e de copioso anedoctario os quatro cantos da capital brasileira.

Fez diversas viagens á Europa, sendo que a primeira enviado por José de Patrocínio, como correspondente da "Cidade do Rio".

Esteve por duas vezes na Republica Argentina, sendo que da primeira na comitiva jornalística, que em Outubro de 1900, acompanhou o Presidente Campos Salles que foi retribuir a visita feita ao Brasil pelo Presidente Julio Rocca e da segunda vez representando com outro o Brasil no Congresso Pan-Americano.

Por occasião do estado de sitio consequente da revolução da armada, em 1893, esteve preso durante cinco mezes na Fortaleza da Lage.

Analysando os nossos poetas, assim disse Julio Dantas, Presidente da Academia de Sciencias de Lisbôa:

"Excepção feita de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, poucos poetas brasileiros tem dominado

J. B.



A casa onde morreu Olavo Bilac na rua Barão de Itamby n. 35.



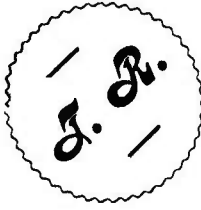
"com tão magistral perfeição a lingua por-
 "tugueza; poucos aquém e além Atlantico,
 "foram tão fieis á classica disciplina do
 "verso; muito poucos conseguiram impôr
 "as fórmãs estrophicas, sem prejuizo da
 "elegancia e da flexibilidade, uma tão
 "solida estructura".-----

Na Faculdade de Direito de São Paulo foi inau-
 gurado em II de Agosto de 1919, um medalhão com a effigie
 do poeta, trabalho artistico do notavel esculptor Sr. Pas-
 quale Fosca, e posteriormente, na mesma Capital, foi inau-
 gurado, um magestoso monumento por iniciativa e esforços
 do Centro Academico Onze de Agosto.

Bilac morreu ás 5 1/2 horas da manhã de 28
 de Dezembro de 1918, em sua residencia, á rua Barão de
 Itamby n. 35.

"Já raia a madrugada. Dêem-me café. Vou es-
 crever", foram suas ultimas palavras.

Os despojos mortaes do grande poeta brasi-
 leiro foram inhumados no cemiterio de São João Baptista em
 carneiro perpetuo adquirido pela Liga da Defesa Nacional,
 tendo sido todo o trabalho artistico esculptural feito pe-
 lo professor Rodolpho Bernardelli, gratuitamente, como ho-
 menagem á memoria do poeta patricio.



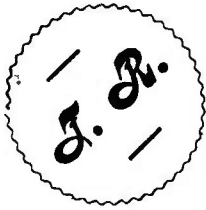
OLAVO BILAC.

- . -

Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e quem escreve estas linhas, vinham em artigos de critica citados muitas vezes juntos quando, em uma phase de transição de nossa literatura, ao lado de outros escriptores, emprehenderam melhorar no Brasil a arte do verso, ultimamente por demais descurada. Unidos pelo mesmo ideal e por uma verdadeira fraternal affeição, quebraram-se a esta uma vez os liames, por motivos que não cabe aqui explicar, separando-me eu de Bilac, e este de Raymundo, sem que entre os tres, rôtos embora os laços de camaradagem, deixasse, entretanto, de perdurar um pouco da mesma estima com que se queriam.

Decorridos uns annos e por acção do tempo, sinão dos nossos corações, havendo-nos reconciliado eu e Olavo Bilac, puz-me um dia entre elle e o poeta das Symphonias e, cingindo-os a ambos com os braços, fiz que por sua vez se reconciliassem e abraçassem.

Não sei de qual dos tres partiu nessa occasião a idéa de photographarmo-nos em grupo, o que logo fizemos,



repartindo depois entre nós a duzia de exemplares dos retratos então tirados. Seis annos depois morria Raymundo Corrêa. Morre agora O-lavo Bilac. Fiquei só, e este afastamento dos meus melho-res amigos, esta solidão me conturba o animo e o assom-bra; mas na photographia que tenho dos dous companheiros em meu gabinete de estudo, e para os quaes ólho mais sauo-doso que nunca, vejo-me ao lado de ambos e quero accredi-tar que, como ha tempos succedera, a separação de agora será transitoria. Entre os poemas de Longfellow ha um em que um grande relógio da escada de antigo castello dia e noite se faz ouvir e fala a todos, que entram ou saem ou passeam pelo vasto salão:

For ever - never !

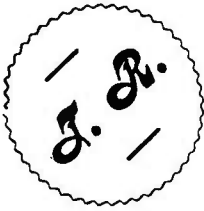
Never - for ever !

A esse sempre e a esse nunca ! repetidos como estre-bilho, associa o poeta americano as alternativas de dor e prazer, de ventura e infortunio, e as esperanças de outra existencia. A' pergunta feita ao relógio sobre si ainda nos tornaremos a ver os que nos separamos, em vindo a ho-ra da morte, o velho pendulo responde com o mesmo refrão:

Tres mestres do verso



Um acaso feliz, dá-nos o ensejo de publicar hoje a photographia acima. Ahi estão em grupo, tres mestres dos maiores e dos mais vigorosos, do verso brasileiro: Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa e Olavo Bilac. Cada um delles tem o seu destaque pessoal e o seu feitiço proprio. E os tres reunidos, documentam victoriosamente o brilho e o vigor da geração a que pertenceram e honra ainda a terra brasileira. Reunidos ahi, nesse grupo simples de amigos em *pose* proposital diante da objectiva do photographo, estão tres poetas, que representam farta e brilhantemente o valor incontestavel do nosso verso. Raymundo Corrêa, que está ao centro, já não é deste mundo; mas a sua obra litteraria entra para a riqueza da nossa intellectual, com o mesmo destaque e a mesma superioridade da obra magnifica dos outros dois.

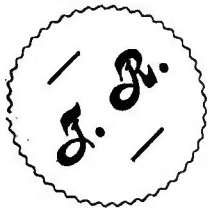


For ever - never !

Never - for ever !

palavras em que Longfellow quer ver, em opposição ao desengano formal do nunca nesta vida, a certeza do sempre além della.. Meu querido Olavo Bilac, tu e Raymundo fostes-vos ambos ao sentirdes resvalar do zenith glorioso o sol em declinio. Não sei si vale a pena viver depois dessa hora. A poesia da tarde é triste, ou já não é sinão meia poesia. A graça, a levêza espiritual, doçura e frescor, enthusiasmo e paixão, são da manhã ou do meio-dia. Faz-se, declama-se então o madrigal ou a ode, o epinicio ou canto real de victoria. Depois, começam as sombras a cair desde os altos montes, e tudo é saudade, que é tambem sombra. E' agora a vez da elegia, da nenia aos sonhos mortos, ás rosas da illusão desfolhadas. Sepultureiros de nós mesmos, que prazer haverá em proseguir assim a jornada, entre inscripções de lousas, salgueiros e cyprestes ? Não chegastes a estas sombras extremas; fostes-vos ambos com mais de meio céu banhado ainda de sol.

Felizes os que morrem antes que se lhes cerrem os olhos, cerrando-se a noite.



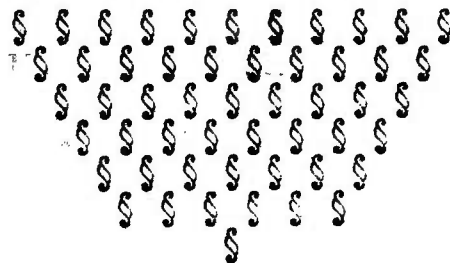
Meu querido Olavo, meu grande Bilac, meu ultimo companheiro desaparecido ! a morte - a abelha de que falas em um dos teus ultimos sonetos - colheu-te o derradeiro beijo, embalsamando-te a boca fria, mas não te afastou de meus olhos, nem dos de teus outros amigos, nem de todo o nosso Brasil querido, que te sabe de cór os versos.e os ha de repetir, emquanto houver ahi memoria de homem.

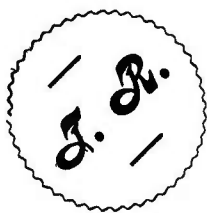
Não sei quem tão cedo terá mãos para levantar essa lyra de ouro e marfim ora quebrada contra as arestas de um tumulo. Não sei quem lá em nossa Academia irá para o teu logar... Em meu coração e meu espirito é que com a tua morte ha um vacuo impreenchivel, onde apenas cabe uma cousa, alongando-se em sua projecção triste de desconforto e melancolia: a tua saudade !

ALBERTO DE OLIVEIRA.

(Da Academia Brasileira.)

(Publicado n'"A Noite" - Segundo-feira, 30 - 12 - 918





O L A V O B I L A C .

- : -

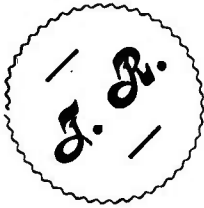
Escreveu o velho Villemain (velhices literarias do Brasil..) que o dever primario e final de todo artista "é agradar".

Linda, expressiva, limpida phrase de França ! Esquecidas as datas, quem a proferiu poderia ser julgado mais tarde como um coévo do Grande Seculo... Mas a commoção contida e espiritualizada (quando o é) das letras francezas está bem longe de corresponder ao sonho eterno e á eterna sentimentalidade, irremediaveis, do homem, na sua luta contra o destino.

O artista é grande quando é amado. Agradar não significa ser amado. Ha imbecís que agradam; ha seres espurios que, usando da penna, deleitam; ha tristes creaturas revoltadas que, por vezes, logram esbater em periodos sonoros a sua amargurada insania de baldados. Fôra vão e inutil recusar-lhes o negativo talento que os destaca...

A rebeldia é a fôrma sympathica de expressão a todos os inviaveis e a todos os renegados. .

Em arte, e, em particular, na arte do Brasil, outro



se nos afigura o criterio digno de ser applicado á apreciação dos nossos raros homens de ideal.

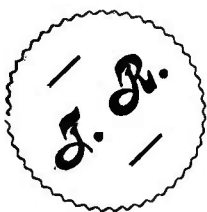
Olavo Bilac foi, é, será um delles.

Do fundo infinito do seu sepulchro, este homem desafia, contra a belleza da sua extraordinaria e admiravel obra de criação esthetica e cívica, os arremeços da pallida invidia dos que, avidamente, devoram o seu ephemero segundo profissional de imprensa... O genio de Dante não chegou á advinhação dos vermes mais ou menos intellectualizados e utilitarios que, hodiornamente, corroem, repastando-se, á sombra do jornalismo, as altas reputações, os grandes esforços, as supremas energias do amor ou da fé.

Do circulo dos indifferentes, da esphera dos neutros, da melancolia revél dos condemnados á covarde mediocridade irresponsavel dos anonymatos, não ha, no Inferno, nada que recorde o vampirismo, sem *simile* em annaes humanos, dos lamentaveis seres que firmam sobre cadaveres augustos a originalidade ambigua das suas attitudes da semana impressa...

Bilac é, no Brasil, um artista amado. Fiquem os seus diffamadores na admiração da fórma...

Escravisem-se á sua propria personalidade, que, por



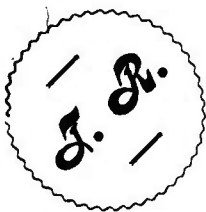
incompetencia, néga e adultéra, os falsos admiradores dos metros perfectos, das rimas opulentas, dos recursos de lingua e dos primores de estylo poetico. Si lhes sondassemos a consciencia, veriamos (extranho facto) que o motivo de elogio, neste momento, é a perfeição da fórmula, de que elles são incapazes...

Olavo Bilac não precisa de elogios á sua technica... Elle é grande e superior a essas miseraveis criticas por ser humano e por ser brasileiro.

Ser brasileiro é, hoje, uma vergonha, que nos humilha, atirando-nos á acção, e que, entretanto, serve de pretexto a todos os nossos ralés, da penna para o seu forçado mistér, quasi sempre complicado de vinganças...

A apotheose de Olavo Bilac seria incompleta, si não tivéssemos ouvido essas vozes de tréva, si a torpeza não houvesse fugidamente toldado o horizonte, si a perfidia, ficticiamente admirativa, dos nossos tropicaes iconoclastas por antecendencia não se manifestasse...

Demore entre nós, paire sobre as nossas fronteiras, viva no coração de cada um de nós, a lembrança, de rutila e pura luz, fecunda e branda, estimulante e pacificadora, do excelso Poeta, que soube e pode impôr ao Brasil, despe-



nhado em torpe e imprevista decadencia, o respeito espiritual da Patria, como reflexo do respeito de si mesmo.

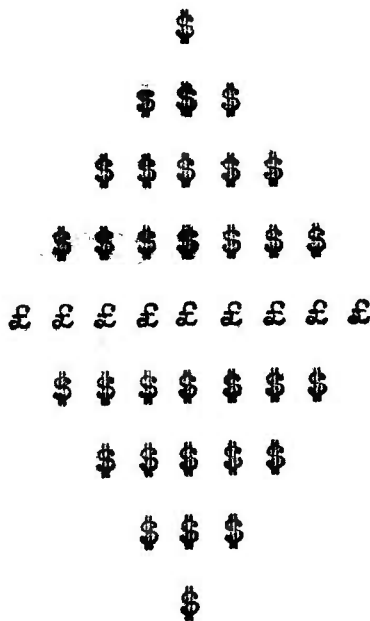
Amanhã, não terá Olavo Bilac a necessidade de ser defendido...

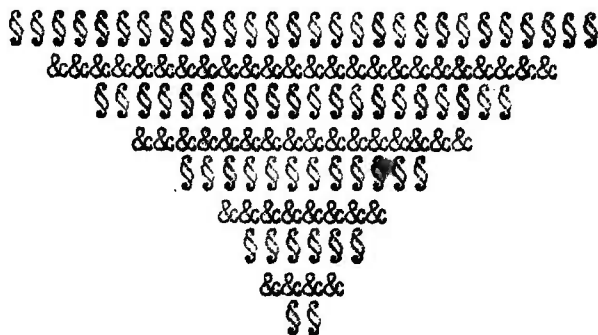
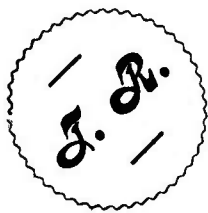
A sua gloria está acima de todos nós...

ALCIDES MAYA.

(Da Academia Brasileira.)

(Publicado n' "A Noite" - Terça-feira, 31/12/918.)





ARTIGO PUBLICADO

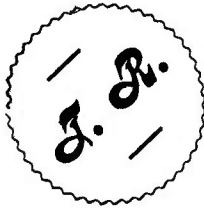
NA

" A NOITE "

de SEXTA-FEIRA, ---3 de Janeiro de 1919.



J. M. Goulart de Andrade.



O L A V O B I L A C

- 2 -

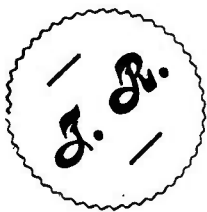
A paz sombria em que mergulhava a alta casa da rua Itamby, á hora tão viva da manhã, pesou-me no coração como carga de máo presagio. Pairava por ali qualquer cousa sinistra e inconjuravel !

Ao premer o botão do tympano parecera-me que aquelle tremulo tinido assustara um angustioso silencio de vigilia. E não me enganara: lá dentro tudo era peor que o meu augurio.

Vinte noites havia que cada assistente do grande enfermo lutava comsigo mesmo para lhe occultar a dor de o ver arquejante, a suffocar, apparentando embora semblante de crença e de fé. Vinte dias já que cada qual guardava para si a certeza do desenlace, cada um deante dos outros procurando ler nas physionomias o consolo de uma esperança.

E assim, de padecimentos e sustos, de lagrimas e cuidados se foi sustendo aquella acerba, prolongada insomniã.

Tudo como no verso do famoso soneto: "E os corredores enchem-se de pranto. ." Mas pranto em surdina, estrangul-



lado, para que os soluços não chegassem lá, em cima.

Tive então a suspeita de que não o veria.

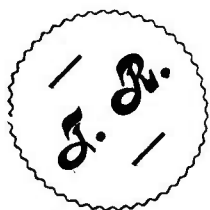
Conhecia-lhe o horror de se mostrar menos aprumado, o pudor de apparecer em desalinho, descomposto, humilhado pela degradação physica. Lembrei-me até de que nunca lhe vi uma photographia de frente, para que se não perpetuasse a fealdade do seu strabismo. E que mais de uma vez lhe ouvi censurar certos doentes que se comprazem em turbar a serenidade alheia, lembrando a miude o exemplo das aves, cujos corpos não se sabe nunca em que ponto da maltaria brava rolaram para sempre.

Como os passaros, o homem deveria poupar a outrem o espectaculo da agonia e mais do que isto - a tragedia cruenta da miseria organica.

Foi-me dada, porém, a triste honra de o ver: estava magro, pallido, artelhos demaciados a surgirem dos escarpins luzentes, sob a meia de seda negra, á qual tirava a luz dous reflexos rectos.

Vestia um terno azul, paletot abotoado, gravata ajustada ao collarinho por um nó pequenino, assymetrico, graciosamente arrebitado numa das pontas.

Coutou-me então (e com que escondido espanto eu o es-



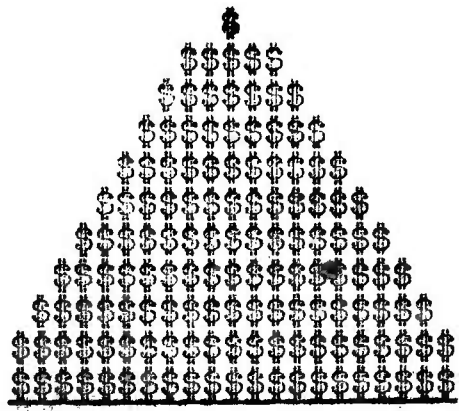
cutava !) todas as suas torturas, a andar leguas e leguas no ambito estreito dos seus aposentos, agarrado ás paredes, amparando-se nos moveis, na ancia de respirar.

E como lhe sobreviesse naquelle instante mesmo a *dyspnéa*, aconselhei-lhe afflicto que arrancasse o collarinho. Mas elle, dando um gesto rapido á gravata, retrucou de prompto: "Para que ? Isto nada impede..." E sorriu com amargura, passando rapido o indice pela golla da camisa.

Passada a crise, ao notar a minha consternação, veio sentar-se novamente ao meu lado, sereno, fino, elegante, para me mostrar o ultimo grupo do dictionario analogico, que reunira...

E o que foi na vida intima, foi na arte em que pontificou, foi na vida publica, em que lidou no melhor campo, foi na propria morte - a mais perfeita flor da civilização brasileira.

E para elle que havia sido o equilibrio, a harmonia, a graça, a distincção, a delicadeza, não sei de melhor noticia do que a que ouvi de uns labios tremulos de moça, enquanto se lhe orvalhavam os tristes olhos: "E agora ? Quem fará mais versos para mim ?..."



ARTIGO PUBLICADO

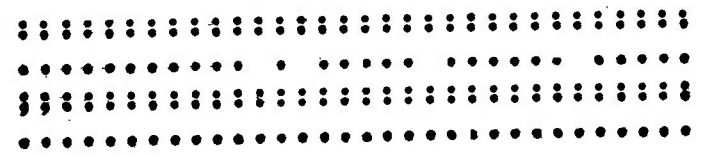
NA

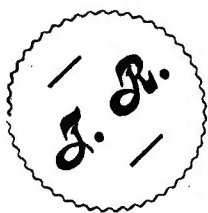
" A NOITE "

de SABBADO----4 de Janeiro de 1919,

por

AUGUSTO de LIMA .





OLAVO BILAC.

- (*) -

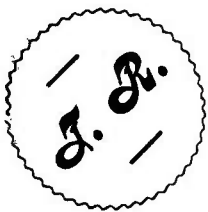
Viver com distincção não é difficil; mas morrer com elegancia nem a todos é dado.

Uma boa educação, certo renome scientifico, politico ou literario, a frequencia dos altos meios mundanos, o habito de ser admirado e querido, dão ao individuo uma natural predisposição para parecer bem a todos.

Nem é raro que qualquer demasia ou falha do temperamento, diathese resistente á educação e ao meio, se note como curiosa excentricidade a realçar o merito no seio da commum vulgaridade.

Morrer, porém, sem se desconcertar, não perder a compostura no cataclismo organico do transito final, guardar no semblante e sobretudo nos labios e no olhar a serenidade consciente de quem está sendo visto e julgado, resistir ás convulsões, commedir o rictus, attenuar a angustia da dyspnéa e disfarçar enfim a certeza da proxima catastrophe - exige tudo isso uma excepcional e feliz predes-tinação que só a raros eleitos reservam os fados.

Não assisti á agonia de Olavo Bilac, mas deve ter-se



passado assim, a julgar pelas suas palavras derradeiras e pela sua disposição de animo nos dias que precederam a aggravação da molestia.

O Artista não deixou trair, até á ultima hora, para o mundo exterior, a convicção intima da proximidade do seu fim, cujo dia e hora parecem ter sido designados de accordo com o seu voto.

Morreu num sabbado, de madrugada, de tepido sol de verão, pedindo café e dispondo-se a escrever...

Talis vita finis ita.

O chronista elegante e radioso que encantou a sociedade carioca, attrahindo para as bellezas do Rio de Janeiro, onde impéra o sabbado, milhares de leitores curiosos, não podia escolher outro dia para a suprema despedida.

O poeta dos grandes effeitos de luz, das sonoridades do despertar, dos perfumes das corollas que desabrocham, dos mysterios de interrogação do dia que começa, escolheu tambem a hora favorita, que, quasi num surto de hymno victorioso, annunciou: "Amanhece..."

Todos os seus longos soffrimentos, chegados ao extremo paroxismo da dôr, a perspectiva da treva irremediavel que dentro em um minuto o ia envolver, não lhe impediram a visão clara, para resumir todo um poema de luz nascente



reo perfil aquilino a mesma expressão regular de linhas que, salvo a immobillidade da Morte, distinguia no meio da multidão o fino gentil-homem que todos amavamos.

E foi porque todos o amavamos que rodeámos o seu corpo no Syllgeu, cobrimol-o de flores, unгимol-o dos nossos beijos e, lacrimosos, o acompanhámos naquella elegica tarde de domingo, certos de que levavamos connosco, na conformidade do mesmo sentimento, a alma inteira do Brasil.

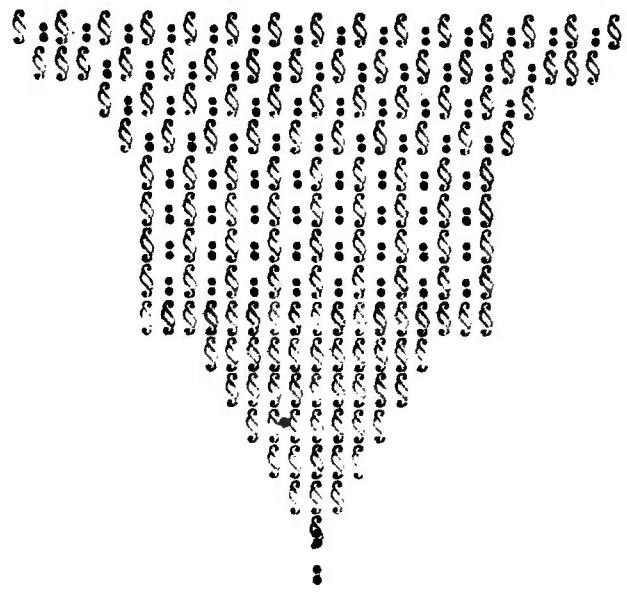
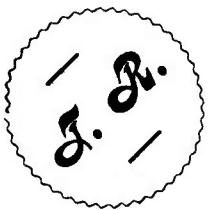
AUGUSTO DE LIMA.

(Da Academia Brasileira.)

"

(Publicado n' "A Noite" - Sabbado, 4 - 1 - 919.)





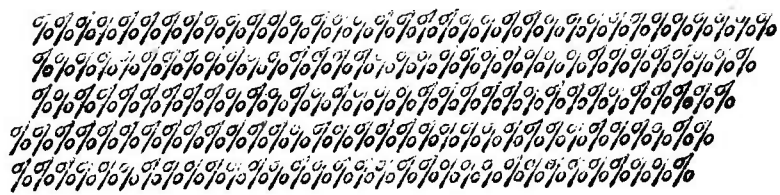
ARTIGO PUBLICADO NA

" A NOITE " .

DOMINGO - 5 DE JANEIRO DE 1919,

POR

MARIO de ALENCAR .





OLAVO BILAC.

o
o o o
o

Recebo a noticia da morte de Bilac, e vejo como lhe queria bem, mais do que eu mesmo advertira. Não é o passamento do grande poeta que me commove tanto e me faz estender os olhos turvos sem rumo, sem vontade de olhar, sem gosto de falar ou de ouvir, desinteressado, e estranhando que os outros tenham ainda interesse nas cousas circumstantes. O que está noticia acorda em mim é o pensamento penoso e confuso da cessação da pessoa, que eu não verei mais nem ouvirei mais. Andavamos separados muita vez em logares distantes: não nos faziamos visitas. Mas, distante ou perto, nunca elle esteve alheio ao meu sentimento; e uma carta, um recado, um encontro, enchiam as distancias actuaes e anteriores. Alguns minutos recompunham o estado de affeição reciproca e antiga de muitos annos. E era elle quasi sempre quem os fazia reviver e recapitulava desde a data remota em que nos conhecemos, elle já famoso poeta, eu collegial, adolescente. Foi em principios de 1888, quando elle voltou de S. Paulo com o volume das Poesias; a sua plena mocidade exuberante de vi-



da não reçumava nenhuma vaidade de gloria, nenhuma inveja, nenhum interesse que não fosse o da sua poesia. Era como uma ave contente a cantar ao sol e contente de que outras aves cantassem ao sol. Não tinha gesto que entibiasse a aproximação; não tinha exclusivismo literario. A palavra vivaz e scintillante costumava discretear sobre livros, com agudeza critica ou chistosa, ou com repentino remoque; sobre pessoas tambem, si lhe desagradavam, mas rapido e só na ausencia dellas. O seu trato affavel e simples não feria em face por abuso de espirito. Ninguém jámais deixava a sua companhia levando queixa de máo gracejo ou dôr de amor proprio. Era a mesma finura que lhe transparecia nos escriptos da imprensa. A um dos seus livros de chronicas deu elle mais tarde o titulo de Ironia e piedade. Eu não lhe conheci essa ironia. Ironia é a expressão do desencanto concentrado e sceptico: e Bilac appareceu-me sempre como um encantado expansivo. Versejador bisonho que eu era, senti-me bem ao seu lado, sem vexame, confiado na sua complacencia e sympathia de mestre singelo. Um que quer que era de desprendimento juvenil que havia nelle permittia familiarisar a admiração e combinar o respeito pelo talento com a camaradagem desenvolta. Seria essa mesma a



impressão sentida pelos seus companheiros, todos homens de letras, quasi todos mais velhos do que elle, e excellentes em prendas de espirito. Tem havido agrupamentos literarios, aqui e em outras partes, mas duvido que fossem mais harmoniosos, mais espontaneamente formados do que era aquelle por affinidade de gosto, mutua sympathia e confiança reciproca. Em 1888, quando me acheguei ao grupo, com uma timidez que se me afigura hoje ousadia, Bilac era o mais recente dos habituados: Patrocínio, o maioral da familia bohemia; e os outros eram já para mim grandes nomes: Murat, Coelho Netto, Pompéa, Aloysio e Arthur Azevedo, Pardal Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney e Alcindo Guanabara. Só Arthur Azevedo tinha posição segura; dos outros, um, Aloysio era exclusivamente escriptor de livro, Murat iniciava a advocacia, os mais fluctuavam no jornalismo, collaboradores ou redactores, levados de esperanças ou de sonhos que não faziam sentir muito os apertos quotidianos. Entre todos, Bilac surgiu-me como uma alma escoteira, a carregar sobre si, physica e espiritualmente, tudo o que era seu. Escrevia chronicas para a Cidade do Rio, onde Patrocínio pagava então os collaboradores pontualmente com um farto almoço na propria casa do jornal e em promessas infinitas.

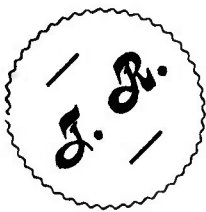


que eventualmente reduzia a dinheiro em horas incertas de fortuna e prodigalidade. Bilac morava em casa de commodos, como um estudante pobre, ou menos que um estudante, pois nem tinha livraria. Mas era dos mais lidos e cultos do grupo bohemio; as suas leituras eram feitas em livro de emprestimo, ou nos volumes pequeninos da Bibliothèque Nationale, que se vendiam naquelle tempo a 300 réis e cabiam sem constrangimento num bolso de paletot. Lia-as em bonde ou em casa; e assim conheceu o que havia de maior e melhor na extensa bibliotheca minuscula. Lembro-me bem do exemplar de Romeu e Julieta, que acompanhou alguns dias, e sobre o qual elle traduziu com apaixonada vida a scena do balcão. Lido e ás vezes relido o volumezinho, perdia-se, e Bilac ia continuando escoteiro em seu caminho bohemio, leve, despreoccupado, mas levando consigo um cabedal literario que augmentava sem elle dar por isso e que podiam invejar outros pesadamente installados na vida e nas bibliothecas. Não pensava em alardear leitura, nem sabedoria, nem coisa nenhuma. Era sempre como uma ave contente de cantar ao sol e contente das outras. Por esse tempo, trabalhava Patrocínio num plano de levar á Europa, em vapor especialmente fretado, os seus amigos de letras, da Cidade do

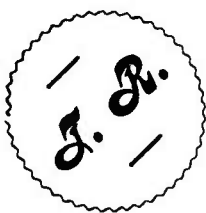


Rio, e os que frequentavam. Iriamos todos, mas ao cabo só poudes elle mandar Bilac, em vapor commum, como correspondente da Cidade do Rio, em Paris; e ali esteve enquanto durou a aura da caprichosa fortuna de Patrocínio. De volta da Europa, Bilac era a mesma creatura, despreoccupada, fluctuante, simples, a viver no seu mundo de sonho, de poesia e de espirito, alheia á revolução que se operava em torno d'elle, menos no que podia converter-se em materia de gracejo. Entretanto, as circumstancias fizeream d'elle victima absurda da politica rancorosa daquelles tempos. Collaborador literario d'O Combate, soffreu a culpa de ser amigo de Pardal Mallet e pagou-a como imaginado cumplice da conspiração, numa prisão na fortaleza da Lage. Attribuiam-lhe uns versos, de que era autor Guimarães Passos, e que celebravam, com as mesmas rimas e fecho em todas as quadras, as attitudes do almirante Custodio de Mello. Dizia a primeira das quadras:

Typo serodio
 E amarello,
 Quem é ? Custodio
 José de Mello.



Bilac desforrou-se com bohemia, chacoteando em palestras, depois de solto, o ridículo dos fanfarrões do poder. A sua vingança não foi além do remoque e não assumiu a forma de rancor. A simples extravagancia dessa prisão devia por-o a salvo da suspeita na revolta de 1893; pois ainda ahí elle soffreu. No mesmo dia 6 de Setembro, á tarde, encontrei-o em companhia de Guimarães Passos e de um moço, de nome creio que Freire, camarada recente dos dous. A nova da revolta surpreendia-nos a todos e fomos curiosamente observar o que se passava no largo do Paço. Assisti ao jantar dos tres no hotel Globo e todos commentavamos com espanto e galhofa o novo levante. Dias depois tive a noticia de que, denunciados por aquelle Freire como partidario de Custodio, Guimarães Passos fôra recrutado e Bilac fugira para Minas. Aquelle Freire foi depois o emissario que levou para Paraná a ordem de fuzilamento de Serro Azul e outros revolucionarios. Bilac permaneceu em Minas até passar a borrasca de delações e, chegando aqui tranquillamente, foi por maior precaução apresentar-se ao chefe de policia, que era seu conhecido. Não o recebeu o chefe e reteve-o preso dous dias. Fui vel-o e passei algumas horas ouvindo-o rir da sua propria ingenuidade e

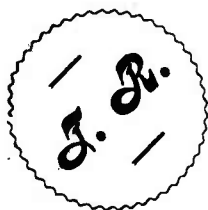


da estupidez medrosa do poder publico. Supponho que entretanto a policia revolvia o seu archivo, á cata do libello de culpa de Bilac, ou porventura machinava na retenção do poeta um motivo de notoriedade do seu zelo pela salvação do Brasil. Bilac sorria surpreso da attribuição perigosa que davam á sua presença. Era como si a uma cigarra, que só se alimenta de orvalho e de sol, attribuissem a acção rasteira e clandestina de uma sauva ou raivosa.

Mas, enfim passaram as revoltas, e, effeito da idade ou da dispersão dos companheiros, a cigarra aprendeu a ser tambem formiga. Inspector escolar, secretario da Prefeitura, secretario do Congresso Internacional, Bilac foi modelar em diligencia, exactidão e methodo de trabalho. Trabalho administrativo, incumbencia que tomasse a seu cargo, particular ou publica, era desempenhada com a nitidez pontilhosa com que elle compunha os seus versos. O artista desdobrou-se tambem num paciente constructor de dictionario, e o erador academico surgiu um dia constructor de civismo. Foi a surpresa que mais irritou os que não podiam ou não queriam entender a irisação de um espirito luminoso. Não lhe levariam a mal que elle se desvanecesse em malicias, em malignidades, em diatribes, ou em



cousa nenhuma; enfadaram-se, porém, injuriaram-n'o porque a sua poesia, que até ali elevava os leitores de poesia, derivara, numa guinada improvisa de entusiasmo, para uma eloquencia que tocava e commovia a gente do povo. Os seus discursos eram como ruflar de azas no espaço azul; e cá de baixo não queriam que ouvissem e acompanhassem com os olhos palpitantes os sons alados do seu surto. Accendeu-se a raiva dos que não podiam voar tão alto e tão á vista de todos; mas a gloria do cantor eloquente foi subindo sobre a grinta dos raivosos. O poeta, no entanto, não se deixou perturbar de novo renome: feita a sua obra, não se aproveitou do que ella lhe daria ao menor aceno de seu desejo. Vi-o de novo, como nos primeiros annos de bohemia simples e despreoccupada, compondo os seus versos. Era ainda a ave contente de ouvir cantar as outras aves que iam surgindo, apesar de que a sua voz se velava em melancolia por presentir na tarde o seu occaso verdadeiro. E assim acabou. E agora é que eu vejo como lhe queria bem, recapitulando impressões de factos e gestos pessoaes, entrelaçados na minha memoria. As distancias occasionaes desfizeram-se; e apparece-me aos olhos da alma uma figura total, no momento em que vae desaparecer do meu caminho a



possibilidade de vel-a, como até hontem.

Não digo aqui a minha admiração pelo poeta, porque o louvor nestes primeiros instantes fôra talvez falseamento da saudade do homem. Nem caberia numa apreciação singular e commovida o valor de uma obra feita para todos os seculos da lingua.

: - :-

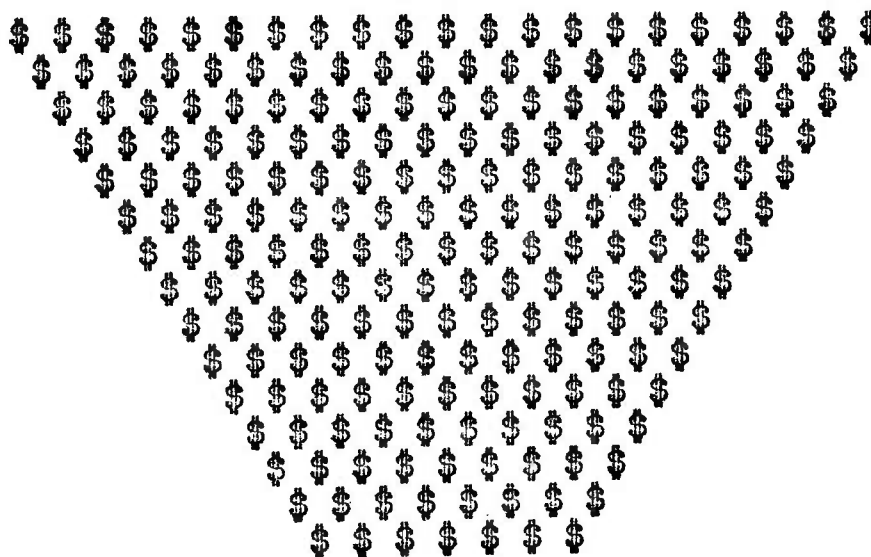
Therezopolis, 28 e 29 de Dezembro de 1918.

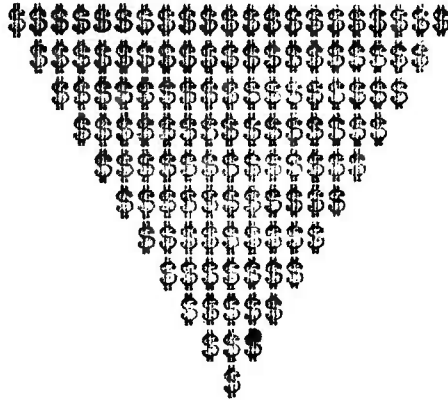
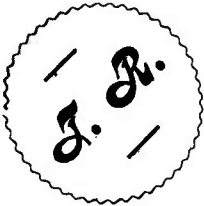
MARIO DE ALENCAR.

(Da Academia Brasileira.)

- ████████████████████ -

(Publicado n' "A Noite" - Domingo, 5 - 1 - 919.)





ARTIGO PUBLICADO

na

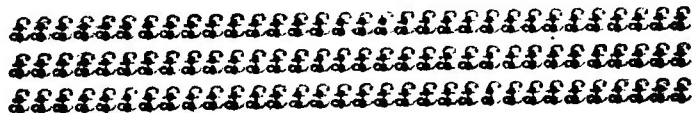
" A N O I T E "

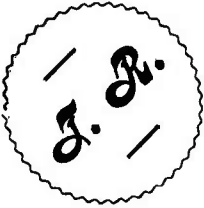
de

SEGUNDA-FEIRA, 13 de Janeiro de 1919,

por

FILINTO de ALMEIDA.





OLAVO BILAC .

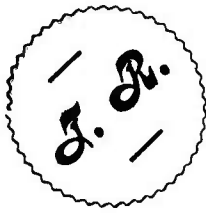
£

.....

Vim dizer-vos, apenas, que Olavo Bilac, o grande e sonoro poeta, grande e luminoso prosador - o que toda a gente sabe no Brasil - era tambem um grande orador, o que só é sabido em Buenos Aires.

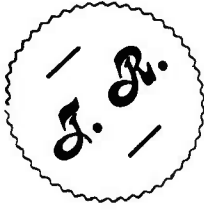
Certo o ouvistes aqui muitas vezes em maravilhosos discursos, como os que celebraram Cervantes e Gonçalves Dias, e em conferencias admiraveis. Mas esses eram trabalhos ordenados e escriptos com paciente vagar e meticoloso estudo, na quietude do seu gabinete, entre as estantes dos seus livros, com o pensamento repousado e bem nutrido das leituras necessarias ao objecto da composição. E eu refiro-me ao orador espontaneo, ao que, chamado inesperadamente a falar, é capaz de produzir, sem a minima hesitação, uma oração digna de nota.

Quando, na agonia do ultimo seculo, em outubro de 1900, chegámos a Buenos Aires, acompanhando o presidente Campos Salles na sua visita ao general Roca, nenhum de



nós, amigos e companheiros de Bilac, conhecia da sua vasta cerebração essa faculdade magnífica. De modo que, na primeira noite da capital argentina, quando recebidos na Associação de Imprensa e saudados pelo seu presidente, tivemos que responder á saudação, que fôra eloquente, olhámos uns para os outros hesitantes, porque nenhum de nós era orador, a ver quem responderia. Só Bilac não hesitou. Elevou a sua taça e falou. A sua oração sobre a influencia da Imprensa nas sociedades modernas foi para nós um assombro. Com a sua voz cheia, musical e quente, a sua pronuncia correntia e clara, da boca do poeta as palavras saiam em torrente, formavam ondas sonoras, enchiam os salões de um estrepito rithmado, faziam tremer de commoção os circumstantes, entrecortadas de palmas irreprimiveis... E quando elle, em fim, parou e levou aos labios a taça, no offertorio, foi uma apothese. Os collegas argentinos esmagavam-n'o de abraços e nós, os patricios, quando nos foi possivel voltar-nos do assombro, beijámos as faces daquelle que ali tão alta e nobremente elevara o prestigio da eloquencia brasileira.

Depois disso o poeta teve que falar todos os dias, durante um mez de festas, em toda a parte, pois, mal che-



gava o momento opportuno, logo de todos os lados reclamavam - "Que hable Bilac, que hable!"

Si pude, posto que descoradamente, falavos do que foi a primeira oração de Bilac, já nada encontro com que vos diga o que foi a sua saudação ao general Mitre, no "chá" que nos offereceu La Nacion, na grande sala da sua redacção, a uma mesa longa de oito ou dez metros, a cuja cabeceira se ergueu para nos saudar o grande argentino.

A resposta de Bilac foi o elogio ^{de} sabio, do escriptor, do guerreiro e do politico, que representava a alta e singular figura de Mitre.

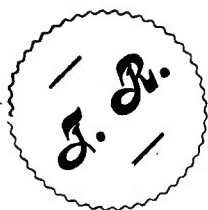
Quando o orador terminou a sua fala impetuosa e soberba, a assistencia, desopprimida da profunda commoção que a vergara, rompeu em vivas ao Brasil, num entusiasmo que se não descreve. E uma dama argentina, a mais linda e vivaz que lá conhecemos, que tudo commentava com rara ironia e immenso espirito, disse-me, com o lenço de renda a enxugar os olhos:

- Que picaro ! Me ha hecho llorar.

FILINTO DE ALMEIDA.

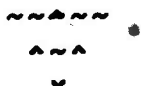
(Da Academia Brasileira.)

"A Noite" - 13/1/919.



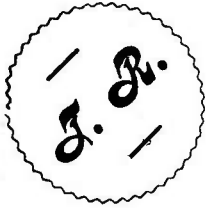
A MORTE DE OLAVO BILAC .

-- Narrada pelo JORNAL DO COMMERIO de 29 de Dezembro de
1918 --



Morreu Olavo Bilac. A noticia era mais ou menos esperada. Sabia-se, de facto, que o glorioso poeta estava desde alguns mezes com os seus velhos padecimentos aggravados. Mas ninguem imaginava que o brutal desfecho viesse tão cêdo, e a impressão geral produzida no espirito publico pela infausta noticia foi dolorosissima. E' um pedaço do céu da Patria que desaba, no que esse céu possuia de mais alto como sonho de belleza, ardor nativista e magestade de expressão. Perde o Brasil, com o desapparecimento desse admiravel espirito, uma das mais perfeitas glorias de sua moderna litteratura. Ha de sentir-se longo tempo o vasio que deixa.

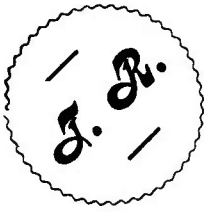
E' que elle occupava em nosso meio, de pleno direito, um lugar immenso e encheu dignamente o seu tempo, causando á maravilha, nas cordas de ouro de sua lyra privile-



giada, outros dons magníficos e outras virtudes superiores, que na maturidade se vieram afirmando cada vez mais com um brilho verdadeiramente excepcional.

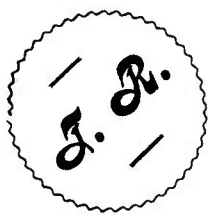
Os poetas podem ser grandes de dous modos: no isolamento de sua vida interior, povoada de chimeras, ou misturando a sua musica ás vibrações do ambiente social externo e ás harmonias do sentimento nacional, que também canta e reclama os seus interpretes. Bilac fulgurou numa e noutra esphera. Como artista puro, considerado nas feições proprias de seu temperamento e no seu ardente entusiasmo pelas musas, raros lograrão sobrepujal-o. Começou, como todos, versatil, bohemio, dispersivo; mas os annos lhe foram compondo, através dessas futilidades brilhantes, a figura que tem de ficar e que não é só a do versejador incomparavel, mas a do homem que acabou comprehendendo e sentindo que o destino da arte não póde ser apenas o goso egotistico da formosura, perseguida em vão no atropelo da mocidade, mas precisa cifrar-se na conjugação desses pendorès para o bello com outras preocupações de ordem mais elevada, que sirvam para construir e levantem na verdade as almas.

Bilac realizou innegavelmente esse duplo e luminoso sacerdocio. Ao seu tempo de joven, ninguem teceu mais



lindas variações sobre o amor, que ha de ser sempre, mesmo na sua desordem saborosa, a razão eterna da existencia. O seu estro poderoso e sensível correu toda a gamma voluvel do coração da mulher, abrindo-se em flôres raras, de um perfume acre e doce, em que se sente um sensualismo tropical disfarçado em ironias e revides amargos, que ainda hoje se relêm com extase, sem saber mesmo como o burilador eximio de todas essas joias da Via Lactea, das Sargas de Fogo e da Alma Inquieta podia queixar-se de haver amado tanto e não conhecer o amor. Era, sem duvida, o temporal da juventude, imprimindo o seu ar de tumulto lascivo incontentado aos primeiros trabalhos desse egresso da medicina e da jurisprudencia, que desertara do amphitheatro de anatomia e das sebtas do Direito, para servir a um ideal que lhe fugia e zombava de todos esses enleios calidos para que a alma torturada do poeta transformasse aquelles desconsoles em outros tantos motivos de seducção e de encantamento.

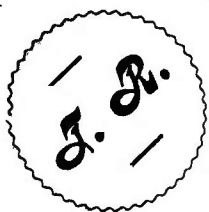
Bilac foi, nos primeiros dias de sua vida litteraria, um incontinente, com o traço da bohemia bem caracterizado. Mas, por onde passava, ia deixando perolas no caminho, vencido o marco dos cincoenta annos, não tinha, em rigor, de que corar das expansões antigas.



Foram ellas que lhe garantiram, na ultima phase da vida, o molde de suprema belleza em que soube vasar todas as cousas altas, dignificantes e fecundas que o senso da idade madura lhe inspirou.

Ainda ha dias, na edição do Natal, esta folha inseria um excellente artigo de Magalhães de Azeredo, saudando em Bilac o poeta nacional por excellencia e lembrando por analogia D'Annunzio, a resgatar no serviço effectivo, da guerra, pela gloria da Italia renascida e pelejadora, toda uma mocidade desorganizada e perdida na vertigem do sonho.

Bilac repetia no nosso meio o milagre dessa transfiguração. No seu discurso de ha poucos annos no Club Militar, onde a melhor porção do velho e do novo Exercito se reunira para o festejar, disse com tocante sinceridade o seu arrependimento das frivolidades litterarias anarchicas por onde todos nós principiamos. Não precisava, aliás, fazer esse acto de penitencia o grande dominador do verso. Porque, quando elle tomou sobre os hombros a tarefa sem par da propaganda pela defesa nacional, para unir todos os filhos do Brasil no sentimento do dever civico, já esse formoso e imperecivel destino lhe estava traçado por indicações ine-



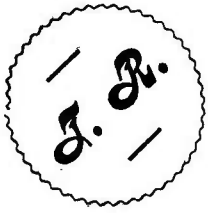
quivocas de sua propria producção artistica. Quem escreveu as Panóplias, as Viagens, o Cacador de Esmeraldas não podia ser um indifferente ao destino social da poesia e á comprehensão do ideal patriótico. O maravilhoso artifice da rima, occupante da cadeira de Gonçalves Dias na Academia, deixara, logo na abertura de seu primeiro livro, o sello da preocupação nacional nitidamente impresso n'A Morte do Tapyr.

Póde-se seguir esse fio conductor através de toda a deliciosa trama de amor em que o poeta queimou o seu rebrilhante verão, deixando atrás de si um estendal de primores.

O discurso Em Marcha !, na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 9 de Outubro de 1915, liga-se perfeitamente a certos signaes evidentes que estavam em seus trabalhos anteriores. Toda a sua geração litteraria se formara nas auroras estupendas da Abolição e da Republica.

Como suppôr que os litteratos participantes dessas horas augustas, que prepararam o advento da Patria Nova, pudessem ficar alheios de tudo na torre de marfim symbolica ?

Bilac, mettido no jornalismo ao tempo em que o jornalismo ainda significava saber escrever, foi testemunha



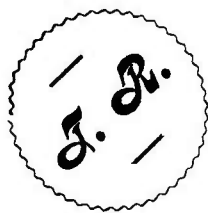
e collaborador diario dessa evolução, em que se salientaram a grandeza apostolica de Patrocinio, a gravata encarnada de Pardal Mallet, o leque parisiense de Ferreira de Araujo, as luvas classicas de Quintino, e tantos outros luminares, que fizeram sempre a sua jornada cercados pelas abelhas de ouro do verso e da prosa, esvoaçando a la torre da politica e intervindo no andamento das cousas.

A Revolta da Armada encontrou o bardo no turbilhão, e nos tempos que se seguiram até começar esta ultima phase, a mais brilhante de sua vida de artista e patriota, nunca Olavo Bilac fez um espectador frio, ou um calado assistente do que via.

Nomeado Inspector Escolar toda sua actividade se concentrou na causa da instrucção e a porção de livros didacticos que deixa comprova bem quanto havia nelle de amor ao paiz e de devotamento pelo seu progresso cultural.

Secretario de Pereira Passos, trabalhou muito e muito nessa grande quadra, e, quando foi do Pan-Americano, o concurso que prestou a Rio Branco pôde ser tido como inestimavel.

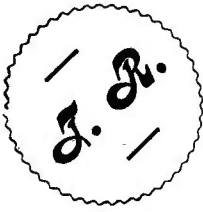
Logicamente, portanto, Bilac devia vir a ser, dos cincoenta aos cincoenta e tres annos, o que de facto foi:



um apostolo, tão grande nos sonetos serenos de seu novo livro ainda não impresso Tarde, como na campanha pugnaz pela adopção do serviço militar obrigatorio.

A fundação da Liga da Defesa Nacional e as suas allôcuções cívicas no Rio Grande e em S. Paulo, ficarão como verdadeiro alicerce de uma nova era. Foi a sua trompa maravilhosa que reuniu ao redor da Bandeira as energias dispersas e o anseio de todos os moços por um outro Brasil, diverso deste, forte, trabalhador, instruído. A tenacidade que elle poz na prosecução de tão nobre programma é um documento brilhantissimo de sua fé patriótica.

Chronicas e Novellas, Critica e Phantasia, Ironia e Piedade, Conferencias Litterarias, Poesias, tudo isso servirá para lhe marcar na historia litteraria do paiz um altissimo posto, pela superioridade de seu estro e pela maravilhosa belleza de seu poder de expressão. Mas onde melhor se verificará de futuro a excellencia de seu coração de Brasileiro, será na profusão succulenta dos livrinhos didacticos que elle escreveu para as crianças das escolas e nas cento e quarenta paginas do volume de discursos A Defesa Nacional, evangelho da mocidade brasileira actual, que não quer apodrecer na descrença e ha de saber honrar a me-



moria do incomparavel guiador que desapparece, seguindo e adoptando a sua lição e o seu conselho, e preparando para o nosso paiz dias melhores, dias de saude e de força, de disciplina e de fé, de confiança e de abnegação, horas supremas de belleza, como o grande poeta sonhou e antevio no desdobramento de sua incomparavel prégação civica.

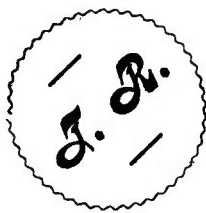
Paz á sua alma e louros de gratidão sobre o esquife que leva á derradeira morada o cantor egrégio, desde já para sempre redivivo no fulgor perpétuo de sua arte e na pureza e formosura de seu lindo apostolado destes ultimos annos.!

NOTAS BIOGRAPHICAS .

O Sr- Olavo Bilac foi dos maiores poetas da lingua portugueza, e o seu nome fulgurará cada vez mais á proporção que a nossa civilização fôr-se engrandecendo e as nossas glorias, mercê desse engrandecimento, forem sendo mais conhecidas e exaltadas.

Não ha, de facto, na lingua portugueza, poeta contemporaneo que com mais paixão cantasse lindas cousas em versos assim impeccaveis.

Os nossos românticos foram relaxados na fôrma.



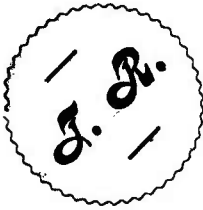
Exprimiam-se sem elegancia e sem correcção gram-
matical.

O Sr. Machado de Assis foi o primeiro que reagio. Os rapazes que de 1875 a 1885 começaram a adoptar o parnasianismo francez, tiveram de cuidar da lingua para poder seguir as normas da nova escola de impecabilidade plastica.

O Sr. Olavo Bilac sobresahio nesse grupo pela sua singular maneira de poetar. Era parnasiano pela pureza da linguagem, pelo rigor da technica, esplendor da versificação e variedade de rimas; mas era, ao mesmo tempo, vibratil, ardoroso, apaixonado e sensivel. Nos seus versos de amor, tinha um calor sensual, que fugia das regras de Banville, de Lecoute ou Heredia, mas a factura era tão limpida e serena que os mais intransigentes nada tinham de exigir. Disso resultou a fluencia de seus versos, a sonoridade natural que em outras linguas é mais commum nos romanticos do que nos parnasianos, a graça das expressões, o colorido das imagens.

Por isso, o Sr. Olavo Bilac conseguiu o que nenhum outro poeta parnasiano obteve aqui, ou em outro qualquer paiz, ou em outra qualquer lingua: ser popular.

O successo do Ouvir estrellas e outros sonetos da



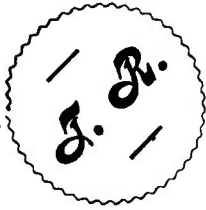
Via Lactea não foi, no começo de sua carreira, com menos de vinte annos, apenas litterario; foi popular e, quando publicou em 1888 o seu primeiro livro, as suas composições vulgarizaram-se e o poeta da Tentação de Xenocrates foi lido e relido por quasi todos os Brasileiros lettrados.

Contribuiu depois para a sua celebridade a sua collaboração na imprensa. No Correio do Povo, como antes na Gazeta da Tarde, na Cidade do Rio, na Gazeta de Noticias, na Noticia, na Republica, na Bruxa e em outros jornaes, o Sr. Olavo Bilac foi um chronista cheio de imprevisto, observação e clareza.

A poesia do Sr. Olavo Bilac foi, na sua primeira phase, sensual, erotica, de um optimismo sadio e gosador. Foi a sua época de expansão, de alegria, e foram esses versos que o consagraram.

A Tentação de Xenocrates, a collecção da Via Lactea, as Sarças de Fogo, foram poemas e sonetos que souberam fazer vibrar a nossa alma apaixonada de Brasileiros.

Na sua segunda phase, depois dos trinta e cinco annos, o Sr. Olavo Bilac ficou menos ardoroso, mais philosophico e melancolico. E' que andava doente. Um mal que não perdôa depauperou a saude do poeta antes dos quarenta

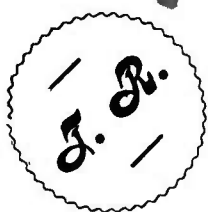


annos, e assim o victorioso da imprensa e da tribuna de conferencias, o cantor applaudido de todos, teve de viver mais retrahido, fazendo continuas viagens á Europa para proseguir um tratamento especial.

Seus versos dessa segunda phase, os que conservam a fluencia antiga, são de uma grande belleza e de um vago e melancolico symbolismo. Tarde é resignado e nessa resignação ainda ha o antigo optimismo... Noutras, porém, já ha tristeza, confissão de um desmoronamento, de um ideal. A sua melancolia, provinha, disse elle, da tristeza que tinha sido e do esplendor que deixara de ser...

Deixara de ter esplendor, porque estava doente. Porque teve todas as glorias que a popularidade póde dar no Brasil. Quando em publico recitavam seus versos, os applausos eram excepcionaes e se estava presente era obrigado a levantar-se para ser acclamado... Quando fazia conferencias, o publico affluia !

A sua vida jornalística começou na Gazeta De Noticias, cujas collecções guardam numerosas producções suas, de todos os generos. Foi um grande amigo de Ferreira de Araujo, a cuja memoria dedicou o seu penultimo livro, Iro-
nia e Piedade.



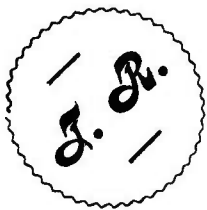
zes na casa, para beijar a mão da linda senhora, e segredar-lhe ao ouvido um galanteio rimado: o que eu queria era um posto na intimidade, um quarto no castello, um lugar certo na mesa.

Essa satisfação tardou, mas veio. Entrámos dous, no mesmo dia, ambos chamados pelo bom sorriso daquelle doce mestre que foi Ferreira de Araujo.

Entrámos no mesmo dia, 24 de Abril de 1890.

Aquelle, que entrou comigo, morreu poucos annos depois, em 1895: era Pardal Mallet. Juntos fundaramos A Rua, um jornal que morreu de mal de sete... mezes, e logo depois viemos collaborar effectivamente na Gazeta. Alguem, ao saber a estréa dos dous, disse com malicia: "singular idéa esta, de hospedar macacos em loja de louça!", o que, até certo ponto era justificado pela reputação revolucionaria que traziamos das paginas vermelhas d'A Rua. Mas nada quebrámos: ou, se, por excesso de mocidade e ardor, jogámos no chão alguma chicara ou algum prato — a benevolencia do mestre, que sempre foi moço até a velhice, desculpou logo a estroinice. E durante quasi 18 annos, ainda depois do fallecimento de Ferreira de Araujo, aqui fiquei. "

Assim, só em 1890 começou o Sr. Olavó Bilac a collaborar effectivamente na Gazeta, fazendo chronicas e ou-



tras secções.

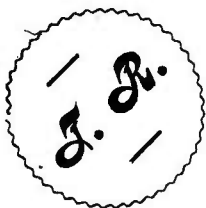
Foi official maior da Secretaria do Interior do Estado do Rio de Janeiro, no Governo do Sr. Francisco Portella.

No começo da Republica, o Sr. Olavo Bilac, que fôra no Imperio republicano e abolicionista, foi jornalista, politico, e se destacou ao lado de Pardal Mallet na opposição ao Marechal Floriano Peixoto.

Foi secretario do Combate, do qual era redactor-chefe Pardal Mallet. Escreveu muito contra o Marechal e foi, por isso, varias vezes ameaçado e perseguido pela policia, resolvendo retirar-se para Juiz de Fôra, onde esteve em companhia do Sr. Magalhães de Azeredo. Ao regressar ao Rio de Janeiro, apesar de terem garantido que nada soffreria, por não haver ordem contra elle, foi preso e por determinação do então Chefe de Policia, Coronel Valladão, sendo recolhido a uma sala da Policia Central e depois transferido para a fortaleza da Lage.

O Sr. Olavo Bilac referia-se a esse tempo com amargura ironia, dizendo, entretanto, que muito lucrara com a companhia do mar e porque, no silencio, se confortara comsigo mesmo e apprehendera a perdoar os homens de sua época.

Conta-se que Floriano, que não tivera conhecimen-



to da detenção do poeta, dizendo quando soube da prisão:

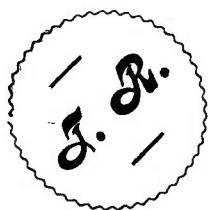
— E' outro que irá dizer mais tarde que o persegui... O leão foi responsavel por todas as perfidias dos chacaes !

O Sr. Olavo Bilac fundou com o Sr. Julião Machado a Cigarra e a Bruxa; escreveu na Gazeta, em secções, o celebre conto o Frivote e succedeu ao Sr. Machado de Assis na chronica semanal.

A sua primeira collecção de Chronicas e Novellas, foi publicada em 1913. Collaborou em muitos outros jornaes, na Cidade do Rio, de José do Patrocínio, de quem era grande amigo, e na Noticia manteve uma secção diaria chamada o Registro, de onde tirou grande parte de seu livro Critica e Fantasia.

Na Gazeta, sob o pseudonymo de Fantasio; na Cidade do Rio, na Republica, e na Noticia, sustentou durante largo tempo collaboração e muitas das suas chronicas marcaram grande successo e fizeram sensação. Assim, a chronica Salamina, dedicada aos rapazes de sport nautico, foi de enorme repercussão e as sociedades do remo offereceram ao poeta um banquete de agradecimento.

O Sr. Olavo Bilac foi dos mais finos chronistas

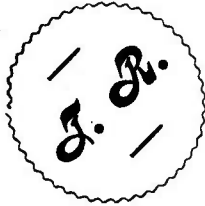


da vida carioca, desta linda cidade, em que nasceu e que tanto amava. De 1890 a 1900 acompanhou toda a evolução da cidade, cantou sua beleza, entoou hymnos ás nossas cigarras, ao nosso sol, á beleza das mulheres, ao encanto, á graça innata das cariocas. A expressão carioca, como denominação do filho ou habitante do Rio, ~~voltou a ser popular~~, substituindo ao antigo fluminense, graças ás applicações que della sempre fez o grande poeta, que foi dos maiores chronistas das delicadezas do nosso temperamento, da attracção da cidade e da gloria do nosso sol.

A ternura com que fallava das nossas cousas, o carinho com que se referia aos habitos da cidade, a belleza commovida com que traçava o perfil dos nossos typos femininos, fazem do Sr. Olavo Bilac o mais forte e justo chronistas do Rio, no periodo de transição do fim do seculo XIX para o começo do seculo XX.

Os quadros impressionistas que deixou da cidade, os perfis dos cariocas que traçou com tanta elegancia e emoção, ficarão como obras de arte e como documento da nossa vida urbana e da nossa raça.

A sua ultima conferencia teve por thema a Rehabilitação do Brasil, e foi feita em S. Paulo, na Sociedade de



Cultura Artistica, tendo sido tirada desse trabalho uma edição pela Renascença Portuguesa.

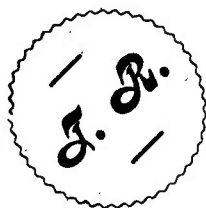
Na academia, onde recebeu Affonso Arinos, occupava a cadeira de Gonçalves Dias, por quem tinha grande admiração e a quem pretendia consagrar um estudo especial.

Nas suas chronicas, o Sr. Bilac chamou sempre Gonçalves Dias de primeiro poeta do Brasil.

O Sr. Olavo Bilac, que viveu largos annos afastado da politica, interveio nos ultimos oito annos, mas sob um ponto de vista elevado e superior. Depois de um discurso celebre, na Faculdade de Direito de S. Paulo, defendeu sempre a necessidade do serviço militar obrigatorio e o seu appello enthusiasmou a muitos jornalistas e jovens, e assim o poeta póde ser considerado um dos promotores do resurgimento civico dos ultimos annos. Foi tambem fundador da Liga Nacional, que tantos serviços prestou a esse movimento patriotico.

Doente, o Sr. Olavo Bilac deixou de escrever nos jornaes e só de quando em quando accedia a fazer uma conferencia, aqui ou nos Estados, onde sempre era recebido com festas excepcionaes.

O chronista do Rio tinha sempre um carinho espe-



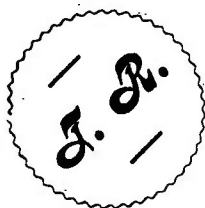
cial por sua terra natal. Indo frequentemente á Europa, dizia cheio de ternura, quando voltava: "Isto é uma pobrezinha, cheia de belleza, feita para ser amada. Entretanto, fazem della o que se fazia nos mercados das que cahiam nas mãos dos rufiões. O que vale é que ella tem em si a força e a belleza, que são dotes divinos. Os máos homens hão de desaparecer e ella então surgirá em todo o seu esplendor, maravilhando o mundo".

O Sr. Olavo Bilac, nos ultimos annos, fez continuas viagens á Europa.

Ia ao velho mundo para ver, estudar, descansar ou proseguir um tratamento necessario e assim 17 vezes foi á Europa, tendo na ultima partido de França por occasião do fracasso do ataque a Verdun.

O livro Tarde está todo dactylographado. O Sr. Olavo Bilac era muito methodico no seu trabalho e assim suas composições eram copiadas e coordenadas com muito carinho.

O poeta ardente dos primeiros tempos estava agora voltado para os mysterios da vida e da morte. Assim, um dos seus ultimos sonetos — E U T H A N A S I A , pertencente á collecção dos 98 da Tarde, revela esse singular estado de alma, numa obra prima de arte:



Antes que o meu espirito no espaço
Fuja em suspiro ethereo e vago fumo
— Em versos e esperanças me consumo,
E espalho sonhos pelo bem que faço.

Até no instante em que seguir o rumo,
Para o somno final, no teu regaço,
O' Terra, eu sorverei no extremo passo,
Da vida, em febre, o capitoso summo.

Seja a minha agonia uma scentelha
De gloria ! E a morte no meu grande dia,
Pairando sobre mim como uma abelha,

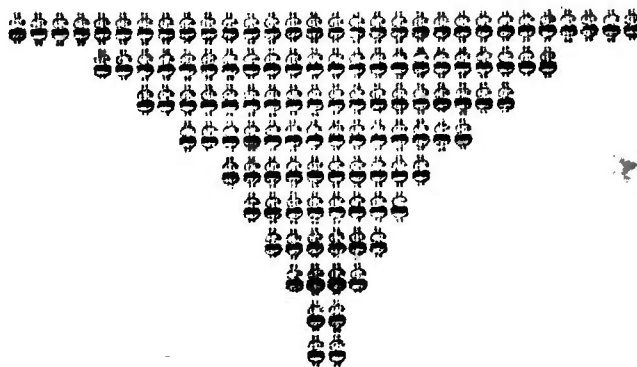
Sugue o meu riso de ultima alegria,
O meu beijo supremo, flor vermelha,
Embalsamando a minha bocca fria !

Em artistas como Olavo Bilac, o proprio sopro da
morte produz calafrios divinos e se concretiza em versos ma-
ravilhosos, que ficarão para sempre exprimindo sentimentos
eternos.

R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$
 \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$
 R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$
 \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$
 R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$ R \$

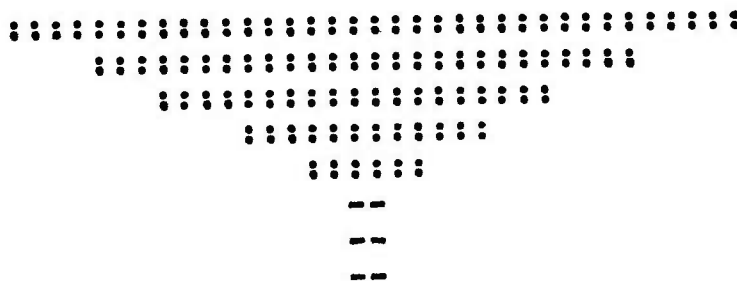


Olavo Bilac, o grande poeta, quando em seu gabinete de trabalho, entregava-se à feitura do Dicionário Analógico da língua portuguesa



OLAVO BILAC.

Admiravel trabalho que sobre OLAVO BILAC publicou no "Diario del Plata", de 5 de Janeiro de 1919 o grande jornalista Uruguayo Sr. Antonio Bachini e que foi especialmente traduzido para "O Paiz" de 27 do mesmo mez e anno.



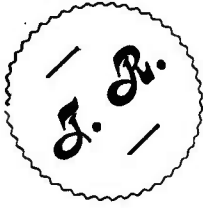


OLAVO BILAC.

Reproduzimos, especialmente traduzido para "O PAIZ" de 27 de Janeiro de 1919, o admiravel trabalho que sobre OLAVO BILAC publicou no Diario del Plata, de 5 do mesmo mez e anno, ANTONIO BACHINI, o grande jornalista que é uma das mais bellas mentalidades e uma das mais prestigiosas figuras do Uruguay contemporaneo:

" É bem justo que o lucto do Brasil, pela morte de Olavo Bilac, repercutisse em nossa imprensa e no espirito dos nossos homens de letras, com caracteres de lucto proprio. Afóra o laço pessoalque, desde muitos annos, unia o grande poeta aos jornalistas e escriptores do Rio da Prata, existem meritos, antecedentes e circumstancias que apresentam Olavo Bilac com o traço e aureola de uma gloriosa individualidade sul-americana. E, neste caso, a phrase, algo vulgar, perde todo convencionalismo, porque os factos, no seu valor exacto, só admittem uma interpretação e um aspecto.

A acção e a gloria de Olavo Bilac pertencem tambem á nossa America, não só pelo prestigio irradiado da sua expressão americana, como tambem porque assim o quiz,



através de afirmações relevantes de vontade, o eminente pensador, ao determinar a natureza e o alcance internacional da sua obra.

Foi Bilac, com efeito, além de poeta e sonhador de arte, um collaborador entusiasta, no sentido pratico, generoso e humano, desse elevado pensamento internacional que hoje chega, felizmente, a uma definitiva realidade e que consiste na aproximação e na sincera concordia entre os povos do continente. Promoveu iniciativas, advogou formulas, e, quando não pôde fazer outra coisa, Bilac congregou magnificamente o vigoroso esforço da sua intelligencia com a acção de illustres estadistas brasileiros, que, como Campos Salles, Rodrigues Alves, Rio Branco e outros, prestigiaram e serviram á mesma sábia e fecunda politica.

Hoje tudo isso parece suave, facil, em a sua actuação prestigiosa; naquelles tempos, porém, ainda confusos, saturados de receios e de prevenções chauvinistas era assumpto melindroso que, ao ser abordado, reclamava profunda convicção, firmeza de character, propositos resolutos e uma clara percepção do porvir solidario e fraternal, sonhado para as nações da nossa America. E esses foram os sentimentos definidos e a antecipada visão americana de Bilac.

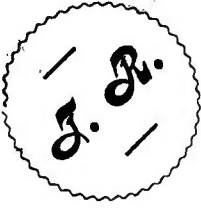
O jornalismo, a oratoria, a cathedra ,



a correspondencia epistolar, até o dialogo quotidiano serviram para a sua diffusão de idéas, quando--sempre altuista, modesto e obstinado--aproveitou todas as occasiões para combater aquellas velhas desconfianças e absurdas cavilozidades, perseverando, sem jactancias, no empenho de cooperar na desejada fusão de affectos e interesses continentaes. Perseguindo esse anhelo, Bilac realisou frequentes viagens ao Prata; cultivou amizades, estabeleceu companheirismos, fez amar sua patria pelas conquistas do talento, através da sua galhardia de alma e em todos os instantes actuou como previligiado collaborador de tão alta e singular empreza.

Não desconhecemos nem diminuimos, é claro, a importancia, nem a influencia correspondente á diplomacia official em actos felizes de fraternidade americana, porém é justo reivindicar para Bilac, em homenagem á sua memoria immortal, a parte da gloria que tambem lhe corresponde e que se reflecte, do mesmo modo, sobre seus camaradas e companheiros de idéal, em face da realizacão de concordancias moraes e politicas tão honrosas para a civilizacão, quando fecunda para a vida das nossas jovens nacionalidades.

Quando Bilac fundou, como elemento auxiliar desses fins, sua agencia de informacão internacional, nos

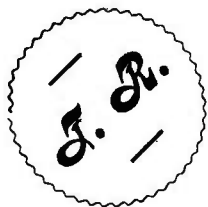


honrou com uma carta, que contém amplamente a expressão do seu pensamento e que, ao confirmar suas conhecidas tendencias, justifica a admiração que tributamos ao illustre americanista, philosopho e poeta, nesse rasgo do seu amor á harmonia e ao bem estar humanos.

Apesar dos mitos, annos transcorridos, ainda nos parece assistir ás encantadoras reuniões, nem sempre discretas, daquelle grupo jornalístico, cenaculo bohemio e errante, em que figuravam Felix Bocayuva, Azevedo Sobrinho, Rabello, Rocha, Abreu, Hollanda... e tantos outros deliberando em torno de uma meza da velha Confeitaria Colombo, ou em um ponto da magnifica bahia, em frente da "pedra furada", ou nos cumes selvaticos e maravilhosos da Tijuca. Quanta explosão de espirito juvenil, quanta confiança no futuro, quanta sinceridade nas promessas de uma acção commum!

Bons e nobres amigos, que o tempo foi supprimindo, mas cuja imagem vive na gratidão dos que conheceram sua cavalheresca sensibilidade e apreciaram, de perto, seus sentimentos !

A inevitavel lei da renovação modificou a scena e mudou os actores. Forças novas do jornalismo occupam os postos dos desaparecidos e dos cansados.



Mas, nossas ultimas visitas á cidade incomparavel, ao Rio, nos convenceram de que a familia intellectual do Brasil é sempre a mesma; de que sua cortezia hospitaleira não variou e de que é immutavel a igualdade de espirito mantida entre aquelles generosos moços do passado e estes gentis jovens do presente, que, em definitivo, não são senão os saudaveis velhos do futuro.

Affectuoso, espontaneo, de inesgotavel bonhomia, Bilac era o amigo por excellencia, correcto sempre, com a virtude de influir no espirito estranho, dessimulando a superioridade e o brilho do proprio talento. Era sempre o mestre, mas ensinava sob o aspecto sympathico de um sincero afan de aprender. Sem grandes recursos de fortuna, resolvia de modo stoico as questões de dinheiro.

Embora sonhador, amava e trabalhava; era activo e nervoso, e sentia intensamente o prazer da producção tanto no momento da inspiração litteraria, artistica, quanto na dura tarefa do jornalismo, na qual não recusava polemicas, nem debates ardentes, por mais que seu temperamento cavalheiresco, em harmonia com a qualidade do seu cerebro se inclinasse á solução de idéas e não ao choque esteril das paixões. Nas horas alegres do cenaculo, que eram as más, Bilac pagava brilhantemente e sem medida o imposto litterario



que lhe impunham seus amigos. Improvizações, recitativos, anedoctas festivas, criticas, tudo quanto a roda indicava.. .

Séria, destinada ao momento reflexivo, era a recitação do CORVO, de Edgard Poe, tradução portuguesa. Com que emoção artistica e com que accentos patheticos realizava Bilac as bellezas do tormentoso poema! Aquillo que tantas vezes recitado por Bilac, havia arrancado lagrimas femininas, dominava e entristecia um grupo de homens intelligentes, reunidos a deshoras, em um canto da cidade buliçosa, e produzia o milagre de abstrahir os tresnoitados, transformando-os em ouvintes absortos, religiosos, dignos de commungar no mais solemne templo de arte.

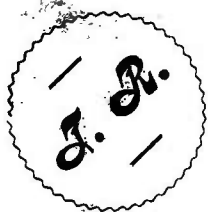
Resoava no silencio a voz, grave e commovida, do officiante. O corvo diz: "NUNCA MAIS! NUNCA MAIS"! E Bilac cahiu sobre a cadeira, fatigado, tremulo, como o actor que acaba de realizar o maior prodigio da interpretação na scena.

Naquellas reuniões tivemos a fortuna de conhecer, pela bocca do autor, as mais bellas poesias de Olavo Bilac. Que obra e que interprete ! Possuia Bilac, para o recitativo, como para a oratoria, esse segredo da dicção que tanto distinguiu e dâstingue, nos seus exitos, o nosso glorioso Zorrilla de San Martin. Essa emoção communicativa ,



Rinascono

MONOLOGO — Quadro a olio de H. Bernardelli



contagiosa, que vibra nos matizes da palavra, na gradação da voz e que penetra, como uma musica irresistivel, no ouvido e na alma do auditorio. Talvez a esses efeitos se referia o psychologo e critico francez quando disse que a poesia é uma musica que pensa. Nós accrescentariamos: e que faz pensar.

Bilac ensaiou, com exito, diversos generos poeticos, sem excluir o satyrico--que parecia o menos amoldavel ao seu character. Mas, sua obra fundamental, a que viverá enquanto subsistir o sentimento do bello, repousa sobre a concepção lyrica, no que se entende por unica e verdadeira poesia. Seus versos são nitidos, harmoniosos, ricos de exquisita sensibilidade, sobrios em imagens. E naquelles em que intervem o pensador e o philosopho, se conserva o calor da inspiração e a pureza das linhas, a fórmula classica. Algumas vezes o ouvimos lamentar-se das deficiencias do seu idioma, tanto no tocante a elementos de expressão e capacidade do lexico portuguez, quanto em relação ao numero limitado dos povos que possuem directamente essa lingua. Houvera desejado dispor de outro instrumento da expressão mental---o francez o encantava. Mas concluia, afinal, com um rasgo de philosophia patriotica, exclamando: "Que diabo ! É nossa herança , é o nosso, é o que devemos conservar !" E passava a outro assumpto.



Vimos Bilac, pela ultima vez, ha dois annos. Foi um encontro casual, no interior do Estado do Rio Grande do Sul--- em Santa Maria, a pittoresca cidade das montanhas. Ultimo abraço ! Bilac affectava profunda indignação diante do bigode branco dos que haviam figurado na sua roda de juventude. Como se póde ir publicando desse modo a idade daquelles que, entretanto, se sentem jovens ? ! Oh ! caro velho ! accrescentava, é preciso disfarçar isso, nem que seja com tinta de impressão!

Na apparencia, Bilac estava forte. Mostrava-se erecto, agil, enthusiasta e alegre. Referiu-nos sua campanha patriótica, destinada a levantar o animo e a orientar o espirito da juventude brasileira. Se o Brasil é uma força, dizia: --tem de organizar essa força, para que se a conheça bem e a propria Nação tenha consciencia do seu poder. Bilac previa o conflicto internacional e a necessidade de que seu paiz acompanhasse os Estados Unidos do Norte. Enquanto assistia ao primeiro ensaio da conscripção militar no Brasil, propugnava a organização das escolas de tiro e realizava conferencias patrióticas.

Para isso havia regressado de Paris e nessa actividade o encontrámos. Divergiamos em algo, porém foi grande sua satisfação ao ouvir nossos sinceros parabens a proposito dos batalhões de conscriptos que acabavamos de



ver em Porto Alegre, formados por uma mocidade vigorosa, realmente nacional, em que figuravam mocetões de dois metros de altura, descendentes de allemães e italianos, porém mais brasileiros de alma que Tiradentes.

Nobre Bilac! Ferido já de morte pelo mal incuravel, fallava dos seus projectos, do futuro, do prestigio da Patria, com o enthusiasmo e a segurança de quem tivesse á sua disposição inexgotaveis reservas do tempo e de vida. É que seu grande espirito, como ave dos pinaros, vivia acima das miserias phisicas e ignorava a desintegração diaria e fatal do perecimento !

Ultimo abraço ! Desta vez, sim, a ave fatidica de Poe abateu, com mortal influencia, sobre a fronte gloriosa do grande poeta e nobre amigo. E, ao associar as velhas recordações á dôr presente, fácil nos seria imaginar que a grave e commovedora voz de outros dias vem hoje a resoar em nosso peito, repetindo, como uma verdade desoladora, o amargo e dolente estribilho do poema: "NUNCA MAIS ! NUNCA MAIS"!

ANTONIO BACHINI.

(O PAIZ----27 de Janeiro de 1919.)



RESPOSTA A OLAVO BILAC.

E, heroico, estalará, num final, nos clamores
 Dos arcos, dos metaes, das cordas, dos tambores,
 Para glorificar tudo que amou na terra !

OLAVO BILAC.

Para glorificar o que amaste na terra
 De fórma que ella, assim, futuro em fóra, o assista
 No seu theatro de amôr, de orgulho ou de conquista,
 Basta o que ha no teu estro e entre os teus versos erra.

Para ella o orgulho ter do que em seu seio encerra,
 Não precisa estalar teu coração de artista
 Na alta instrumentação, na estranha orchestra mixta,
 De cordas e metaes e tambores de guerra.

Elle, o teu coração, fibra a fibra, resoando
 Na augusta vibração em que o genio delira,
 Perpetuará melhor o que amaste cantando,

Nesse unico instrumento em que a paixão suspira
 Ou ruge num clangôr tremendo e formidando:

— Tua Humana e Divina e Immorredoura Lyra !...



NA GLORIFICAÇÃO DE
OLAVO BILAC.

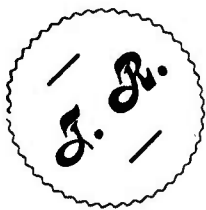
Como é bom elogiar quando nasce o elogio
De um entusiasmo assim, de uma emoção sincera.
Corre, sobre o papel, a tinta, como um rio
A correr na caudal que o declive accelera !

Os vocabulos vêm, espontaneos, a fio,
Como os sorrisos são que um são deleite gera !
Rebenta o applauso em nós, vigoroso e sadio,
Como rebenta a flôr em plena primavera !

Eis porque sou feliz, em vêr glorificado
Fóra da inveja hostil, do despeito perverso
O prosador querido, o poeta muito amado !

Da arte, no sangue real, tens o teu estre immerso,
Porém, não basta, Mestre ! um simples principado
— A quem é rei na prosa e imperador no verso !

EMILIO DE MENEZES.



A REPERCUSSÃO DA MORTE DE BILAC EM
S. PAULO.

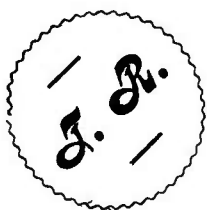
-£-

---Como a noticiou o ESTADO DE S. PAULO de 29 de Dezembro de 1918.---

)-(

Friamente, brutalmente, laconicamente, como sóe acontecer em conjuncturas taes, chegou-nos, hontem, do Rio, pelo telegrapho, esta amarga e dolorosa noticia: morreu Olavo Bilac. Não podemos dizer que a triste nova nos colhe e nos esmaga de surpresa. Sabiamos, desgraçadamente, ha muito tempo, que a vida do poeta estava em risco. E desde então esperavamos e temianos a cada passo, o desastre que agora se consumou. Mas tão lamentavel se nos figura esse lamentavel acontecimento, tão calamitoso e funesto o julgamos para o Brasil, que, embora previsto com torturante antecedencia, é com a brutalidade das catastrophes subitaneas que o vemos desabar.

Tambem isso pertence ao rol das coisas inevitaveis. Mal secreto e enganador, a esperanza, sómente para

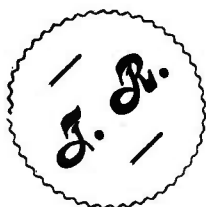


o manter alheio á realidade, povôa o coração humano. Ouviamos-lhe a voz consoladora e fallaz. Quem sabe — segredava-me a perfidia — quem sabe se, por um surto milagroso da saude, aquelle organismo combalido, porém ainda moço, não vai reanimar-se e reflorir triumphante ? Quem sabe se as forças prodigiosas daquelle espirito incomparavel, agindo formidavelmente sobre a materia fatigada, não lograrão galvanizal-o, insufflando-lhe a vida que lhe escapa. E a confiança voltava. De maneira que, ao chegar agora o desengano, a despeito dos avisos contristadores, que o annunciavam, estavamos tão despreparados para acolhel-o, como se jámais o tivéssemos presentido. Elle nos attingiu, de facto, improvisamente, qual raio inesperado, que de repente estala em céu escampo.

Olavo Bilac ! Quem desconhecerá no Brasil, e mesmo fóra d'elle, a grandeza descomunal deste nome ? Quem ignorará a sua alta significação social, intellectual e moral ? Ninguém. Porque Olavo Bilac, pela força do seu genio, pelo esplendor da sua fé e pela pureza das suas intenções, vivia no espirito e no coração dos brasileiros. Ainda aquelles que o combatiam, e eram poucos, pouquissimos, e infinitamente pequenos, lhe prestavam involuntaria vassalagem, como a terra obdece ao sol, que a allumia e aquece, embora girando so-



bre o seu eixo imaginario. Durante mais de trinta annos elle fecundou os espiritos juvenis com es principios da sua arte fina, medida e elegante. Educou, pela propaganda e pelo exemplo, o gosto pervertido da sua geração, offerecendo-lhe nos seus versos maravilhosos, e na sua prosa encantadora, impereciveis modelos de belleza e de graça. Delejou no jornal, na tribuna e no livro, para que se renovassem, com os moldes literarios, os habitos sociaes do povo. Combateu o analphabetismo e guerreou a estupidez. Pugnou heroicamente, numa lide prolongada e renhida, pela completa remodelação da urbs, admiravel, onde tem assento o governo da patria e onde vive a flor do seu intellectualismo brilhante. E, por fim, attingindo o portico da velhice, quando lhe seria licito o repouso, á sombra de tantos louros, com tanto brilho conquistado, votou-se generosamente, a esse estupendo trabalho de evangelização patriotica, de serena e fecunda sementeira civica, que é a cupola fulgente da sua vida abençoada de heróe, de cidadão e de vate. Não foi, portanto, simplesmente, um homem superior e raro, cujo talento polyforme, batido pela luz cambiante da inspiração poetica, se irisava e accendia em fulgurações de arrebol, offuscando os olhares embevecidos e inflammando os corações sensibilizados. Re-



presentava um typo mais elevado e complexo. Era uma dessas figuras cyclicas, que desabrocham, ás vezes, entre as raças obscuras, marcando um estagio da civilização alvorescente ou symbolizando o passageiro apogeu da genialidade do povo.

Originario de antiga familia brasileira, de sangue genuinamente portuguez, bem cedo elle decifrou o enredado enigma da sorte. Nascera poeta. Não o podia illudir aquelle instincto da belleza, que, rebellando-o contra as severas prescripções paternas, o transportava, em espirito, ao risonho paiz da fantasia. Uma voz mysteriosa e suave lhe vibrava dentro da alma, convocando-o, imperiosamente, ao convicio repousante das musas. Se era esse o seu destino, cumpria obedecer-lhe. Bilac teve a suprema coragem de o fazer. Repudiando mais faceis glorias, mais seguro, rendoso galardão, tomou da sua joven lyra e espalhou nos ares o seu joven canto.

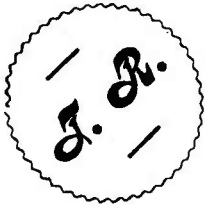
Foi um triumpho. Nas alturas sonoras do Parnaso, povoadas de tantas vozes amenas e distinctas, acclamou-o a sympathia exigente dos velhos, victoriou-o o entusiasmo borbulhante dos moços. E logo muitos destes, esquecendo a confusa melodia do côro tradicional, se agruparam á volta d'elle, como discipulos fieis em torno de um mestre amado,



para só ouvir a musica estranha e deliciosa, que tangia o recém-vindo. Quem era elle ?

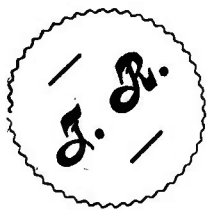
Quem lhe puzera nas mãos de adolescente instrumento tão docil e afinado ? Quem lhe desvendara o segredo da arte subtil e poderosa, que devia possuir, para modular assim docemente aquellas doces, ignotas harmonias ? Os seus carmes tinham um recorte inédito e mais gracioso. A sua lingua, viva, polida e compassada, coloria-se de matizes originaes e sonorizava-se de gammas desconhecidas. As suas rimas, — gemmas pelo fulgor e raridade, — se engastavam nas estrophes impeccaveis com a naturalidade de astros que se encastoam no firmamento. Quem era elle ?

Um novo. Mas um novo audaz e avisado. Vira morrer lentamente, dessorada pelo abuso do subjectivismo sem peias, a forte escola romantica que nos deu Alencar e Gonçalves Dias. Vira nascer pomposamente, como esperada e soberana majestade, o pomposo verso dos parnasianos e a prosa fria, calculada, geometrica, dos filhos de Zola. Tornar aos moldes do cantor dos "Tymbyras" seria um anachronismo. Seria uma extravagancia ultrapassar as raias do systema, que apenas se inaugurava. Ficou onde estava, isto é, no presente. Abraçou a prestigiosa religião da belleza pura e penetrou no templo ainda meio deserto, onde se cultuava



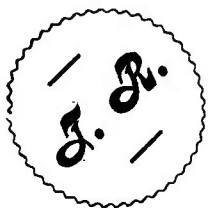
uma deusa nova — a Fôrma.

Quando, porém, a originalidade dos homens é robusta, espontanea e real, nem a regra asphyxiante das egrejas consegue suffocal-a. Bilac denotava um profundo vigor inventivo. Não seria, portanto, em nenhuma hypothese, um apagado repetidor das formulas consagradas. Inscrevendo-se no rol dos parnasianos, aceitou os dogmas fundamentaes da escola, isto é, aquelles que diziam respeito á estructura do verso e a irreprehensivel justeza da expressão. Mas jamais consentiu ou consentiria em quebrar o transbordamento natural do seu estro, afim de constrangel-o, numa passiva observancia dos canones rituaes, a versar, unicamente e impessoalmente, os themas classicos das paisagens do Oriente, dos encantos da Grecia e da vida pagan. Não ! A inspiração havia de correr-lhe desenvolta, opulenta e veloz, como correm as torrentes livres das serras entre as flores agrestes e desnudas penedias. Para que refrear os estros da emoção e os impulsos do sonho ? Para alcançar equilibrio e serenidade ? Saiba o artista vestir a idéa com singeleza, precisão e graça, e o alvo estará ferido. Porque não é torcendo o pensamento que se chega á perfeição, mas sim polindo-o, moldando-o, aformoseando-o. De outro modo não procede o ouriveis no seu officio, tão



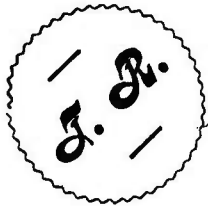
congenere, pela finura, com o do artifice da rima. O ouriveis, recebendo o rubi grosseiro, desbasta-o, lapida-o. E, quando elle fulge, emfim, facetado porém integro na sua transparencia e na sua cor, encrava-o com affecto no aro rebrilhante.

Tal foi o seu credo. Elle revolucionou a poesia no Brasil e impediu que degenerasse aqui, como alhures, em tyrannia esterilicante e nociva, a benefica influencia dos Banvilles, Heredias e Lecontes. A preocupação parnasiana, sendo exclusiva e absorvente, ameaçava fazer do verso uma coisa gélida, retumbante e ôca, como um sarcophago vazio. Tirava-lhe o character, a vibração, o calor, e transformava o bardo numa especie de papagaio solenne, que repetia sempre solennemente as mesmas phrases solennes. Bilac, com o seu profundo lyrismo, cfeou um verso de puro estylo parnasiano, mas onde debalde se procurariam as ridiculas affectações da idéa, sentimento e expressão, em que incidiram tantos outros. Poude assim renovar a poetica brasileira e preservar o seu proprio genio dos perigos da imitação. Com effeito, publicando a "Via Lactea", o "Caçador de Esmeraldas" e não sabemos quantas outras inspiradas maravilhas, mostrou como estava ao alcance do artista chegar á suprema belleza da concepção e da fôrma, sem recorrer aos muros ar-



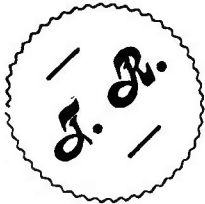
ruinados de Athenas e aos termos raros, rebuscados, preciosos. A sua maneira sobria e ardente, discreta e vigirosa, teve logo imitadores. E actuou tão vivamente sobre os contemporaneos, que ninguem mais, depois d'elle, ousou cantar aqui, em versos mais monumentaes do que templos e mais impassiveis que marmores, a desvanecida formosura de Aspasia e a perpetua adustão dos areias africanos. Todos o acompanharam na intelligente americanisação do parnasianismo, que elle concebeu e praticou. A tal ponto, que não ha hoje, no Brasil, poeta grande ou pequeno, que se conserve extreme de influencia bilaqueana.

Se consideravel foi, como se vê, o seu papel na litteratura, menos não foi o que lhe coube representar fóra della. Na riqueza do seu temperamento, se por um lado propendia para o grupo ectactico dos contemplativos, por outro se filiava Bilac á classe heroica dos lutadores. Dahi a sua presença quasi continua, durante estes ultimos trinta annos, na tribuna e no jornal. Ainda muito moço, elle estava ao lado de Patrocínio, combatendo a escravidão. Depois será a Republica o alvo dos seus sonhos de campeão. Mais tarde, já homem maduro e experiente, o problema sempre insolúvel da educação infantil, o saneamento do Rio de Janeiro, outros ideaes nobres, desinteressados e uteis, ab-



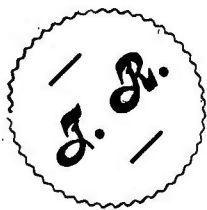
sorverão os cuidados da sua penna. Mas, nenhuma dessas campanhas, conduzidas com brilho, tenacidade e tacto inegalaveis, teve a importancia, a amplitude e o alcance da derradeira que lhe tocou senhir. Então, em vez de simples soldado, foi elle o commandante supremo. E' conhecida, nas suas peripecias emocionantes, essa batalha sem rival, que se feriu á nossa vista. Todos sabem como e porque o poeta a desencadeou.

Amollecido numa dessas crises de abatimento civico, que tão a miude o salteiam, infelizmente, o Brasil de-finhava, deliquescia, morria. O poder, desprestigiado e lasso, resvalara das mãos inhabeis da ignorancia para os timidos hombros da inexperiencia. E o Estado, nau desarvora-da pelo desleixo e pela inepecia, garrava sem norte ao saber das circumstancias. Em torno, ninguem parecia attentar no descalabro. Tudo era silencio e quietude. Nem se clamava, nem se lutava. E, enquanto sobre a nação pesava assim a paz pôdre dos pantanos, lá fóra, no velho mundo, os povos se batiam ardidamente em prol da civilização e da patria. O contraste era esmagador. Bilac percebeu o que havia nelle de opprobrioso para o Brasil. Alçando a sua grande voz, a sua voz mais sonora que o bronze dos carrilhões e mais melodiosa que harpas eolias, conclamou, resolute, um



brado retumbante: — onde vos escondeis, filhos jovens da patria ? ! Onde vos occultaes, varões sapientes e honrados, que não vindes em auxilio da mãe commum e bem-amada ? ! Não vêdes que ella perece, pelo abandono em que a deixaes ? Não a sentis diminuida, deslustrada, agonisada ? Grande é o seu infortunio. Para honra e ventura nossa, salvemol-a !

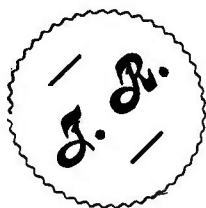
Todos se renderam aos accentos dessa eloquencia sincera. Os moços, os primeiros sempre despertam nas horas de sacrificio, acudiram, em massa, ao chamamento do mestre. Os velhos não tardaram em imital-os. E logo toda a nação, arrancada, emfim, ao marasmo que a consumia, seguiu o poeta na cruzada do bem. Foi esse um momento de incomparavel belleza. A' frente da mocidade, que doutrinava, Bilac parecia um propheta predizendo um novo tempo. Era, porém, um propheta amavel. Não vaticinava a perdição do povo, como aquelles de Israel, sombrios e impiedosos, senão uma doce éra de saude physica e moral, cheia de ventura, dignidade e fulgor. Como um clarim vibrante, a sua palavra cortava os ares, de norte a sul, despertando as consciencias entorpecidas. E que puros principios difundia ! que elevadas acções preconizava ! que de luz, esperanza e consolo derramava sobre as almas deslumbradas ! Tudo passou.



No seu rodopio constante, a morte enlaçou aquele que honrava a patria e a servia com desinteresse e amor... Tudo passou... O que, porém, não passará tão cedo, e talvez nunca, é a memoria do homem extraordinario, que praticou extraordinarios feitos. Olavo Bilac viverá no futuro e sempre. Viverá como poeta de genio, que foi, e como prodigioso campeão de patriotismo e fé civica. Quando, vencida esta idade de provações e fraqueza, o Brasil se erguer moralmente e consolidar as bases da sua civilização e aprimorar a cultura espiritual do povo, e acrisolar na raça o amor das tradições e da lingua, a gloria do poeta será immensa e absoluta, porque ninguem o excedeu no culto amoroso da patria, do idioma e da arte.

Eis como o poeta, numa de suas periodicas viagens a esta capital, narrou o inicio da sua gloriosa vida litteraria, em entrevista concedida a um redactor desta folha:

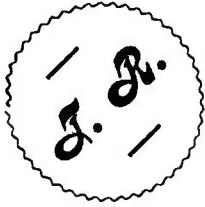
"Os meus primeiros versos publicados, foram dois sonetos — "A sésta de Nero" — que Alberto de Oliveira levou á "Gazeta de Noticias". Foi isso em 1886. Mezes depois, Arthur Azevedo, que então redigia uma chronica no "Diario de Noticias", lançou-me ao publico do Rio pela sua secção diaria. Alberto e Arthur foram os meus dois padrinhos. Já estava na imprensa e da imprensa, exclusivamente della, vi-



via. Ninguém hoje imagina quanto padecíamos os jornalistas desse tempo ! Trabalho, muito; dinheiro, pouquissimo. E ainda ha pouco, quando fiquei sósinho no quarto, relembrava a minha mocidade. Por que eu já vivo de recordações..

— Dos meus companheiros inseparaveis desse tempo, só me restam hoje Murat e Netto. Já se foram Pardal Mallet e Guimarães Passos... A imprensa, que era o nosso ganha-pão unico, pagava-nos mal, quasi nada comparado com os bons ordenados de hoje. Mas viviamos — e, trabalhando, lutando corpo a corpo com a vida, iamos avançando e tinhamos ideias, e triumphavamos ! O meu primeiro livro saiu em 1888, editado pela livraria Teixeira, desta sua cidade. É que eu estive aqui de 1886 até principios de 1888, oficialmente estudando direito, mas na realidade vadiando e fazendo versos. O que é quasi a mesma coisa. Voltei ao Rio em 1888, e lá recebi os tres mil exemplares das minhas "Poesias", que o Teixeira mandára imprimir no Porto. Sabe por quanto vendi essa primeira edição das "Panoplias", "Via Lactea" e "Sarças de fogo" ? — Por seiscentos mil réis. Era uma fortuna, nesse tempo..." -----

Começou como conferente de revisor na "Gazeta da Tarde", de Patrocínio. Foi depois tudo no jornalismo: re-



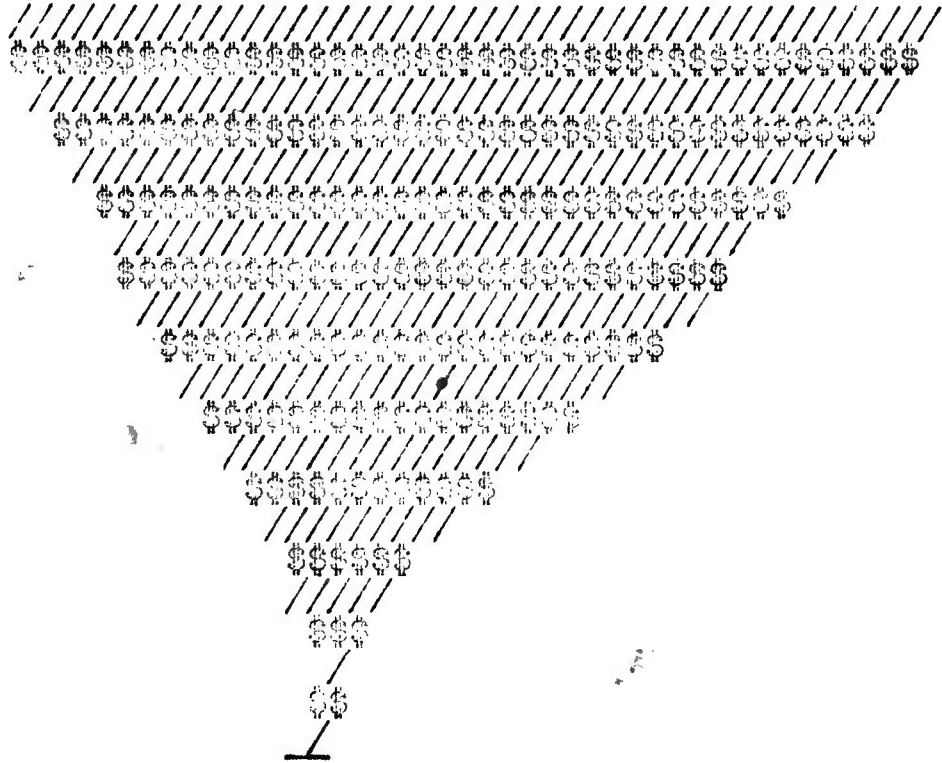
visor, noticiarista, redactor, chronista, director de jornal. Escreveu na "Semana", de Valentim Magalhães; fundou, com Raul Pompeia, a "Rua", diario que não viveu mais de dois mezes; depois, em 1892, o "Combate" com Pardal Mallet; depois, com Julião Machado, a "Cigarra" e a "Bruxa"... E sempre escrevia na "Gazeta de Noticias", onde permaneceu durante dezoito annos e onde substituiu Machado de Assis na chronica semanal. Mesmo em S. Paulo, fundou uma revista — "Vida Semanaria", illustrada por Bento Barbosa. Passou a campanha abolicionista ao lado de Patrocínio, na "Cidade do Rio". Desejou a Republica como todos os moços. E, proclamada a Republica, quiz descansar — e partiu para a Europa; viajando de 1890 a 1892. Em 1892, tornou ao Rio, mergulhou no jornalismo, justamente quando mais fervia a politica: Bilac entrou em cheio na luta, com o "Combate".

-o-

(Publicado no ESTADO DE S. PAULO DE 29 de Dezembro
de 1918.)

)-()-()-()-(

-()- -))-



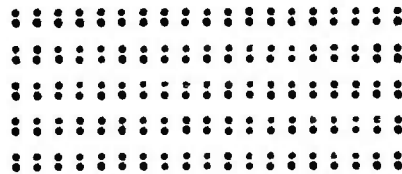
C A M A R A A R D E N T E .

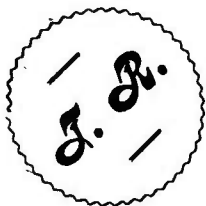
Sonetos em homenagem ao poeta

O L A V O B I L A C

por

A L B E R T O D E O L I V E I R A .





OLAVO BILAC .

- I -

Em singular contraste, nesse dia,
Emquanto com a manhã nascente, a medo,
Os pardaes, que hoje os temos, no arvoreda
Accordavam, o poeta adormecia.

E enquanto elles trinavam de alegria,
Voando fóra no azul sonoro e ledado,
Arquejando em seu ultimo segredo,
Uma lyra estalava e emmudecia.

Mas dos pardaes os cantos um momento
Duram, com a aurora vêm e vão com a aurora,
E roto embora o orpheonico instrumento.

E morto embora o poeta — eterno bando
De aves gloriosas, pelos tempos fóra
Seus versos de ouro ficarão cantando.



-II-

Daes tempo á terra em que hoje o irmão depôr,
E baixando-o ao seu seio e escuridade,
Ella tambem lhe saberá compôr
Grinaldas e corôas de saudade.

Sobre seu corpo, entre myosotis, ha-de
Brotos floraes semear de varia côr;
Em lirios sorrirá sua bondade,
E a sua alma de flôr em cada flôr.

Folhas de arbustos graceis e diversos
Lá, imitando em fremito lascivo
As folhas de seus livros, cantarão;

Fulvas abelhas, — zumbirão seus versos
E, palpitando ao sol com o sangue vivo,
Em rosas se abrirá seu coração.



- III -

Ainda, entrando embora á Sombra escura,
Brilha seu genio; ainda nos envia,
De espaço a espaço, em raios de poesia,
Os raios que enfeixou da luz mais pura.

E' TARDE em toda a extranha formosura,
Arrebóes, ancenubios, harmonia,
Esto, langor, que em chammas irradia,
Como um fulgor de sua sepultura.

Assim, em nossa terra, após o ardente
Morrer do dia e antes de despertares,
Clara no azul, Vesper desnuda e linda,

Reverbéra flammivomo o Occidente,
Um clarão de apotheose ainda enche os ares,
Embora entrado o sol, ha sol ainda.



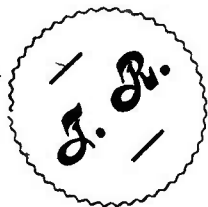
- IV -

Troncos deixando e pedras da espessura,
Por ter melhor seguro o seu thesouro,
Ha uma abelha que os seus favos de ouro
Giosa dentro do chão guardar procura.

Maravilha de cerea architectura,
Ahi prende o alveario, e o nectar fino e louro
Fabrica. Zumbe o alado fervedouro,
Lidando alerta na officina escura.

Assim tambem — abelha diligente,
Te aprouve nesta vida segregar-te,
Fugindo a glorias vans que em pouco estimas;

Tambem assim parece juntamente
Foste esconder na terra, com a tua arte,
O segredo do mel de tuas rimas.



- V -

Deixam no que escrevemos, patria e clima
Alguna cousa que os está mostrando,
Céo turvo ou claro, quente ou fresco e brando,
Terra infecunda e secca, ou farta e opima.

Vozes que têm, soam no verso e rima,
E vão nos varios quebros modulando;
Como de seu sentir parte nos dando,
Parte do que os anima, nos anima.

Por isso aos de tua alma outros encantos
Junta o ambiente, este azul e ares enxutos,
A gloria deste sol e seus ardores;

Por isso, qual mais vivo, ha nos teus cantos
Todo o sabor que têm os nossos fructos,
Todo o cheiro que têm as nossas flôres.

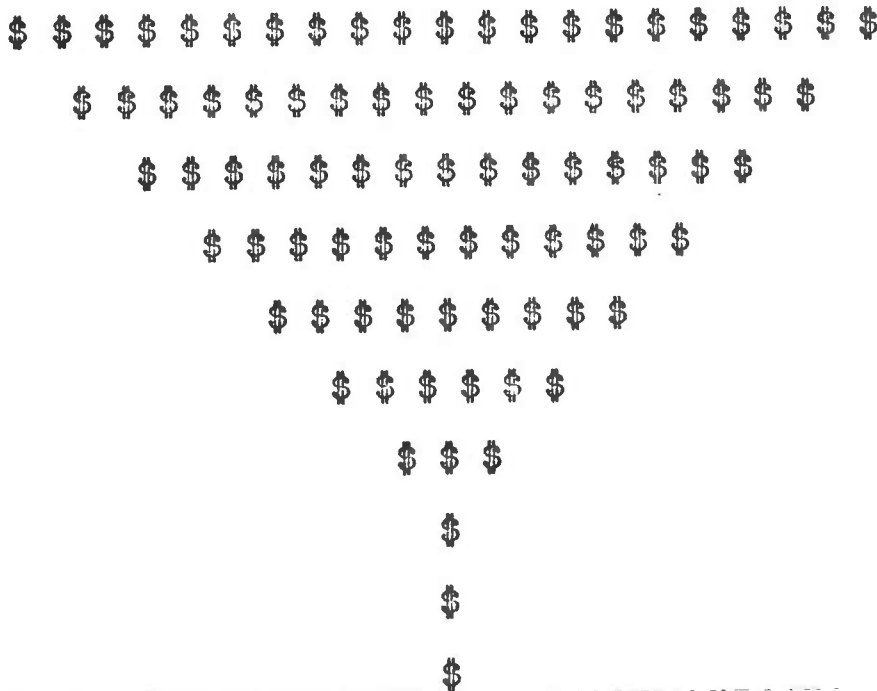
ALBERTO DE OLIVEIRA.

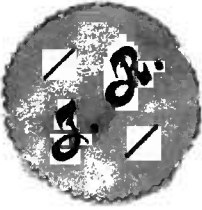


P E L A V E R D A D E .

"A NOITE", de 18 de Janeiro de 1928, publicou uma reportagem acompanhada da photographia da casa da antiga rua D. Marciana nr. 48, hoje Alvaro Ramos, dizendo ter sido nessa casa que Bilac escreveu o grande poema "O CA-
CADOR DE ESMERALDAS".

Na sessão da Academia Brasileira, realizada em 19 do mesmo mez, o Principe dos Prosadores, Sr. Coelho Netto protestou contra semelhante reportagem por ser menos verdadeira, conforme consta da pagina seguinte.





— O Sr. Coelho Netto pede licença para tratar de um assumpto que tanto interessa á Academia como á nossa historia litteraria. Refere-se a um artigo publicado em "A Noite", de 18 do corrente, sob o titulo: "Olavo Bilac ouviu estrellas de uma casa da antiga rua D. Marciana n. 48, hoje Alvaro Ramos". Foi como todos sabem, grande amigo de Bilac, seu quasi irmão, a quem conhecera desde 1885, e ao qual, até á morte do maravilhoso artista, esteve sempre ligado pela mais intima e fraternal amizade. Póde, por isto, affirmar ser menos verdadeiro quasi tudo quanto se contem naquelle artigo. Possui de Bilac enorme correspondencia, cujas datas attestam as varias épocas da vida do poeta. Em Junho de 1890 estava Bilac em Paris; em 4 de Abril de 1894, homisiado em Juiz de Fora; em 7 de Maio desse anno, ao regressar de Minas, foi preso ao desembarcar na Central, por ordem do Chefe de Policia, em pleno estado de sitio. Em 1901 residia o poeta no predio n. 8 (antigo) da rua Dous de Dezembro onde assistiu varios annos, passando depois a morar nas Laranjeiras, em casa da mesma senhora (D. Maria), que lhe alugava parte da casa da rua Dous de Dezembro. Das Laranjeiras, finalmente, passou Bilac a residir com sua irmã, á rua Barão de Itambé, onde falleceu. Antes disso, porém, habitara um chalé, na rua Barão de Guaratiba, no Cattete, e morara tambem com o orador em um predio da rua Riachuelo. Na casa da rua Dona Marciana, a que se refere a noticia, residia a mãe do poeta, com quem este costumava jantar aos domingos. E' falso que ahí tenha sido escripto o poema "O caçador de esmeraldas" o qual foi lido, pela primeira vez, por Bilac a um grupo de amigos, reunidos na noite de Natal de 1899 na casa n. 11, da rua Silveira Martins. Este poema, escreveu-o Bilac a instancia de Coelho Netto, o qual, em um brinde que certa vez lhe dirigira, concitava-o a que se voltasse um pouco para a terra natal, ao que lhe replicara Bilac: "Por tua causa vou affrontar a matta virgem, onde achas tanta poesia, e eu sómente vejo serpentes, macacos e mosquitos". Concluido o poema, confessou Bilac a alguns amigos: "A instancias de Coelho Netto escrevi esta poesia". Es-

creveu-a na casa da rua Dous de Dezembro. "A morte de Tapir" foi escripta quando morávamos juntos, á rua do Riachuelo. Por signal que a poesia começava por este alexandrino: "Foi assim que morreu Mogar-Tapir-Gráuna" Coelho Netto, que embirrara com o nome extravagante do tapuia, quezillava diariamente o poeta, despertando-o com a frase: "Accorda, Mogar Tapir", o que fez que Bilac supprimesse depois esse verso. O soneto "Ouvir estrellas" foi escripto na rua do Carmo. Refere ainda o orador a uma tocante scena occorrida com a ex-senhora de Bilac, a velha D. Maria, que lhe fóra, certa vez, solicitar uma carta para o Dr. Ferreira de Almeida, director do Asylo da Velhice Desamparada "Se elle ainda vivesse", dizia a velha senhora, referindo-se ao poeta, "tenho a certeza que me não deixaria estender a mão á caridade" Mesmo quando na Europa, conservava Bilac os seus aposentos em casa daquella senhora. E o Sr. Coelho Netto termina protestando contra a idéa de se pretender collocar uma placa no frontal da casa da rua D. Marciana, hoje Alvaro Ramos, com os dizeres: "Nesta casa escreveu Olavo Bilac os seus

melhores versos". Será uma falsidade historica, que surge evocar, para que, mais tarde, não aconteça com o grande poeta o que está acontecendo com Alvares de Azevedo, cuja vida está repleta de lendas e inverdades.

O Sr. Augusto de Lima lembra que Bilac, por occasião do seu homisio em Minas, residiu algum tempo em Ouro Preto.

O Sr. Medeiros e Albuquerque suggere a idéa de serem reunidas as recordações pessoasas dos amigos de Bilac. Recorda que estiveram ambos varias vezes, em Paris, e que Bilac, o qual fóra sempre amigo das grandes cidades, lhe dísse um dia que detestava o matto. "Tambem eu — replicara o orador. A natureza só deve servir de moldura para uma mulher bonita". Louvou-lhe Bilac a coragem do conceito, accrescentando que, em geral, todos assim pensavam, mas que se elle tal dissesse o demittiriam de poeta.

O Sr. Rodrigo Octavio diz que tambem possui innumerables cartas de Olavo Bilac, com quem sempre entreteve correspondencia.

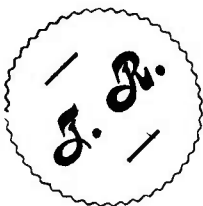
20-1-928



JOSÉ DO PATROCÍNIO E OLAVO BILAC

O grande jornalista foi sempre amigo de Bilac, como Bilac foi sempre amigo d'elle. Desde que o illustre poeta appareceu, publicando os seus primeiros versos, que alias eram já os primorosos, os admiraveis sonetos da *Via Lactea*, Patrocínio procurou atrahil-o para a sua tenda de trabalho com braços abertos, e iniciando uma camaradagem, depois transformada na amisade funda, que em Patrocínio terminou com a morte e em Bilac se fez saudade.

Dessa ligação temos um exemplo nesse retrato, cujo original Bilac estima e guarda carinhosamente.



C H R O N I C A

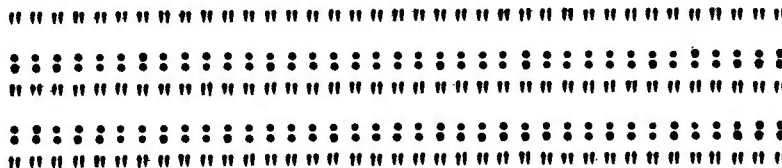
P U B L I C A D A

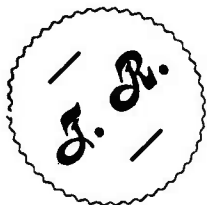
N O

" O M A L H O "

P O R

M . P A U L O F I L H O .



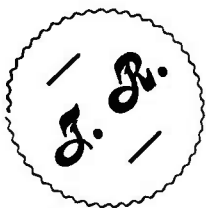


N O C A M I N H O D A G L O R I A .

"Lui faudrait-il ici encore, hair, alors, qu'il aurait tant voulu aimer et être aimé ? Pourquoi tout était-il plus difficile pour lui que pour les autres?"
- André Maurois - La Vie de Disraeli - pag. 129.

- . -

Diferente dos outros, Bilac não se humilhava com a pobreza que o atormentava no começo da gloria. Também não a disfarçava, nem blasonava titulos de orgulho, pleiteando o respeito e a admiração, como certos individuos que fazem profissão de ser honestos, envaidecendo-se, em publico, de difficuldades materiaes que, no intimo, os conduzem ao desespero. Até nisso, o artista era equilibrado. Cada homem nasce com o seu senso philosophico. O de Bilac era o de encarar a vida como ella, boa ou má, se lhe apresentava. Cantava o Bello. Ao resto, devia sorrir com scepticismo. "Les choses humaines, escreveu Anatole France, n'inspirent que deux sentiments aux esprits bien faits: l'admiration ou la pitié". E o artista era feliz ou infeliz pelas suas idéas, mas vivia com ellas.



Assim, quando pôde reunir os versos das "Panoplias" e das "Sarças de Fogo" careceu de vendel-os ao livreiro Domingos Magalhães, editor portuguez, que tinha muito coração, mas que possuia pouco credito e quasi nenhum dinheiro. Trocaram confidencias. O poeta sabia o que valia o seu trabalho.

O livreiro, menos por interesse, que o não alimentava na hora, que por um espontaneo gesto de solidariedade humana, querendo ajudar ao joven amigo no aperto, resolveu ficar com os originaes preciosos, adquirindo-os por quatrocentos mil réis. Por um instante, os dois estiveram, no interior da loja, a dialogar. Literatura não era officio, observava o editor. O poeta concordava, mas que havia de praticar, se a sua fatalidade era essa. Muita gente andava no mundo suppondo que era feliz só porque sabia ganhar dinheiro. Porque elle não era da especie dessa gente, condemnado á maldição da necessidade ?

- Contente-se com a gloria, gracejou o negociante.

Bilac deu de hombros. Renan lembrava que sómente essa gloria era eterna, mas o nosso maravilhoso poeta tinha o grande mau costume de chegar sempre tarde de mais.

A' noite desse dia, o artista de tudo informou a Coelho Netto. O grande romancista guardou um silencio mys-

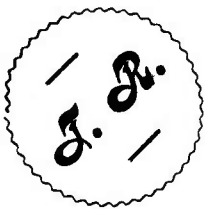


terioso. Enquanto o outro falava, elle fumava, ora nervoso, ora affectando displicencia. Era mais do que um amigo; era um irmão do cantor. Pensava, olhando-o com enternecimento.

Na manhã seguinte, sendo credor de mais de quatrocentos mil réis do livreiro Magalhães - dinheiro apurado de livros seus que o outro havia vendido - compareceu á sua presença, declarando-lhe que Bilac se arrependera do trato e que o encarregara, a elle, Netto, de restituir a quantia tomada por adeantamento, recebendo os originaes entregues. Domingos Magalhães accedeu. Passou um recibo ao romancista, que o tem até hoje. E sahindo da loja do editor correu á casa do Bilac, a quem, sem explicações, sem detalhes, tornou a dar o s originaes.

Despediu-se. O artista, por mais que se consentrasse num esforço interior de penetração, não atinava com essa encruzilhada das suas atrapalhações, onde lhe surgia o "Gato" (alcunha intima do Netto) mettido na fantasia de Cavalheiro da Esperança.

Porque tudo lhe era difficil ? Do mundo, até então, não aspirava mais do que amar e ser amado. O mundo, desgraçadamente, não parecia disposto a fazer-lhe a vontade. Lutaria. Seria até mais elegante a luta, tendo a certe-

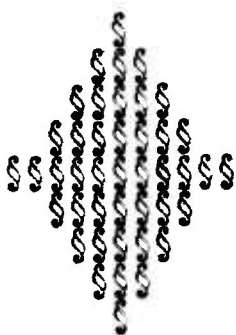
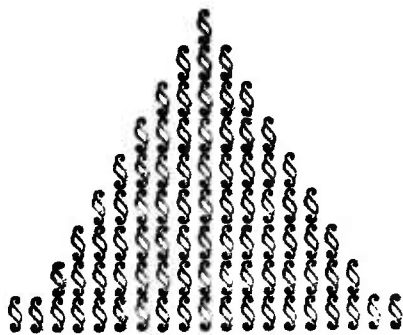


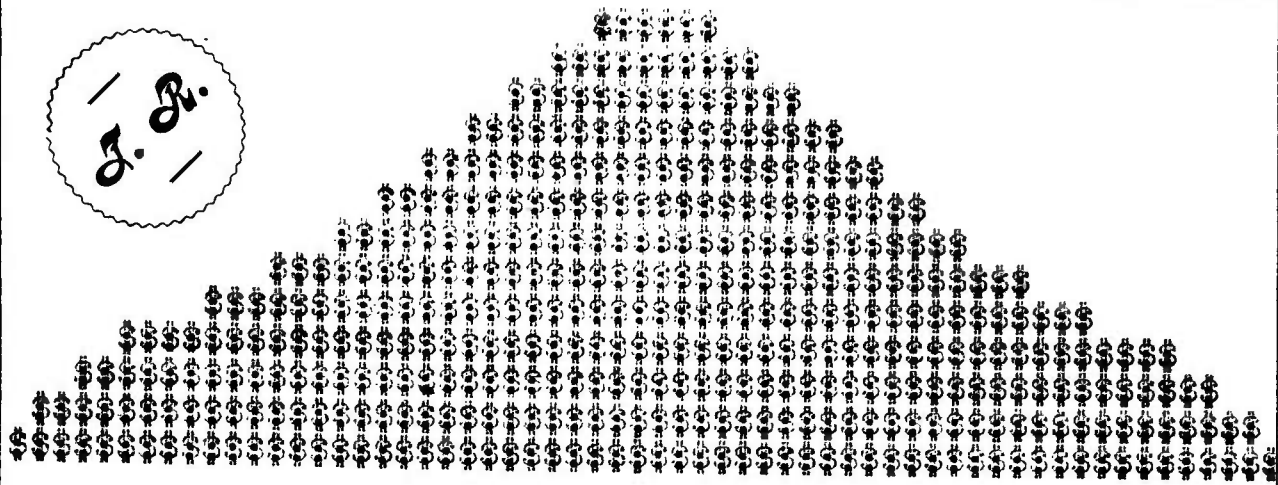
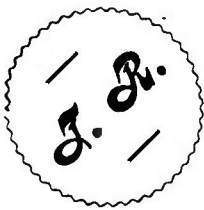
za prévia de que a perderia.

E lutou, enganando-se. Lutou, para vencer.



M. PAULO FILHO.





ALMANACH DAS GLORIAS.

Chronica publicada na "CARETA",

de

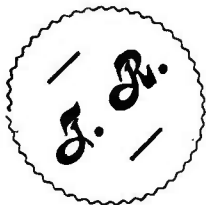
SABBADO---24 de AGOSTO de 1912

por

VOL - TAIRE .

(LEAL de SOUZA .)

ALMANACH DAS GLORIAS
PUBLICADO EM 24 DE AGOSTO DE 1912
POR VOLTAIRE
(LEAL DE SOUZA)



ALMANACH DAS GLORIAS .

OLAVO BILAC

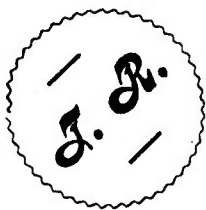
- ; -

Olavo Bilac é o grande poeta nacional.

Larga, palpitante, emotiva, a sua divina poesia, traduzida em puros versos acabados sem um defeito, é a propria voz da nossa augusta natureza magnifica e sombria, cheia de intrepidos furores e languidas meiguices. As suas vibrantes estrophes, que tem a clara polidez dos marmores e os vivos rebrilhos dos oiros refulgindo ao sol, deslumbram o espirito fazendo pulsar o coração.

A sobriedade, o brilho, a clareza, são as qualidades primordiales da sua artistica prosa. Durante annos, escrevendo todos os dias, o poeta sem emulos em quem as mais fortes intelligencias das gerações novas reconhecem o mestre proclamado com ufanía, nunca desceu ás dolorosas transigencias que levam os talentos ou os genios a quebrar as exigentes regras da sua arte, e fazendo trabalho apressado de jornalista, fez obra duradoura de artista.

Servio, na imprensa, com enthusiasmo maravilhoso, todas as causas justas e procurou difundir o gosto pe-



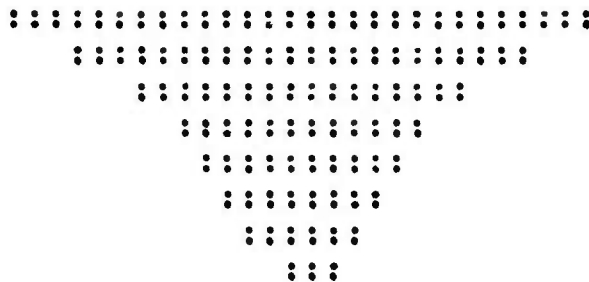
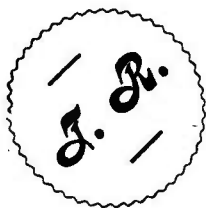
las cousas bellas, affrontando a desconfiança
hostil da nossa gente.

Quando ninguem ousava sonhar com a
remodelação saneadora do Rio de Janeiro, o grande poeta, so-
litario na sua columna de jornal, mostrava a conveniencia,
assignalava a possibilidade, reclamava a urgente construc-
ção destas amplas avenidas, destes amaveis jardins, destes
solidos cáes, destas lindas ruas de palacios que hoje at-
testam a gloria do nosso esforço. Foi o audaz precursor e
o brilhante advogado, no jornalismo, dos habeis reformado-
res da velha Sebastianopolis, porém tendo compartilhado das
amarguras e asperezas da lucta não foi lembrado no momento
alegre da distribuição das palmas devidas aos triumphadores.

Pela sua superioridade na vida, pela nobreza e
proficuidade da sua conducta como homem de imprensa, pela
intangivel pureza da sua arte — Olavo Bilac é, nestes nos-
sos inglorios tempos de rebenque e sabre, a mais pura glo-
ria do Brasil.

- ! -

VOL — TAIRE
(LEAL DE SOUZA)

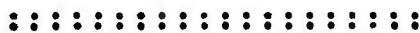


O L A V O B I L A C .

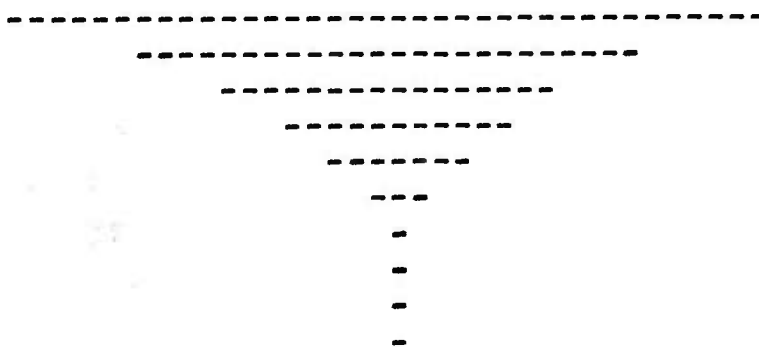


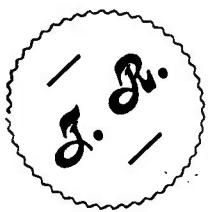
TRECHO DE UMA CONFEREN -
CIA FEITA PELO POETA

HEITOR LIMA .



(Boletim da Liga da Defesa Nacional---Dezembro de 1919--)





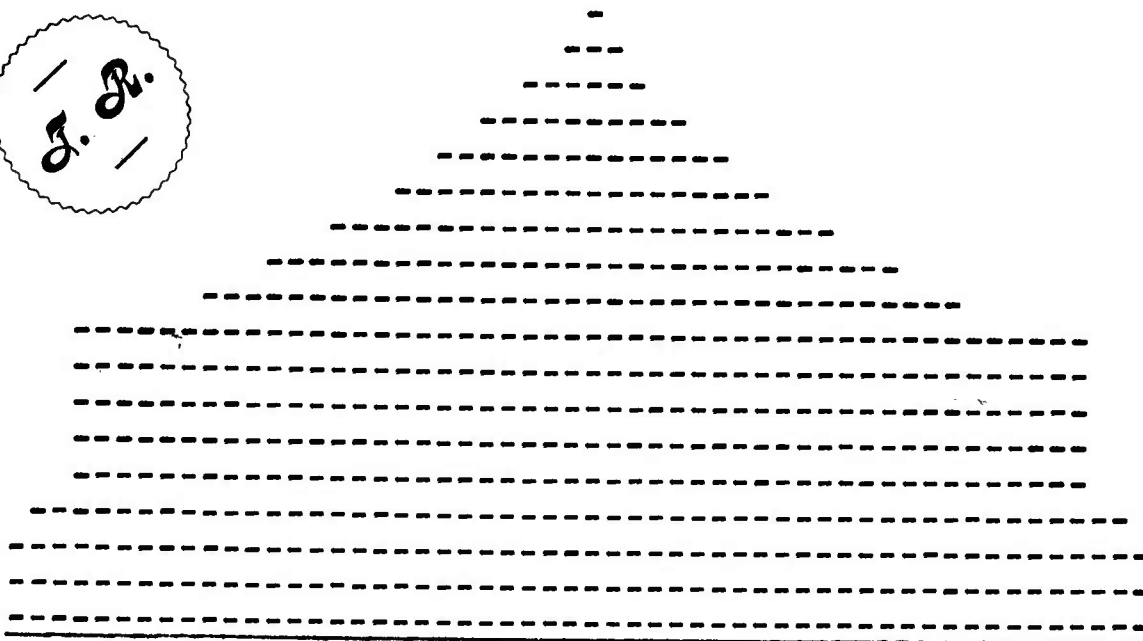
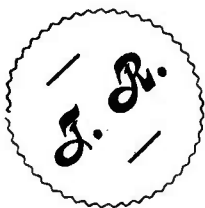
significado spenceriano.

A segunda attitude não se oppõe á primeira, não a repudia, não a proscreeve; mas tambem não a reproduz, não a recapitula, não a resuscita.

Nem o rio estacou, nem estancou. Não se lhe interrompe o curso; mas, á medida que se approxima do estuario, as suas margens se dilatam; e as aguas, por isso que agora mais profundas, rolam mais serenas e solemnes, sem a alacridadebuliçosa com que, desatadas e surtas das nascentes, remexiam nos seixos alvoraçados; sem as esgarçadas rendilhas de espumas; sem os volteios, sem os cochichos maliciosos, sem o espoucar das bolhas de crystal liquido, a salpicarem aljofares de saudade na corolla das flores tremulas.

O poeta não se estratificou, não se immobilizou nas fórmãs obtidas: evoluiu. Recordando os tempos idos, cultuando o passado, como queria Renan, não se detem na marcha para o porvir.

Evoluiu, pois, sem quebrar a unidade da sua obra, sem lhe ferir a harmonia estructural, sem se retratar, porque então seria um hypocrita, sem se repetir, porque então seria um mediocre, sem se contradizer, porque então seria um incoherente, falto daquella intuição dos principios geraes a que alludia Aristotelis. Tanto assim que o

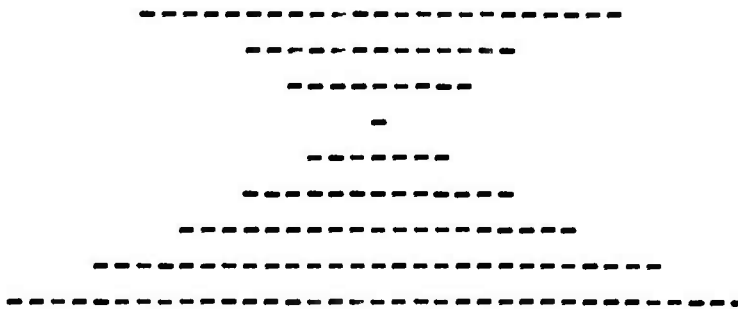


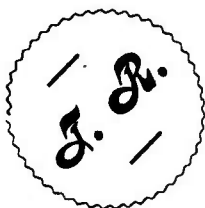
S o n e t o e m h o m e n a g e m

a o p o e t a O L A V O B I L A C

por

P H I L O M E N O S T A M A T O S O B R I N H O .





A B I L A C .

Poeta, que o patrio amor tanto exaltaste,
O' mestre, inda referve em nossa mente
O teu verbo de apostolo eloquente,
Quando o Genio da raça despertaste !

E no poema de amor que nos legaste
Em versos de oiro de um primor ingente,
Para gloria maior da tua gente,
Revive a fé com que o Ideal prégaste.

Vem dahi, com certeza, esta vaidade
Que desde o berço, da mais tenra idade,
Sinto, latente, n'alma juvenil:

- Não a estulta soberba que desdoira,
Mas, vaidade sublime, immorredoira
De ter nascido em terra do Brasil !

PHILOMENO STAMATO SOBRINHO.



D I S C U R S O

Pronunciado no dia 11 de Agosto de 1919 pelo Sr. Corrêa Junior, orador do "CENTRO ACADEMICO ONZE DE AGOSTO", ao ser inaugurado, na FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO, o medalhão com a effigie de OLAVO BILAC.

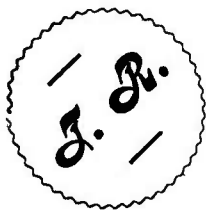
-)-(-

"A homenagem que se presta hoje á memoria de Olavo Bilac é das mais sagradas para a alma academica.

Poucos, bem poucos, os poetas que, á semelhança desse infeliz e multiglorioso artista, conseguem tocar tão fundo o coração da mocidade, penetrando-o em sonoridade e belleza tão justas, tão perfeitas, tão altamente immortaes — que nos dão a impressão de que ficára só para elle, inviolavel e secreto, o dom de arrancar ás cordas obedientes da lyra esse mundo de harmonias, com que povoou, perfumou e purificou a torpeza da terra.

Não sei de outro que, em exuberancia de caricias, em multiplicidade de bellezas, em precisão de rythmos, em esbanjamento de sons, de aroma, de côr, de vida — houvesse a tal ponto chegado, e dominasse ,e vivesse e se perpetuasse no coração da sua gente.

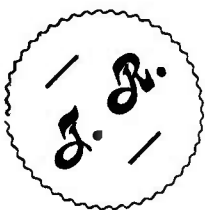
Bilac foi bem o poeta representativo da nossa ra-



ça. Em nenhum outro cantou, soluçou, florio e rebrilhou tanto a terra brasileira — com os seus rios, as suas florestas, a sua força e graça, o estalar da seiva, a abstracção do luar, as pompas e deliquos da sua vegetação e das suas paisagens. Elle foi um grande instrumento, um maravilhoso instrumento do nosso destino: instrumento de harmonias divinas, tuba sagrada clamando, do alto, contra o desprezo da nossa lingua, contra o aviltamento da nossa raça, contra os vicios da maldade e da descrença — pelo nosso Futuro, pela nossa grandeza, pela honra e pela fortaleza das nossas tradições gloriosas. Poeta e predestinado, surgiu providencialmente para a poesia nacional, que a influencia de Leconte ameaçava tornar um apagado e suspeito blóco de argila morta, sem a misericordia de uma belleza encravada na sua pesada e esdruxula frialdade.

Surgio como um propheta novo, emissario de novas energias, semeador de novas messes de sonho, eleito dos deuses, amado dos homens e das mulheres...

Foi uma revolução o seu canto fecundo de Belleza ! E dos quatro cantos deste vasto e maltratado Brasil, desde a serra do Roraima até a foz do arroio Chuy — de todos os que assistiram á chegada do grande astro novo, foi



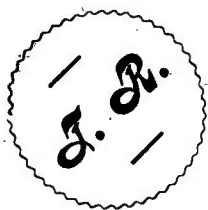
um deslumbramento, uma apothese, um culto raro e profundo de admiração.

Só o poeta não se contentára bastante com a sua criação bem-amada.

A Arte seduzia-o para longos noivados, sorprendentes extases de maravilha e soffrimento. E' esse roزاریo de meditação e de ancia que se reza no seu ultimo livro, de joelhos, porque cada verso, cada pensamento nos dá alli a impressão religiosa de um templo sagrado, dentro do qual urnas maravilhosas, hermeticamente fechadas, guardam legendas perfumadas e tropheus de accesos combates de paixão e de ternura.

Nesta ultima phase da sua evolução artistica, á semelhança de Taine no fim de sua vida, elle vivia preocupado com os problemas do Incognoscivel. Não é que a morte o inquietasse. Bilac a esperava, a pedia, a amava, sereno e resignado. Evoluirá, renovára-se, consoante o preceito dannunzziano. Applacára-se-lhe a volupia dos primeiros delirios, a sêde infernal de beijos eternos, a ancia, a incontinencia do peccado, do delicioso e terno peccado humano...

O poeta vinha para a penitencia, não como um peccador arrependido — mas, como um homem a quem a intensi-



dade do descuido, da inconstancia, do vermelho fructo da curiosidade deixa um largo e pesado tédio n'alma.

A Patria sorria-lhe, então.

Correra para ella n'um grande gesto de ternuras e vira-a de perto, maltratada pelo analphabetismo, pela preguiça, pela fraqueza dos seus filhos.

Entre a cruz da ignorancia e a caldeirinha da politiquice, o Brasil jazia molle e doente, atacado de uma terrivel e mortal inercia.

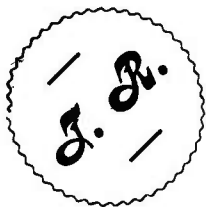
E o poeta gritou, levantando os braços e o coração:

"Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo, e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho,
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu, de galho em galho.

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorgeia em teu doce agasalho,
Do fructo a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, rebento em luz e em canticos me espalho.

Vivo, choro em teu pranto; e em teus dias felizes
No alto, como uma flôr, em ti pompeio e exulto
— E eu morto, sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, eu tremerei sepulto.
E os meus ossos no chão, como as tuas raizes,
Se estorcerão de dôr soffrendo o golpe e o insulto.

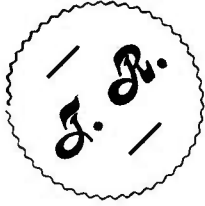


Foi em uma das salas desta mesma Faculdade, a 9 de Outubro de 1915, que elle deu o grito de alarma, na invocação maravilhosa á mocidade, onde o esplendor da fórma se casava com a nobreza do pensamento puro. Estas paredes, estes ares, ainda se enfeitam do prestigio da sua palavra, simples e clara, sincera e ardente, ditada pelo seu grande patriotismo — como um verbo de prophécia e de milagre ! Porque soubesse que ia morrer em breve, que ia rolar, em breve, "para o deslumbramento augusto do mysterio" — o poeta entregava-se com ardor, com volupia, com delirio, á Patria em que fôra tão amado e applaudido.

Conhecedor profundo dos homens e das cousas, estudioso investigador da nossa Historia e das necessidades inadiaveis da nossa existencia civica, Bilac sahio a campo armado de energia e de esperanza para tocar a reunir nos corações e nas almas bem formadas, naquelles e naquellas onde o sentimento nobre do patriotismo adormecia á espera do momento de acção.

E ouvistes com que profundo accento de anciedade, com que nobre sinceridade e confiança a sua voz veio ao encontro da mocidade.

"O que me amedronta — dizia-nos elle, então —



é a mingua de ideal que nos abate.

Sem ideal, não ha nobreza de alma ;
sem nobreza de alma não ha desinteresse; sem
desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha patria".

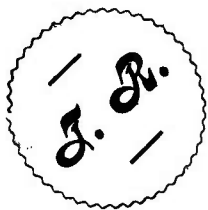
E assim, pela palavra fallada, pela poesia e pe-
la acção, o grande mago do resurgimento nacional trabalhou,
combateu, suou, soffreu, cantou e morreu glorioso. Elle
exercia sobre as almas o prestigio fecundo de um deus.

Era um escrupuloso requintado, á Flaubert; e, co-
mo quelle, dotado do senso subtil da medida, estudando tu-
do que tivesse a mais longiqua relação com o menor dos ob-
jectos que elle ia inserir nos seus versos. Prova do que
venho de affirmar é o soneto "O Tear", uma das mais ricas
joias do "TARDE". Ouvio-o:

"A fieira zumbe, o piso estala, chia
O liço, range o estambre na cadeia;
A machina dos Tempos, dia a dia,
Na musica monotona vozeia.

Sem pressa, sem pezar, sem alegria,
Sem alma, o Tecelão, que cabeceia,
Carda, retorce, estira, assedia, fia,
Doba e entrelaça, na infindavel teia.

Treva e luz, odio e amor, beijo e queixume,
Consolação e raiva, gelo e chamma
Combinam-se e consomem-se no urdume.



Sem principio e sem fim, eternamente
Passa, e repassa a aborrecida teia
Nas mãos do Tecelão indifferente...

Na vida, como na Arte, Bilac levava sempre o mesmo escrupulo, vivendo indifferente aos interesses da politica, em que se submergem, se chafurdam, se annullam voluntariamente muitos homens de valor, muitos que erram no caminho e no destino.

Bilac não errou no caminho que lhe traçaram os astros, ao nascer. Se o jornalismo lhe absorveu tantas energias (que elle depois piedosamente lastimava), não sei o que seria daquelle talento se as necessidades politicas o houvessem reclamado para a lucta — onde elle, o inflexivel, teria de ceder então, como ás vezes acontece, para não dizer quasi sempre no Brasil.

Houve quem quizesse, nesses ultimos e agitados dias de Bilac, transformar a nobreza e o desprendimento superior da acção em que se movia o seu espirito em uma commissão adrede preparada e paga, como se a independencia daquella alma não evidenciasse tão eloquentemente a injuria da desconfiança e da má fé. A propaganda pelo sorteio militar deu-lhe, desse lado, sérios e amargos aborrecimentos.

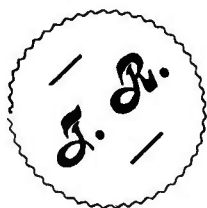
No Brasil, tão acirrado está o vesio de suppôr-se interesse o que é desinteresse, artimanha o que é gesto no-

S. P.



MEDALHÃO DE OLAVO BILAC
Trabalho do notavel escultor sr. Pasquale Fosca.

-- INAUGURADO NA FACULDADE DE DIREITO
DE S. PAULO EM 11 DE AGOSTO DE 1919 --



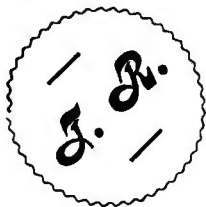
bre, deslealdade o que é profunda e franca disposição de espirito, que quando um homem, mesmo de tamanho moral e intellectual de Bilac, se agita e se insurge contra um velho preceito, em favor de uma formula digna do seu tempo: os outros homens piscam os olhos, como diria Nietsche, cuspinham para o ar uns restos de saliva de maldade e, de lingua cheia, desatam a clamar contra o heróe que os envergonha...

E' de ha muito tempo esse proceder da nossa gente. Pois não estão vendo com Ruy Barbosa ? E' o mesmo ~~cha~~vão antigo. "Talento, muito (e reviram os olhos) mas para governar, que desastre !" Não ha como ouvil-os !

Ruy, que é o insubmisso, não passa de um farçante; Ruy, que é maravilhoso, não pode senão ser mandado; Ruy, que é o mais alto expoente da nossa cultura e da nossa independencia, Ruy, se vende, se dá, se dobra aos interesses mesquinhos, ás mesquinhas paixões do lucro.

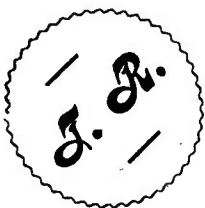
Assim com o nosso grande morto rosnava a maledicencia.

Não faltou quem lhe visse nos versos a manifestação instinctiva de um capro, a effervescencia de sensualidades taradas, compromettedoras nas mãos das nossas poucas e ingenuas leitoras...



Um jornalista do Rio de Janeiro, pelas columnas da "Gazeta de Noticias", (lembra-se ? aquella folha que Bilac namorava cubiçoso, e onde trabalhara, 18 annos depois, como substituto do grande Machado de Assis), um jornalista do Rio, dizia eu, ainda insepulto o corpo de Bilac, escrevia que o Poeta Maximo, o Principe fascinante da poesia nacional, fôra apenas um eterno voluptuoso, animado de satyriase profunda, uma especie de bôde vivendo entre os homens, chamando-os á universal delicia da luxuria... A sua inspiração, no entender do apressado apedrejador, vivia continuamente voltada para os ephemeros prazeres da Materia... Tive occasião de responder a esses insultos, que tanto me doeram n'alma, e disse o que é mistér seja dito, mais uma vez, desta tribuna:

"E' um erro que vem sendo professado ha longo tempo julgar Bilac o mais lascivo dos nossos poetas. E' agora que elle está, desgraçadamente, morto; agora que a sua lyra magica emmudeceu para sempre entre os homens, é de toda necessidade corrigir essa falsa interpretação do seu talento, apontando a verdadeira obra de sonho e de arte em que está fulgorantemente encarnada a sua psyché. Porque um poeta cantou aos vinte annos, ou aos trinta, uns seios de mulher que lhe pareceram bellos, ou um collo que achou mara-

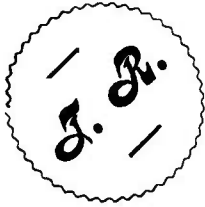


vilhoso — não se ha de seguir seja um simples erotico, quando o resto da sua obra palpita de espiritualidade e de fulgor. Bilac não foi um fazedor de elogios a ephemera belleza plastica das mulheres.. A graça feminina teve nellé o seu "magnus sacerdos"; mas tambem o fulgir do seu éstro se espalhou, em clarões eternos, pelas mais puras e altas regiões da Verdade e da Belleza, a procura de novos horizontes.

As florestas do Brasil resoam através de grande parte dos seus versos, e ha nelles mais um sol e luar, mais insectos e flores da nossa natureza do que os naturaes ardores da sua mocidade de artista".

Mas é sobre essa ultima phase do grande Poeta que paira a aze gloriosa da Immortalidade. Se nem todos amam aquelles ardentes e illusorios desejos, que são o perfume dos seus primeiros cantos, ninguem ha, com fórmula de homem e sentimento do homem, que não se surpreenda, e não se ajoelhe, e não se commova, diante da "Salutaris porta":

Para conter aquella immensa chamma,
Os nossos corações eram pequenos:
Tivemos medo da paixão. E ao menos
Não vimos tanto céu mudado em lama !



O velario correu-se antes do drama.,
 E não houve perfidias nem venenos
 Entre os nossos espiritos serenos !
 Que a saudade do prologo embalsama.

Bem digamos o amor que foi tão curto,
 O sonho vago que expirou tão cedo,
 Sossobrado no porto antes do surto !

Feliz o idyllio que não teve historia !
 Salvando-nos do tedio, o nosso medo
 Foi uma porta de ouro para a gloria !

Quem já vio, senhores, em que tempo e em que parte do mundo, um poeta que elevasse mais alta a belleza da **synthese**, prendendo na corrente de ouro de quatorze versos, mundos e astros, crepusculos e auroras, montanhas e valles, abysmos e eminencias de tão altos mysterios ?

Orgulhem-nos da nossa lingua, com Bilac.

Cultivemol-a, como elle o aconselhava, como elle a queria — para que ella ostente, na graça e na suavidade das suas tintas, na pompa e na força da sua selva, no fascinio do seu perfume, na alegria e na tristeza da sua saudade — o viço, o esplendor, a maravilhosa magia dos nossos campos, o marulho das nossas praias e a deslumbrante fecundidade do nosso solo !

Amemos a nossa terra com o Poeta que voltou a ella, deixando no bronze e nos corações o triumpho da sua jornada,



nada gloriosa pela Vida.

Caminhemos para Bilac, como para uma **resurreição**. Sirva o medalhão, que nos vai honrar, de hoje em diante, esta sala, de ponto de partida para os novos destinos da mocidade. Façamos do metal em que elle está aureolado a nossa constancia no civismo, a nossa perseverança na fé e na bondade.

Não basta ser estudantes. Cabe-nos uma responsabilidade maior do que a dos nossos antecessores neste celeiro bemdito da esperança patria.

O tempo não é ainda da colheita, senão do plantio. Pois então, com o nosso ardor, com o nosso entusiasmo, abramos estradas, desbravemos a espessura, amanhemos o solo, plantemos a semente do Futuro sobre as incertezas do Presente.

E' a alma de Bilac que nos pede, nos implora, ó meus amigos e meus irmãos de esperança !

Cantemos e trabalhemos, com elle. Como elle, amemos a nossa terra, o nosso passado, a nossa lingua, a nossa dôr, a nossa redempção...

Não nos esqueçamos de que elle foi um dos nossos maiores amigos, e dos mais sinceros conselheiros.

Seria para nos enganar, para nos ser amavel ape-



nas, que elle viera ter connosco, que elle nos trouxera o ouro da sua prosa, depois da fartura e do esplendor dos seus versos ?

Não !

Elle nada queria de nós que não fosse o nosso compromisso em querermos cada vez mais a nossa Patria; elle nada nos pedia que não fosse para o Brasil, para a glorificação da nossa raça e da nossa historia, ridicularizadas no estrangeiro, insultadas pela inconsciencia criminosa de innumeraveis e odiosas criaturas.

O Brasil ouviu, todo elle, de lado a lado, de cidade em cidade, o grande appello do seu Poeta. E houve em todo Brasil um rumor de almas e de braços conjugando-se para a defesa e o engrandecimento do nosso futuro.

E' necessario e imprescindivel que a obra do grande vulto não morra nas frias mãos do pessimismo e do desanimo. Por isso, o medalhão que hoje se inaugura na Faculdade de Direito de S. Paulo é um pacto com o tempo. A lição é de bronze: eternise-se no segredo dos nossos destinos.

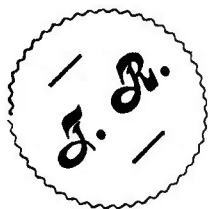
A Patria quer que o veneremos ! O Direito nos ensina que a palavra é uma poderosa arma de combate. Cultuemos aos soldados das idéas, generaes do pensamento e da



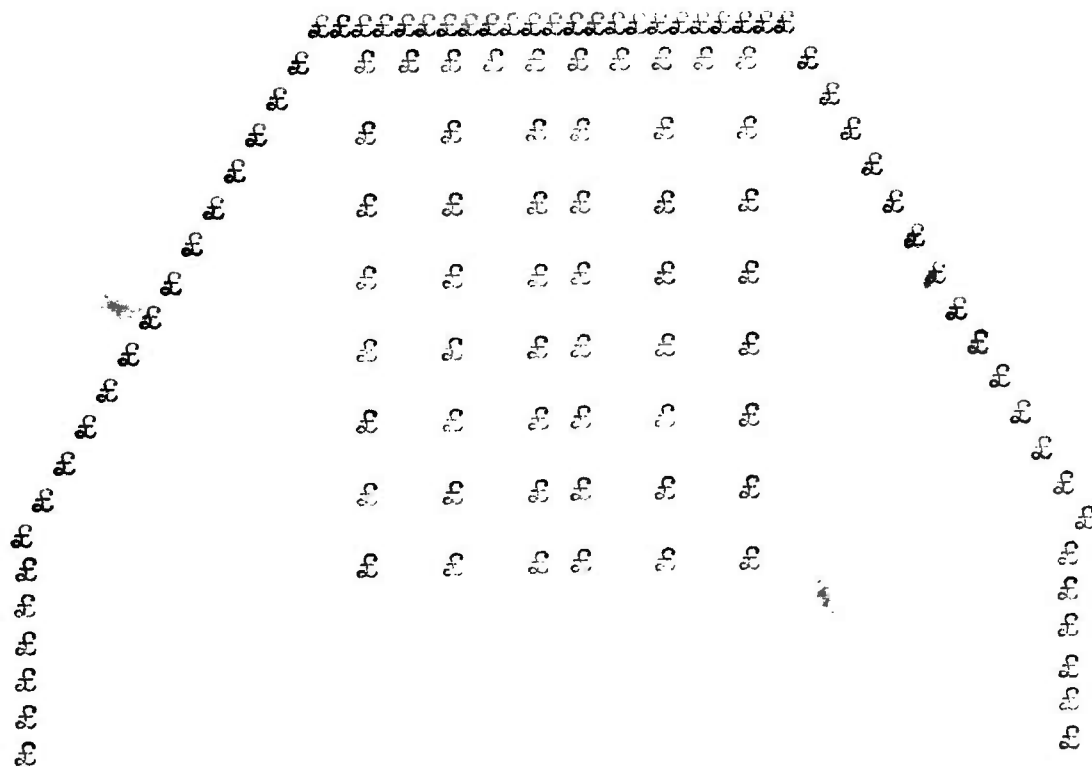
arte, sacrificados pela belleza e pela grandeza da sua terra.

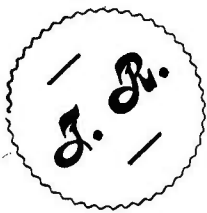
Estamos cansados de ouvir o refrão agourento dos pessimistas de toda casta. Nos cafés, nas esquinas, nos passeios publicos murmurinha-se ás vezes, com um certo gozo na expressão, que estamos perdidos, que não valemos uma pitada de mão fumo...

Basta que uma voz o proclame, sem analyse mas com indifferença, para matracar apenas a velha chapa: — e logo as bocas vizinhas repetem a maldição e a calumnia, propagam a doença na conversação, inoculam em outras almas o veneno desanimador, põem nos olhos dos outros a sua vesguice voluntaria e perigosa. E, então, temos não só um homem, duas creaturas, dez, um cento de bocas apostrophando inconscientemente a propria Patria, injuriando, amesquinhando, triturando, com volupia de corvo, o que em outros paizes seria, com respeito, a confiança e o orgulho, animado e protegido. Assim se foram as caravanas da indifferença nacional; assim cresce o cortejo sinistro, o macabro e temivel bando destruidor. Cabe á mocidade o dever de espantar a horda tenebrosa, mostrando-se empenhada em conservar sob a sua vigilia, e com o seu culto mais ardente, a memoria dos que foram, como Bilac, a representação viva e palpitante



da nossa nacionalidade, o symbolo grandioso da
 nossa raça, o milagre perpetuo da nossa juven-
 tude, o perpetuo orgulho e consolo dos que vi-
 vem, soffrem e amam sob o Cruzeiro do Sul, forjando no ca-
 dinho maravilhoso do seu martyrio, do seu labor bemfasejo,
 a gloria do Brasil presente e o eterno renome da Pátria de
 amanhã. E a mocidade velará, orgulhosa, a immortalidade do
 do seu Poeta Maximo."





OLAVO BILAC .

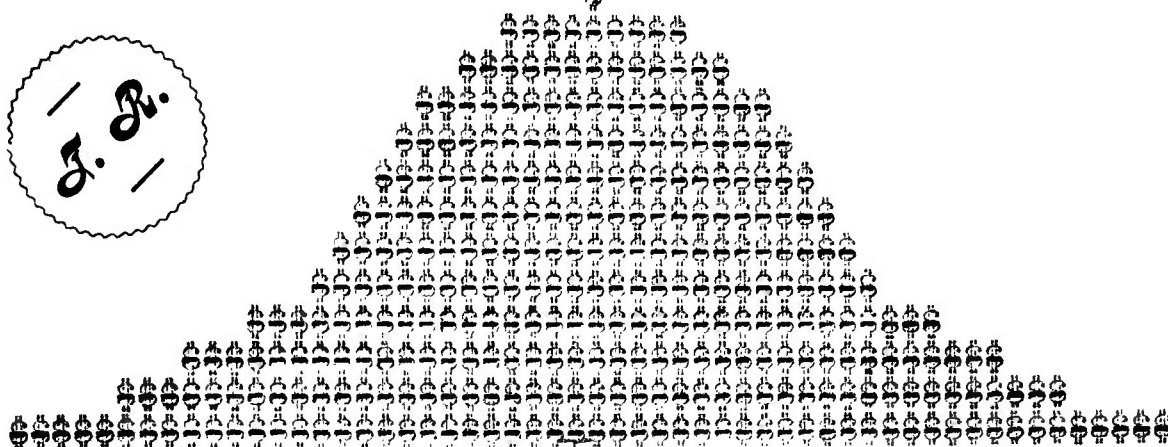
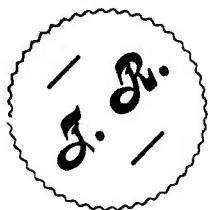
Homem-luz ! Sonhador pela gloria converso !
Em tua alma apolínea, em teu radioso Estilo,
Relumbra o sol da Idéa ! E cantam no teu Verso,
Cantando na tua Arte — as Virgens de Murilo.

Vejo o teu sonho imenso, olímpico disperso
Em poesias, formando um grego mar tranquilo,
Do qual a tua Musa, a lira ao seio terso,
Surge, como Afrodite, em seu sumo sigilo.

De estrêlas, de arrebois, tua Arte é um florilégio,
E um Mundo, em cujo amor a propria alma da monja
Vibra. Fazes da pena o pincel de Corrégio.

Poeta ! Pairas, enfim, muito além da lisonja !
Mas, pela insurreição do teu talento egrégio,
Quanta vez não provaste o fel de amarga esponja !

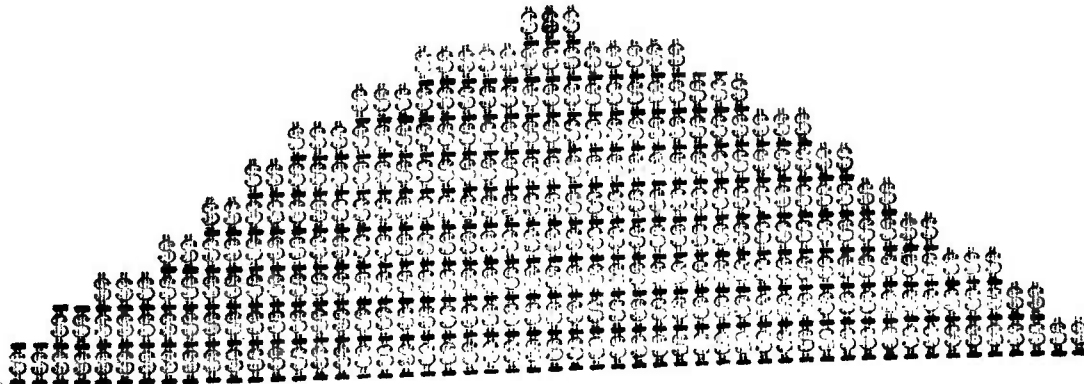
SABINO DE CAMPOS.

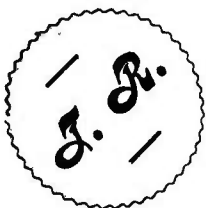


D I S C U R S O

pronunciado por AMADEU AMARAL ao ser recebido na
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS , em 14 de Novembro
 de 1919, em substituição de OLAVO BILAC, fundador
 da cadeira nr. 15, que tem por patrono

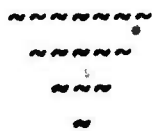
G O N Ç A L V E S D I A S .





D I S C U R S O

pronunciado por AMADEU AMARAL ao ser recebido na ACADEMIA BRASILEIRA, em 14 de Novembro de 1919, em substituição de OLAVO BILAC, fundador da cadeira nr.15, que tem por patrono GONÇALVES DIAS.



Senhores,

Entre os sonhos da minha ambição não costumava aparecer a Academia. Entretanto, uma vez ou outra, de longe em longe, é possível que tenha surgido... A vaidade não tem bôa memória. O que, porém, vos posso garantir, é que tais sonhos nunca se permitiram a audácia de voejar em torno de uma cadeira como esta, em que me vejo. A cadeira de Bilac !

Quando o grande poeta morreu, chegou-se a falar na conveniência de se lhe não dar por sucessor um poeta, porque poeta nenhum — e o Brasil os tem tantos e tão belos, por mais que digam o contrário os implacáveis inimigos dêsses malsinados artistas, — poeta nenhum parecia ainda digno de sentar-se na cadeira de Bilac. Mas a lógica

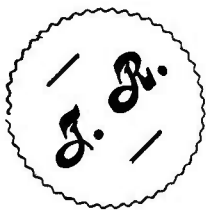


tem exigências. Se um poeta incompleto não merecia sentar-se nessa poltrona, como então o merecia alguém que não fosse poeta de todo ?

Esta consideração animou-me a solicitar a cadeira. Esta consideração, e mais uma: que o pretendente, se não podia ter o arrôjo de querer substituir a Bilac, podia, contudo, modestamente, aspirar a sucedê-lo. Assim, o que eu solicitei não foi senão a vaga do acadêmico. Quanto ao poeta, não quero nem invejo outra glória, senão a de cultuar-lhe a sagrada e formosa lembrança. Para isso me falta muito, mas sobra-me o principal: a minha grande, sincera e comovida admiração.

Essa admiração não é puramente intelectual, como tantas dessas outras, superficiais e frias, que passam nas almas como ligeiras rajadas. Eu habituei-me a admirá-lo profundamente — com o espírito, com o coração, com todo o meu ser. Tivemos relações apenas durante os últimos anos de sua vida; mas quase posso dizer que a minha amizade por êle nasceu pouco depois de mim, e em circunstâncias que associaram, de alguma forma, a vida e o destino do grande poeta á minha obscura vida e ao meu estreito destino.

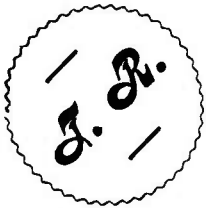
Figuras há que cedo se nos atravessam no caminho, e nos acompanham por largo tempo, tenazmente, macis-



sas e opacas, fazendo sentir a cada momento a sua presença. Afinal, aos poucos, se atrasam. Seguem-nos de longe. Um dia, olhamos, e elas se perdem além, na distância, sob a poeira ou sob a bruma, confundidas com outras figuras e outros acidentes da paisagem, e nunca mais as enxergamos... Não deixam, nem levam saudades. Não nos compreenderam, nem foram compreendidas.

Figuras há, porém, que nos assaltam de brusco, suavemente, como sombras, e, ganhando corpo a pouco e pouco, acabam por se assenhorear de nós, e caminham conosco, e conosco vivem, e passam a ser mais do que um amigo, um parente, ou um companheiro, porque entram com alguma coisa para a substância do nosso ser, e a sua vida é em parte a nossa vida, e o seu espírito é também o nosso espírito. Essas, quando se vão, nos deixam uma sensação dilacerante de arrancamento e de ruína. Temos a impressão de que se nos arrebatam pedaços de nós mesmos. E, assim, não se vão de todo. Sempre fica alguma coisa que se não extirpa, como de uma árvore levada pelas garras frenéticas e remoinhantes do vento permanecem no solo revólto restos despedaçados de raízes.

Bilac surgiu-me, primeiro, como uma sombra leve e incerta — como uma sombra longa, predecessora de



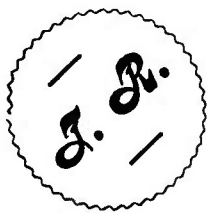
um passante que se aproxima, que não raro retrocede e nunca chegamos a vêr. . Surgiu-me através de vagas e ingênuas impressões de meninice. Vivia eu no meu remoto e sossegado Capivari, no interior de São Paulo. Lá, o tumulto do mundo arrojava até mim, — últimas e trémulas rugas de onda que morrem aos pés de uma criança na praia, — algumas folhas do Rio e de S. Paulo, nas quais eu me contentava de procurar as gravuras, os anúncios mais vistosos e, ao acaso, um relanço de crónica, uma estância de poesia, um trecho de comentário, de reportagem ou de mofina.. Entre êsses jornais, vinha A Semana, a célebre folha literária de Valentim Magalhães, então na sua primeira fase. Um dia, A Semana, que iniciava a publicação escandalosa de uma "Galeria do Elogio Mútuo", estampou sob essa rubrica um cantante e esvoaçante artigo de Alberto de Oliveira sôbre Bilac, acompanhado de uma caricatura onde o poeta aparecia com a parte inferior do corpo convertida em lira que êle próprio dedilhava, todo cercado de estrêlas...

Nunca mais esqueci o seu perfil anguloso, nem o seu nome estranho e sonoro. Porque ? Não sei bem porque. Mas, voltando, em passo cauteloso e lento, ás minhas remotas impressões de infância, acredito que me pene-



trou fundo, mais do que o elogio, de que pouco podia entender então, o fantasioso retrato que fôra, se me não engano, desenhado por Bento Barbosa. Aquela silhueta branca em fundo negro, de um ser exquisito, que era metade homem metade lira, e todo cercado de estrêlas, deu-me que pensar e sonhar, na meia obscuridade do espírito que se abria para a vida... Lembra-me que me causou aquilo uma sensação penosa. Era desagradável, por monstruoso. Um homem que era uma lira ! Entretanto, depois, verifiquei que a caricatura era a perfeita representação do que Bilac foi em toda a sua vida — um homem esguio e aéreo, sempre entre as estrêlas, e que fazia de si próprio, sem deixar de ser homem, num sacrificio e num sonho, um instrumento inefável de maravilhosos acordes.

Anos depois, ainda menino, vem para São Paulo. Um dia, na rua de São Bento, perto da travessa do Grande Hotel, vi de repente, num grupo de rapazes, um moço pálido e magro, perfil agudo de roedor, faces cavas e picadas de espinhas, olhos salientes, a boca, grande, rasgada num riso largo, acompanhado de bamboleios e momices estouvados, de saracoteante alegria. Era Bilac. Já não me recordo de que maneira o soube, mas soube-o no momento. Creio que o vi depois algumas vezes; vi-o, com certeza, ca-



ricaturado de novo por Bento Barbosa, também já instalado em São Paulo, e com quem êle fazia por aquêle tempo — 1887 — uma revista de literatura e humorismo, a Vida Semanária.

Fui leitor assíduo dessa revista. Os meus dôze anos republicaníssimos e amantes de figuras não dispensavam essa publicação, onde os dois rapazes espicaçavam homens e instituições da monarquia, um por meio de crônicas e versos, outro de desenhos, — crônicas, versos e desenhos aguçados de petulância e irreverência, mas sem brutalidade, e com graça. Nêsse mesmo semanário Bilac publicou algumas das peças que pouco depois haviam de aparecer no volume das "Poesias", editado pela livraria dos irmãos Teixeira, de São Paulo, e impresso em Portugal. Do seu humorismo lembro-me as "Cartas Chinezas". E é com suspirosa saudade que eu hoje releio algumas dessas cartas que me fizeram regalemente sorrir no outro tempo..

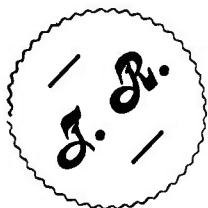
Estas recordações todas me estão entranhadas na alma, de mistura com as primeiras, virginais impressões que ela colheu dos homens e das coisas; de mistura, sobretudo, com as impressões da São Paulo que eu conheci há trinta anos, avelhantada e humilde na sua casaria de largos beirais, com pardieiros onde hoje se erguem palácios, com fu-



nilarias e bodegas onde hoje resplendem casas de jóias e casas de modas, suntuosas e bulhentas. O perfil esguio do poeta, que tanta vez atravessou as ruas da antiga cidade de Amador Bueno, á noite, sob o seu chapelinho de feltro, envolvido na bruma, enregelado da garôa, sonhando luares e estrêlas, criando beleza, forjando versos, de bronze pela dura, de ouro pelo fulgor e pelo preço, êsse perfil esguio e fugitivo de boêmio, de sonhador e de réprobo divino, se o evoco, me aparece associado ás soturnas, caladas, saudosas imagens da São Paulo da minha infância, toda povoada de sombras que me acanam do fundo do passado, com a doçura triste dos jardins por onde se andou meio indiferente e que nos começam a parecer deliciosos, ai de nós ! quando nos voltamos para êles de longe...

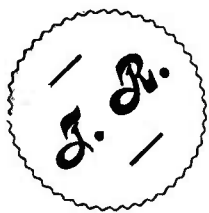
E! por isso tudo que eu sempre acompanhei Bilac, embora á distancia, com a fidelidade constante de um desses amigos invisiveis que todos nós temos na vida.

Pouco tempo permaneceu o poeta em São Paulo, para onde havia partido com o temerário projecto de estudar direito, tendo interrompido o seu curso de medicina no Rio. Em São Paulo, não estudou senão literatura — lendo Gautier, lendo Victor Hugo, lendo Bocage e Gonçalves Dias, ou—



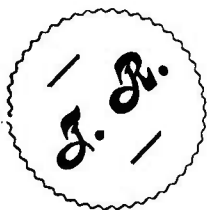
vindo o que lhe diziam as eternas sereias da sua vida, as estrêlas, e interrogando aquêles horizontes velados e melancólicos, que lançam ao longo das grandes perspectivas o encanto penetrante do entrevisto e a magia dolente do inatingível. Regressando ao Rio, postas definitivamente de banda todas as preocupações de formatura, caiu ce corpo e alma na brilhante e acidentada boêmia intelectual daquêle tempo.

Na Cidade do Rio com Patrocínio, na Gazeta de Noticias com Ferreira de Araujo, na Noticia com Manuel da Rocha, na Cigarra e na Bruxa com Julião Machado, em cem jornais e revistas da capital e dos Estados, dispersou largamente, um pouco ás tontas, os fulgores, as graças, os atractivos, os feitiços do seu verso sempre novo e sonoro e da sua prosa límpida, toda vibrante das trêmulas soalhas do ritmo e da imagem, como um pandeiro retêso. Perseguido, sob Floriano, refugiou-se em Minas, onde arrancou dos arquivos e das relíquias do passado parte do delicioso livro das "Crônicas e Novelas". Foi um poderoso auxiliar de Passos na remodelação do Rio de Janeiro, tarefa que, com tenacidade e com brilho iguais, aplaudiu, ajudou, prestigiou e defendeu, dia a dia, em artigos breves e eloquentes que a grande circulação da Noticia fazia repercutir por todos os



recantos da cidade. Esteve em Buenos Aires com o presidente Campos Salles, e o êxito que lá alcançou com o extra-programa das suas orações festivas foi simplesmente maravilhoso, tendo contribuído quase tanto como os esforços oficiais para que uma grande vaga de simpatia pública se erguesse para lá do Prata em demanda da nossa terra. Voltou á capital argentina por ocasião do Congresso Pan-Americano, e lá refulgiu de novo, na posição de secretário, não só pela acção incançável, como também pela palavra, mais arrebatadora que nunca. Escreveu livros didáticos. Publicou a "Alma inquieta". Talhou, numa só lasca de granito, o perfil enorme de Fernão Dias Pais Leme, belo e brutal como os herois das idades rudes e magníficas. Foi á Europa uma quantidade de vezes, alma inquieta e incontentada, sempre de lá para cá, sempre a correr atrás da mosca azul que nunca morre, porque sempre renasce... Em todas estas fases e acidentes da sua vida, eu, lá de longe, sem nunca lhe ter falado, era o amigo desconhecido que o seguia com a sua compreensão, com a sua simpatia, com o seu interesse, porque tudo o que êle tinha para mim de grande e de admirável avultava e luzia sob a leve cerração de uma suave saudade, que era mais um encanto.

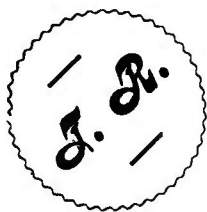
Quanto a aproximar-se dêle, receava-o. Eu



sempre tive o secreto receio de me aproximar dos estranhos a quem admirei: não fosse a aproximação dissipar impressões que, afinal, me resultavam em precioso confôrto...

Admirar, a meu sentir, é um exercício proveitoso e regosijante como um belo e saudável passeio. Note-se que de industria não o comparo á simples contemplação estática de um belo objecto, o que á primeira vista pareceria mais simples e mais exacto. Comparo-o a um exercício, a uma caminhada, a alguma coisa que é movimento e indagação, esforço divertido de um espírito em busca de pontos de vista felizes, de aspectos imprevistos, de detalhes ignorados, de perspectivas cambiantes e vastas. Isso, que é gozo e higiene da alma, quantas vezes não desaparece de brusco, pela aproximação e pelo contacto ! E eis aí, evidentemente, um prejuizo que é de temer.

Mas, há alguns anos, pôsto de repente em presença do poeta, e por êle acolhido com uma simplicidade tão lhana e tão branda, tão aberta e graciosa, parei um instante, como na orla de uma clareira, arrojéi os olhos tão longe quanto podia pela floresta, e entrei resoluto e tranquilo. Nunca me arrependi. Almas existem que são mais ou menos como aquela mata sinistra que êle descreveu em a-

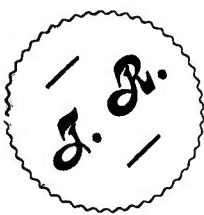


alexandrinos frementes de arrepiado pavor:

.floresta enorme
Onde, virgem intacta, a natureza dorme,
Como nos matagais da America e de Java—

almas nas quais não encontramos um canto onde repousar seguros. A dêle, não: a dêle, ao contrário, sem prometer muito, porque era, na sua beleza nobre, um pouco fechada e quieta, dava: tudo: a boa sombra densa e leal, os bons recantos de ternura humana, as longas, recatadas furnas olentes e sônoras da piedade, da tolerância e do perdão. Ele só ganhava em ser visto de perto. E eu, abandonando-me á sua amizade, me senti feliz de o haver encontrado, enfim, diante do meu passo, em pessoa, estendendo-me a sua mão amiga, falando e rindo comigo, a êsse que me havia surpreendido, há tanto, como uma sombra leve, e que caminhara sempre á minha vista, arrastando-me os olhos por onde quer que doidejasse e fulgisse.

Na mocidade, Bilac foi um boêmio acabado — boêmio como quase todos os rapazes de talento da sua geração, e mesmo alguns sem talento. Naquêle tempo a boêmia era obrigatória, um pouco por moda, um pouco por acção do meio. A par da luta contra a escravidão e contra a monarquia, que punha na atmosfera uma permanente vibração de e-



nergias insurreccionais, a revolta contra as estreitezas e as escurezas do espírito burguês, em regra escravocrata e monárquico, era como uma consequência do mesmo impulso.

Os poetas de então usavam gravata fluctuante e chapéu mole amachucado, com geitos e toques rememorativos de figuras provocantes e bizarras, evocadas da realidade fantasiada ou da vaga ficção. Compunham-se uns ares e uns modos de criaturas extranumerárias, com órbita á parte na vida moral e na vida social. Tinham explosões e dissonâncias, caprichos e singularidades. Levavam a existência, teatralmente, em som de rebeldia e de pândega. No fundo, faziam apenas aquilo que se costuma hoje conglomerar, um pouco rudemente, sob o letreiro depreciativo de cabotismo. E era de facto cabotinismo, porque enfim as coisas precisam ter um nome, mas um cabotismo ingénuo, com rompan-tes de cinismo trágico a terminarem-se em propósitos prudentes de arrependimento e de emenda, com derrames de loucura que de improviso se aquietavam em meticulosidades de perfeito juízo prático. Cabotinismo superficial, tres quartos fingido, geralmente com um fundo bem sólido de normalidade e com a mesma pesada massa interior de que se fazem todos os bons filhos, todos os bons esposos e pais, e de quan-



do em quando vistosos majores da Guarda, ou respeitaveis negociantes matriculados.

Bilac era dêsses: boêmio capaz de todas as estouvadezas e de todas as extravagâncias dos outros boêmios intelectuais do seu tempo, perdendo noites em rapaziadas sôltas e bulhentas, tintinabulantes de versalhada, rascantes de malícia, quentes de discussões intermináveis, entrecortadas de rugas e de surriadas, de furores e de gemidos, a arrastarem-se por botequins e cafés, cervejarias e redacções, becos, praias, esquinas e jardins. O nosso poeta principiara cêdo. Quase menino, já fazia rugir de indignação o seu severo e ríspido pai, o dr. Guimarães Bilac...

Duplamente austero, na sua qualidade de homem formado sob os princípios da educação antiga e na sua respeitabilidade de médico, indignava-se êste com as loucuras do filho adolescente — oh ! as grandes loucuras, que consistiam em trocar as horas de estudo por horas suplementares de palestra e de folgança, em não fazer senão versos e não ler senão literatura, e em entrar para casa um pouco além das horas fixadas no regulamento consuetudinário dos bons filhos-familia. Em dado momento o pai sentiu que a medida transbordava. Era preciso flagelar com impiedosa



mão os brios amortecidos do rapazola. Chamou-o, uma tarde, o sobreceño carregado, e, dando-lhe um bilhete, ordenou-lhe que se preparasse para ir ao teatro. Foi uma surpresa para o poeta, que em vão procurou consigo a explicação de tão insólita amabilidade. A hora aprazada Bilac partiu, tremendo, sob as vistas paternas. O espectáculo era no "Fénis Dramática" e constava do drama — "Os sete degraus do crime". Depois o poeta voltou a casa, onde o pai, que o esperava acordado, logo lhe desfechou esta pergunta:

— Assistiu á peça ?

— Assistiu, sim, senhor.

— Prestou bem atenção ao final ?

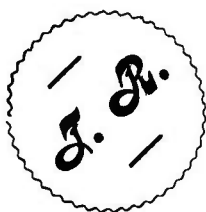
— Prestei.

— Como foi que morreu o protagonista ?

— Na força.

— Pois olhe (bradou o progenitor com voz estentória) olhe que é êsse o fim que o espera, se o senhor não se decide a mudar de vida !

Vêde como são frágeis e illusórias as pretensões da nossa perspicácia, quando nos aventuramos a fundar prognósticos na areia movediça das acções humanas ! Êste, que além de tudo era pai, apontava sob os pés do menino



mão os brios amortecidos do rapazola. Chamou-o, uma tarde, o sobreceño carregado, e, dando-lhe um bilhete, ordenou-lhe que se preparasse para ir ao teatro. Foi uma surpresa para o poeta, que em vão procurou consigo a explicação de tão insólita amabilidade. A hora aprazada Bilac partiu, tremendo, sob as vistas paternas. O espectáculo era no "Fénis Dramática" e constava do drama — "Os sete degraus do crime"... Depois o poeta voltou a casa, onde o pai, que o esperava acordado, logo lhe desfechou esta pergunta:

— Assistiu á peça ?

— Assisti, sim, senhor.

— Prestou bem atenção ao final ?

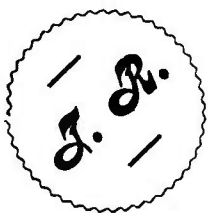
— Prestei.

— Como foi que morreu o protagonista ?

— Na força.

— Pois olhe (bradou o progenitor com voz estentória) olhe que é êsse o fim que o espera, se o senhor não se decide a mudar de vida !

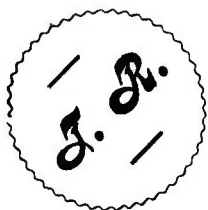
Vêde como são frágeis e illusórias as pretensões da nossa perspicácia, quando nos aventuramos a fundar prognósticos na areia movediça das acções humanas ! Êste, que além de tudo era pai, apontava sob os pés do menino



transviado os sete degraus do crime, e o que o rapaz começava a subir eram os degraus do aperfeiçoamento e da glória.

Aparentemente, dispersava-se e arruinava-se. Na realidade, conhecia a vida, fazia a sua experiência da vida, a experiência adaptável á forma e ás forças do seu espírito, conhecia os homens e as mulheres, as almas e os corações, as inclinações boas e más, as torpezas e as sublimidades do mundo, e de permeio com tudo isso a média imensa e incolor, a média fatal das almas sem garras e sem azas, que não rojam nem voam, que se movem na penumbra, entre a luz e a sombra, means em tudo, buscando em tudo a mediocridade, temendo e aborrecendo tanto aquilo que não atinge como aquilo que sobrepassa a linha mediana das opiniões elaboradas em commum... Essa experiência lhe era necessária. E' possível que, nela, tenha malbaratado e prejudicado alguma coisa de si; mas êsse foi o preço fatídico da larga compreensão da vida, que ganhou, compreensão melancólica, sem dúvida, mas cheia de perdão e de doçura, de coragem e de tolerância. Através dessas sinuosidades e coleios, êle nada perdeu de substancial, deixou apenas farrapos superficiais da personalidade, como felpas das azas.

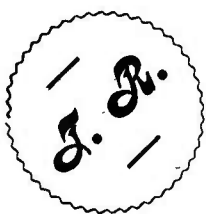
Assim é que, tendo começado a vida entre as



loucuras da boêmia e as exacerbações imaginossas de uma arte carnal e sensual, foi, aos poucos, espiritualizando tanto a sua vida como a sua arte. Nêste, pôde-se dizer sem exagêro e sem êrro que tudo foi ascensão. O poeta, o escritor, o homem de pensamento, o particular, o cidadão, tudo nêle foi crescer e subir, e tudo por igual, a um tempo, num só arranco pausado e sereno.

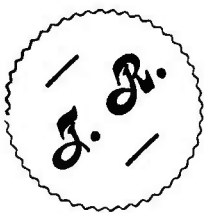
Quando êle surgia como poeta, aí por 1885, já honrado pelo cálido louvor de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia nas colunas d'O Vassourense, jornal de Lucindo Filho, pouco aperfeiçoamento se lhe poderia vaticinar. Por uma razão muito ponderosa: é que êle já surgia quasi perfeito. Apareceu, adolescente, — aos vinte anos, — manejando as terríveis asperezas e rebeldias da língua com a coragem e a força de um Alcides infante a lutar com águias e leões.

Esta comparação cuida que é expressiva, no seu ar de velhice um pouco gasta, mas ainda nobre. Todos os poetas que tratam a sua arte com a clara consciência das suas dificuldades exasperantes, aprovarão, no íntimo, esta assimilação das expressões que revôam acima de nós, como assanhadas de se verem perseguidas, ou que nos fogem aos



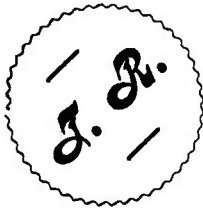
pulos e nos agridem aos bótes, e nos arrastam, e nos correm a garra gotejante de sangue, até que as apanhamos pela ponta da aza ou pela gralha e, valentemente, as sofreamos, batemos, castigamos, e pomos de rasto... Mas, para aquêles que achem a imagem um tanto puxada demais para o grandioso (e não deixam de ter sua razão !) eu representarei mais modestamente as dificuldades terríveis de lingua e de metro, de rima e de ideia, de estilo e de sonoridade, com que os poetas se têm de avir continuamente, sobretudo quando o idioma de que se servem ainda oferece, como o nosso, rigidezas e resistências de vime verde. Eu representá-las hei por um bando enorme de gatos...

Não se diga que banalizo e amesquinho, agora, o objecto a que há pouco pretendia dar proporções excessivas. Não. Belos e nobres animais são os gatos, tão brandos, graciosos e pacíficos, tão ondulantes e finos na familiaridade confiada das suas voltas e meneios, e entretanto independentes, caprichosos e indomáveis, músculos de aço, elásticos e resvaladiços, garras de puas lancinantes, olhos que lançam faiscas diabólicas e gargantas que sopram, cospem e resfolegam silvos, guinchos, uivos e gargarejos de cólera fulgurante... Assim é esta nossa lingua, tão nossa, tão



fácil, tão chan e fiel, quando despreocupadamente a usamos no comércio ordinário das relações. E' um concêrto de gatos, se a queremos prender na jaula do verso. Aqui um salto funambulesco, ali um recúo e um arripiar de pêlos, acolá um escancarar de gula vermelha e um coriscar de patas anavalhantes, e por tudo um câro destemperado de mios e de chôros, de berros e de bufos...

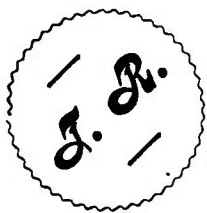
No entanto, — eis o milagre que nos deixa pensativos, — vem um rapaz novo, singelo e sorridente, sem partes com o diabo, sem poderes do ceu, um rapaz como tantos outros aparentemente, mete-se com essa gataria, expede dois repelões, vibra quatro açoites, põe uns afagos nas pontas dos dedos e uma intimativa nos arrulos da voz — e eis que o bando de gatos entra a dançar em evoluções maravilhosas, em acrobacias de elástica morbidez e matemática precisão, com infinitas sonoridades veludasas e quentes nas gargantas bravias ! Esse foi o milagre de Bilac, logo ao surgir entre os braços de seus irmãos mais velhos, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Os seus versos, por aquêlo tempo, com pouca diferença, já eram os da primeira edição de seu livro, que tão grande e tão merecido êxito devia alcançar em todo o país. E' que êle possuia dons naturais ex-



traordinários, e teve a fortuna de surgir com tais dons no momento em que se operava a renovação técnica e teórica da nossa poesia.

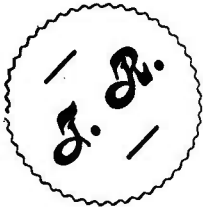
A poesia, até então, esgotava-se em lirismos convencionais, derramados em verso fácil e grosso. O fundo era velho e pobre: atitudes românticas de fatalismos filosófico, de pieguice amorosa, de democratismo verboso; e tom, declamatório e maquinal; os temas, estafados; as pinturas, artificiais; as imagens, oratórias e gastas; as cadências, infantis; os metros, cambaios; as rimas, enfim, demasiado insignificantes para serem metidas tão á força... Nisto, pelo geral, se dissorava a arte formosa e rica de Gonçalves Dias, a arte incorrecta mas impetuosa e bela de Castro Alves. A reacção era inevitável, e era desejável. Veiu, canalizada na corrente parnasiana: modificaram-se as atitudes, balisaram-se novos rumos, refez-se a provisão de assuntos gerais, reeducou-se a técnica transviada e claudicante. Sobretudo, procurou-se, a exemplo dos mestres franceses em voga, a recortada precisão das ideias, o relêvo forte da imagem, a cadência sacudida e vivaz do verso, o ressaír ponteagudo da rima, — cada coisa bem limada, bem acabada, bem repolida, e cada coisa no seu justo lugar.

Foi-se mesmo ao exagero a que iam os mestres



da outra banda, e acreditou-se, na tocante cegueira de um juvenil entusiasmo, que a última palavra da estética era converter a poesia em rival e em copista das artes visuais, em trabalhar o verso som pincel e cinzel, com escôpo e buril, com maçarico e lima; era dar ás composições da palavra a solidez, os contornos e os relêvos definidos, exactos e imutáveis das estátuas, dos frizos, dos quadros, dos vasos, das medalhas, das gravuras a água forte ou das jóias. Evidente exagêro, que reduzia, sem o sentir, a missão complexa, múltipla e superior das artes do verbo, que são sobretudo movimento e vida, que hão de comportar sempre algo de fluente e de flutuante, e que, se com alguma outra arte se assemelham de nascença é com a música, também feita de elementos que se desdobram no tempo e também primariamente destinada a gerar, em vez de êxtase, acção. Mas, exagêro necessário, por que o exagêro é o lubrificante das novidades a instalar, e exagêro até certo ponto útil, porque teve o efeito de gravar perdurávelmente na consciêcia dos poetas o respeito da língua e a probidade escrupulosa do ofício.

Bilac formou-se poeta nessa época. Temperamento de fogo, êle quiz observar logo com fervor inexcedível os sagrados mandamentos do novo credo. Théophile Gau-

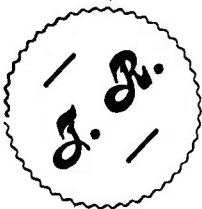


tier, que cozia esmaltes e talhava camafeus, mimos faiscentes do finito, do condensado, do preciso, do minudente, do definitivo, colocava no fim do seu livro famoso, como áurea custódia no fundo de um templo, uma declaração de fé geometricamente lavrada.

Bilac esculpiu a sua "Profissão de fé" com os olhos nêsse modelo.

Êsses versos perfeitos, assim engenhosamente entrelaçados, assim solidamente construídos, assim minuciosamente passados sob uma lima sutil, sem uma trinca, um derrame, uma falha, um desvio, uma rebarba, êstes versos dão o tom e a norma invariável de todos os que se contêm nas "Panóplias", nas "Sarças de fogo", na "Via-láctea". O mesmo escrúpulo na composição dos poemas, na proporção das partes, no encadeamento dos episódios, na distribuição dos ornatos, na graduação dos efeitos, na escolha dos vocábulos.

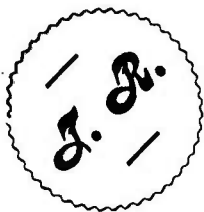
Hoje, quem examina de perto as feições firmes e salientes desta arte, não pode, por muito que a preze e saboreie, calcular o que ia de espanto sagrado, de religioso e indefinível enlêvo na alma dos moços de há vinte anos, quando percorriam, em êxtase e com delícia, as tres



abóbadas em que se repartia esse palácio encantado...

A nova arte, de então até há poucos anos, propagou-se numa rápida e completa vitória; e, se ninguém, de certo, chegou a praticá-la como Raimundo, como Alberto de Oliveira, como Bilac, houve contudo legiões inumeráveis de vates que, abaixo dêles, se vinham escalonando por aí até o chão raso. Não deixaram os três mestres de estar nas mesmas alturas; mas, hoje, quem os lê já não pode ter a impressão profunda de cataclismo geológico que a súbita aparição dêsses alcantis talhados a pique nos produzia há vinte anos... E eu digo vinte anos — aliás sem nenhum intento de precisão rigorosa — apesar de serem mais antigos os livros daquêles gloriosos artistas, porque, como é natural, o grande êxito dêles não foi imediato. Os primeiros tempos foram de indiferença, de incompreensão e de hostilidade. Só um pouco depois é que a adesão calorosa dos homens de letras, avolumando de dia para dia a caudal dos admiradores, dos partidários e dos fanáticos, acabou por arrastar a unanimidade dos aplausos.

Pois essa sua arte sábia e complicada ainda foi aperfeiçoada pelo nosso poeta. Nas subsequentes edições do seu livro, Bilac não corrigiu apenas algumas das passagens



onde julgou encontrar defeitos: acrescentou, ainda, á obra primitiva novos e sucessivos lances, onde excedeu sempre quanto houvera anteriormente realizado no tocante á elasticidade, á plasticidade, ás gradações. Sua arte desdobrou-se e subtilizou-se, de mais em mais, na "Alma inquieta", naa "Viagens", no "Caçador de Esmeraldas", para se alçar, por fim, ao supremo triunfo da segurança, da finura, da virtuosidade, da força impressiva e do prestígio pictural e musical, nêsse rendado e mirífico alhambra da "Tarde" Comparem-se, por exemplo, algumas das composições descritivas dos primeiros tempos com uma outra dos últimos.

As peças descritivas são as que se prestam melhor a uma apreciação dos recursos da fôrma, porque, nessas, a fôrma se apresenta, por assim dizer, isolada, ôca, livre da complicação dos elementos de fundo. Leia-se um trecho do "Sonho de Marco António":

A arpa suspira. O melodioso canto,
De uma volúpia lânguida e secreta,
Ora interpreta o dissabor e o pranto,
Ora as paixões violentas interpreta.

Ampla dossel de seda levantina,
Por colunas de jaspe suportado,
Cobre os sêtils e a cachemira fina
Do régio leito de ébano lavrado.



Move o leque de plumas uma escrava.
 Vela a guarda lá fora. Recolhida,
 Os pétreos olhos uma esfinge crava
 Nas formas da rainha adormecida.

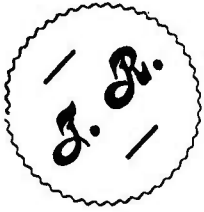
.

São versos tecnicamente perfeitos, e acari-
 ciantes, embaladores e sugestivos. Mas há nêles um não sei
 quê de cru, que lembram um belo quadro onde os contornos
 fossem um tanto duros, a pedirem um pouco de atmosfera, que
 circulasse por êles e os diluisse. Lêde, agora, um soneto
 pinturesco da Tarde. Notai como todo o desenho, todas as
 côres, todos os matizes e sombras se completam, se equili-
 bram e se harmonizam. Como os efeitos se interpenetram e
 se fundem ! Que movimento ! Que jôgo delicado de contras-
 tes ! Que transparência e fluidez de tintas ! E que am-
 plidão !...

AS ONDAS

Entre as trémulas mornas ardentias,
 A noite no alto mar anima as ondas.
 Sobem das fundas húmidas Gelcondas,
 Pérolas vivas, as Nereidas frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,
 Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,
 Vestem as formas alvas e redondas
 De algas rôxas e glaucas pedrarias.



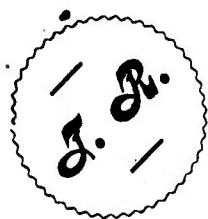
Côxas de vago onix, ventres polidos
De alabastro, quadrís de argentea espuma,
Seios de dúbia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o fósforo incendeia e o ambar perfuma,
Soluçam beijos vãos que o vento leva...

Só falei até agora da fôrma. O mesmo impulso ascencional, pausado e ininterrupto, se observa na evolução do conteúdo.

Na primeira edição do seu livro, a poesia de Bilac se espoja volutuosamente em virtuosidades descritivas e narrativas — "Morte de Tapir", "Tentação de Xenócrates", "Sésta de Nero", "Incêndio de Roma", "Delenda Carthago".. — ou revôa em sonhos de amor inflamadamente mundanais. Percebem-se outras notas, de quando em quando — um grande desejo de vida, o horror da morte e do além, sentimentos humanos de piedade, de entusiasmo, ou de ternura; são, porém, notas secundárias e dispersas, resvalando acidentalmente sob o tecido forte daquêles acentos metálicos. Em todo o livro mal se encontrarão três ou quatro peças que, como "A um grande homem" ou "Pomba e chacal", encerram uma pura ideia e possam reduzir-se a uns tantos conceitos abstractos.

Na "Alma inquieta", já essas notas sobem,



trémulas e graves, como vindas de um oboé longínquo, ou de uma cornamusa comovida, sôbre o fundo das violentas orquestrações do sensualismo juvenil — e chamam-se "Inania verba", "Vanitas", "Midsummer Night's Dream", "Mater", "Virgens mortas", "Campo Santo", "Velhas árvores"... Nas "Viagens", a simples intenção descritiva de outras peças dobra-se de uma ideia de continuidade na sucessão dos quadros, com o germen ou o esboço remoto de uma concepção cíclica. O "Caçador de Esmeraldas" é ainda um poema descritivo. Mas não é um painel: é um poema, grande e belo poema, onde ao apuro da fórmula, á grandiosidade do desenho, á riqueza dos efeitos de arte, á força das emoções, se acrescenta um alto sentimento patriótico e humano, roçando por um nobre e reconfortante entusiasmo. Por fim, vem a "Tarde". .

Mas nem todo o tempo que me resta bastaria para eu dizer aqui dêsse livro maravilhoso, único na língua portuguesa todas as reflexões que me sugere e as profundas repercussões que dentro de mim desperta. "Tarde" é o calvário resplandecente de um grande poeta que era um homem e de um homem que se ia tornando um santo... É com orgulho que nós, brasileiros, podemos apresentar ao mundo êsse grande livro, essa rara flor de cultura humana integral, onde



se entrelaçam e concertam, alteados, depurados, afinados, tantos primores de uma arte infinitamente rica, tanta abundância e tanta elevação de sentimento, tanta universalidade de intenções, tanto amor á terra nativa, tantos regalos para o sonho e tantos excitantes da acção, e tudo isso penetrado e banhado de uma inteligência tão luminosa e musical... Oh ! o milagre máximo desta natureza privilegiada !

Foi nêsse livro que êle realizou definitivamente aquêle fantástico retrato da antiga Semana: aí, a lira sonorosíssima que êle vibrou, fazendo-a gemer, cantar e rir, era êle inteiro, era a lira feita com todos os seus nervos, todos os seus músculos, todo o seu sangue, cheia da sua vida passada e presente, trémula das palpitações do seu coração, orvalhada de suas lágrimas, agitada pelas ideias e pelos sonhos que não chegaram a ganhar corpo e tomar azas — era êle próprio ! e lá repousa no eterno segrêdo, rôta e silenciosa, desfazer-se e a dissipar-se como um sonho que nunca mais será sonhado...

Bilac há de ficar na história da nossa poesia com imperecível relêvo. Aslinhas dêsse relêvo são postas em evidência pelos mesmos que lhas censuram.

Acusam-no de ter insuflado nos seus versos



mais eloquência do que poesia. Não relutarei muito em concordar com semelhante reparo. "Mais eloquência do que poesia" — quer dizer que, em todo o caso, a poesia existe. E existe muita, todos vós concordareis comigo em que existe muita. Pois bem: essa poesia, abundante e magnífica, é ainda acompanhada de bastante eloquência. . que, no caso presente, é também poesia.

Essa eloquência de Bilac é também poesia, porque não é uma pura suntuosidade do verbo, é o impeto forte e o transbordamento sincero de toda a sua natureza profunda. Nos seus entusiasmos, nos seus clamores, no seu discurso interjeccional e rotundo, não há uma simples maneira literária, há um temperamento excepcionalmente acentuado, que parece ter surgido, numa geração titânica, dos desejos e dos assombros da Terra. E já isto é poesia intensa... Mas não façamos questão de nome. Digamos antes: isto é belo; e basta.

Outra acusação que se faz a Bilac, é a da sua terrenidade ardente... Dir-se hia que as acusações que lhe movem tem por destino realçar as grandes qualidades peculiares da sua arte. Com efeito, ela traz consigo todos os ardores insofridos e implacáveis do instinto. Mas são tão fortes, tão contínuos, tão sinceros, tão cheios de huma-



na angústia êsses ardores, que chegam a ter algo de grande, de magnífico e de trágico. Ouve-se nêles o éco perpétuo da nossa animalidade esfaimada a uivar na sua noite, ao clarão das êstrêlas. . Ele não cantou as banalidades viciosas do viver cotidiano. Cantou o eterno impulso fatal. Cantou-o franca e sonoramente, sem malícia torpe e sem cinismo repulsivo, com a naturalidade simples que teria um pagão sadio e galhardo. Não é êle que merece censura. Censura merecem antes os que o censuram, porque êsses é que, com o seu moralismo suspiçaz e manhoso, pedante e falso, tolerando na vida prática a inundação horrível de todas as turpitudes habituais que a envilecem, vão no entanto sublinhar com o dedo oleoso as claras e direitas espontaneidades da natureza e da arte. Culpa não tem o poeta de que êles turbem e insultem as próprias fontes onde bebem.

Tão imperiosa, porém, era esta propensão do seu ser, que ela é a que mais vibra, não só na sua pureza, como também associada a outras impressões, a outras tendências, e até a ideias aparentemente muito distantes. Descrevendo o doudejar eterno das ondas, á noite, em alto mar, êle recriou a mitologia antiga das feminilidades formosas e ululantes, perdidas na solidão oceânica. Semelhantemente,



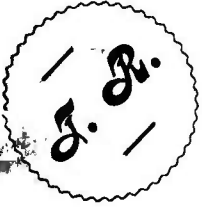
na sua primeira época, olhando o ceu cheio de névoas, via nêle um turbilhão de fórmias perturbadoras. Dedicando um soneto ao descobridor do Brasil, nada encontrou mais comparável a essa invasão primeira de uma terra desconhecida e opulenta, que a glória de umas núpcias ardentes e encantadas...

Ao lado dessa obsessão terrenal, a obsessão dos astros. Um dos seus sonetos mais antigos é o celebre "Ouvir estrêlas", que tão pegado lhe ficou ao nome para sempre, a ponto de nunca mais se falar de um sem que as outras abotoassem logo nas memórias. Esse soneto é apenas um episódio. Toda a sua vida foi um andar com os olhos erguidos a cada instante para o firmamento. Toda a sua poesia e toda a sua prosa estão coalhados de astros. Aqui é um poema inteiro onde êles refulgem; ali, assomam numa estrofe, como numa janela; mais além, inesperadamente, arde uma cintilação cravejada num fêcho de ouro, parecendo um simples ornato quando é um reflexo do vasto céu.

A princípio meras confidentes dos seus amores terrenos, as estrêlas tornam-se depois as doces inspiradoras dos seus pensamentos mais altos. Elas encarnam todas as suas aspirações melodiosas de purificação. Subindo da juventude á maturidade, êle subiu do materialismo ala-



Olavo Bilac, ao visitar Portugal pela ultima vez, "posou" em companhia de Guerra Junqueiro, trazendo para o Brasil a photographia acima, hoje rara, em que se vêem juntos os dois maiores poetas da raça lusitana



A O L A V O B I L A C .

Torturados da Fôrma e martyres da Ideia,
Outros poetas virão, seguindo-te as pégadas,
Trazendo, como tu, nas almas abençoadas,
Tempestades de dôr e arroubos de êpopeia,

E, em poemas e canções, em ódes e balladas,
Hão de vibrar do Amor á doce mélopeia
E cantarão da vida a tragica odysseia
E o rutilo esplendor das noites constelladas.

Argonautas do Ideal, em busca de um thesouro,
A Perfeição — que foi teu sonho sobre a terra —
Hão de ver através das tuas rimas de ouro.

Hão de vê-la brilhando em teu estylo terso,
Pois teu livro divino a Perfeição encerra,
Sublimado cantor, pontifice do verso!

GONÇALVES VIANNA.



C H R O N I C A

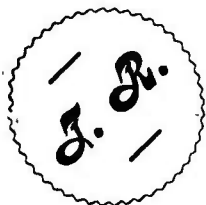
P U B L I C A D A

N O

" O M A L H O "

p o r

X . X . X .



OLAVO BILAC.

- . -

Em 19 de Setembro de 1883 publicava Olavo Bilac na Gazeta Academica, este seu primeiro soneto:

MANHÃ DE MAIO.

Lá fóra a natureza alegre e verdejante
 Expande-se ao calor do sol da primavera...
 Gorgeia a patativa um canto inebriante
 E como que sorri, contente, o azul da esphera.

Parece que a campina esplendida e brilhante
 Em vestir-se de rosa e de jasmins se esmera
 Como a noiva gentil que, tremula e hesitante,
 Com cuidado se veste e o lindo noivo espera.

E enquanto em frente a mim duas pombinhas mansas
 Mais brancas do que a alma ingenua das creanças
 Conversam sobre amor, beijando-se em delirio,

Eu penso em ti compondo esta canção florida
 Que quizera enviar-te, ó minha flôr querida,
 Escripta a tinta azul nas petalas de um lirio...

Residia, então, o Poeta no Engenho Novo, em casa
 dos paes, e cursava, sem enthusiasmos, a Academia de Me-



dicina.

Em 1884 chegava ao Rio de Janeiro essa dona da voz de ouro, que é Sarah Bernard. Era no vestusto S. Pedro. A' luz crúa do gaz a platéa do Rio de Janeiro, já sagrada uma das mais intelligentes do mundo, abalava-se, commovia-se, vibrava, delirava sob o influxo poderoso e fascinador da genial interprete de genios. Paula Ney, as abas da casaca penneando como duas flammulas negras, os gestos largos e expressivos como a sua palavra encantadora, dirigia a mocidade. Joaquim Nabuco, cujo verbo ganhára bellezas novas na incarnação do grande sonho da Patria, saudava-a em phrases épicas, numa oração flammejante.

Foi quando appareceu um soneto, vasado num francez elegante e puro, publicado no mais interessante dos matutinos de então, e no qual a figura, quasi immaterial da grande Artista, nimbava-se de um resplendor de deuzas. Traziam esses quatorze versos uma assignatura: Richepin. E que gabos que elle provocou ! Viveu, durante horas, na apotheóse glorificadora da adjectivação dourada. Alguem, que lhe assistira ao nascimento, e que já amava enternecidamente Bilac, denunciou-lhe a origem. Que profanação! Os defeitos começaram a ser notados, e, dentro em pouco,



de todo elle, apenas ficou, cantante e sonora, a assignatura. Olavo não se agastou: sorriu.

Oh ! o sorriso do Poeta ! Era extranho, mysterioso, indecifrável como esse de Gioconda na sua desesperadora impenetrabilidade, através do qual quasi chora ironicamente a alma torturada de Da Vinci...

Que provocaria o sorriso enigmatico do Poeta ? A piedade pelos pygmeus ? A visão do futuro ? A gloria que o chamava ?

Dias depois a Gazeta de Noticias dava na sua primeira pagina, a Sesta de Nero, e a Semana, revista litteraria de Valentim Magalhas, illuminava a giorno, estampando a Morte do Tapir. O nome de Olavo Bilac começou logo a resoar como um hymno victorioso... E quando sahiram, enfeixados em livro, as suas poesias, todo o Brasil abençoou nesse nome o nome glorioso da Patria e da raça.

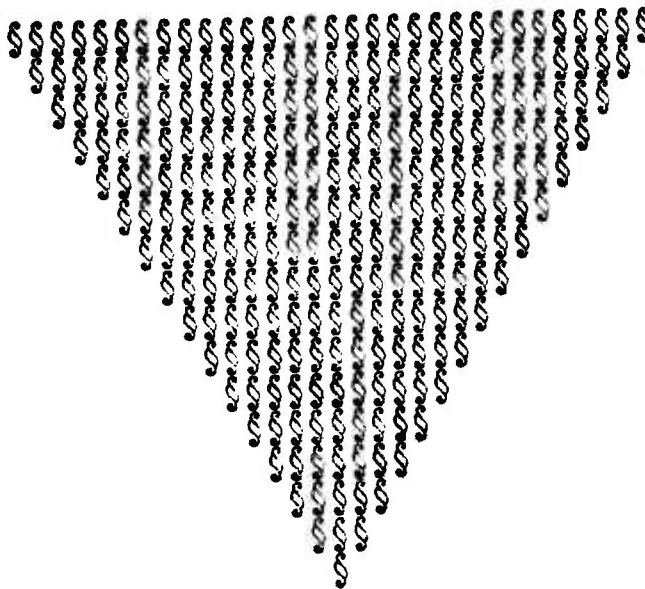
Poder-se-á notar que, tendo esse livro sido publicado na época em que apaixonavam o Brasil a campanha abolicionista e a propaganda republicana, dellas não participasse a alma do Poeta. Que importa ? Se o canter hesitante da Manhã de Maio culminou nos versos da Tarde, - obra de suprema graça e de maravilhosa perfeição, o alheamento do Poeta pelas duas grandes causas foi largamen-

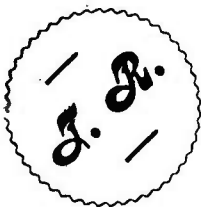


te, fecundamente, divinamente resgatado pela actuação do patriota que, como Demosthenes, fez da palavra o vehiculo da grandeza da Patria, integrando-a, pelo entusiasmo e pelo amor da mocidade que elle fez renascer e reflorir, na sua ascensão para a grandeza.

E se o poeta se foi, "depois do seu bem cantado e bem veado dia", o patriota partiu para sempre após ter dado á Patria a segurança do seu valor. Um completa o outro. Seja, para sempre, bendito Olavo Bilac, o divino Poeta e glorioso patriota.

X. X. X.





OLAVO BILAC .

- 0 -

: : : Final do discurso pronunciado por ALCIDES MAYA,
por ocasião da grande festa artistica - litteraria,
em homenagem ao poeta OLAVO BILAC ao regressar da
Europa, em 1912 : : :

o o o
o o
o

Senhores — Estamos reunidos em torno de Olavo Bilac fieis ao pensamento de que, a despeito de todas as dôres e de todos os desenganos desta época, devemos animar do nosso estro o Brasil que amamos e cuja vida desejamos que seja a nossa propria vida; porque não queremos que elle seja apenas uma série cosmopolita interminavel de armazens, de docas, de bancos, de estradas de ferro; porque acima dos depositos de mercadorias, das officinas, das pontes, dos campos de criação, das colonias, almejamos que paire um grande ideal de amor, de justiça e de belleza.

Só existe patria se ha poetas, — quando ha um Camões, como em Portugal, um Dante, como na Italia, um Sha-



kespeare, como na Inglaterra, um Cervantes, como na Hespanha, um Goethe, como na Allemanha.

Estamos aqui a fim de exaltarmos a lingua portugueza no seu fulgido avatar americano; o espirito do Novo Mundo Latino, que não será latino apenas na limpidez e na correcção das fórmãs, mas sobretudo na orientação da cultura, na tendencia redemptora, no pendor universalista; e, finalmente, a Arte, mais completa, desinteressada e resistente affirmação da nacionalidade.

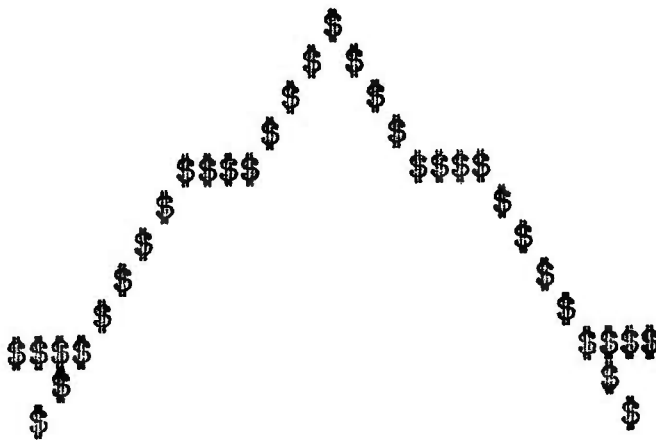
Olavo Bilac — Na tua Arte, que nos recorda a Grecia na majestade sobria, perfeita e viva dos seus marmores; que nos recorda o Oriente na opulencia sensual da sua poesia de amor, entrelaçada de mythos millenarios, em que o homem e a natureza se confundem no mesmo aneio de luz, de symbolo e de desejo; que nos recorda na melancholia sentimental a alma lunar de ballada cavalheiresca do romantismo; que nos recorda, na subtiliza e no fino lavor, na harmonia do metro, no rendilhado da phrase, no thezouro das rimas a delicadeza parnaziana de França; mas que não é apenas a Grecia, nem o Oriente, nem a Europa moderna, porque já é tambem o Brasil; na tua Arte, que se acachôa nas aguas impetuozas dos grandes rios e conhece a soturna poesia da selva americana e tem a amplitude dos nossos horizontes e se-

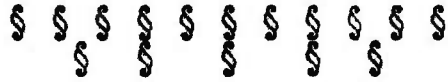
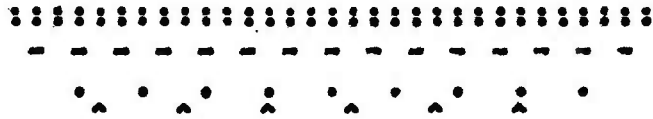
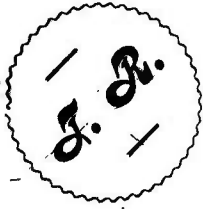


gue a rota, semeada de cadaveres, das bandeiras audazes, e ouviu as queixas do ultimo abencerrage tupy; na tua Arte, que soube consagrar em verso novo a graça nova, tão original, das nossas mulheres frageis e pequeninas, tão da terra que as criou gemeas em esveltez da palmeira e da garça; na tua Arte admiravel, que realisa o milagre de converter em discreta e luminosa bondade, mestra suave de justiça, de affecto e de paz entre os homens, a tua experiencia desconsolada da Vida; nós, teus amigos e confrades mais novos — fortes como tu para a lucta que tanto tens honrado — saudamos a alma da Patria futura, que havemos de servir e impôr com o nosso sangue e com as nossas ideias.

- - -

ALCIDES MAYA.





O L A V O B I L A C .



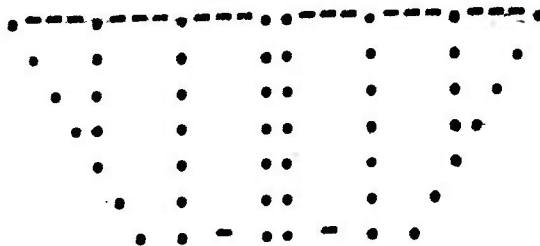
G A L E R I A D E G R A N D E S H O M E N S

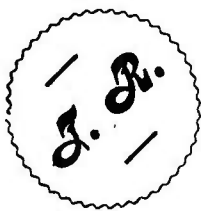
D A

L I T E R A T U R A B R A S I L E I R A

P E L O

P R O F E S S O R A L V A R O G U E R R A .





GALERIA DE GRANDES HOMENS
 DA
 LITERATURA BRASILEIRA
 PELO
 PROFESSOR ALVARO GUERRA.

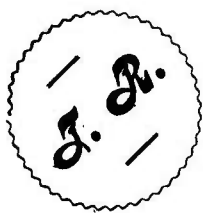
- - - - -
 - - - - -
 - - - - -
 - -
 -

O L A V O B I L A C .

- - I - -

S U A V I D A .

Olavo Bilac é a figura culminante desta nossa modesta galeria. Nelle se entrelaçam, com um relevo escultural, o literato e o patriota. Ninguém, como elle, soube fazer vibrar mais forte a corda do patriotismo na alma da Moçidade. Poeta, chronista e orador, — em qualquer dessas fulgurantes facetas do seu omnimodo talento, foi sempre um adorador encantado da Belleza eterna, onde quer que ella se lhe deparasse. Estheta, na mais nobre accepção do termo,



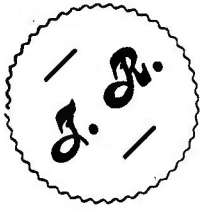
ninguém, antes d'elle, havia amado mais sinceramente a nossa lingua. A sua prosa, não menos que o seu verso, é devéras um primor: tem correção, brilho, singeleza e naturalidade. E' Bilac, talvez, no Brasil, o artista mais completo da palavra.

. . .

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, filho legitimo do Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delphina de Paula Guimarães Bilac, nasceu a 16 de dezembro de 1865 no Rio de Janeiro. Foi baptizado na freguezia de S. José e fez o seu curso de primeiras letras no collegio do Padre Belmonte.

Era aspiração de sua familia fazel-o doutor em medicina para continuar, assim, a tradição de seu genitor. A este, sorria-lhe bem fundada esperanza, ao ver a vivacidade de espirito que, na infancia, ia já revelando o futuro discipulo de Galeno.

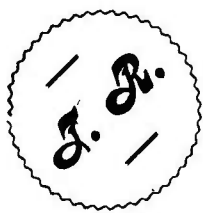
No curso de preparatorios, Bilac, entre os collegas de classe, embora não fosse dos mais applicados, conquistou sempre um lugar de evidencia, graças á precocidade do seu talento para as letras. Entretanto, nas aulas, tinha a apparencia de não ligar importancia ao que explicava o professor; dava, mesmo, a impressão de que pouco se preoc-



cupava com as lições marcadas para a classe..
 E, não obstante, nenhum dos seus collegas, por
 mais applicado e intelligente que fosse, lhe
 levava a palma em comprehensão prompta da materia e expo-
 sição facil do ponto. E' verdade que o tinham por versatil
 e trêfego; era, porém, no fundo, um espirito arguto e, tan-
 to quanto lh'o permittiam tão verdes annos, mais equilibra-
 do que muitos dos seus collegas, — prodigios de applica-
 ção e comportamento. .

Feitos os preparatorios, matriculou-se Bilac na
 Academia de Medicina. Livre, afinal, dos bancos escolares
 e longe do olhar severo dos professores, achava-se, agora,
 num mundo completamente opposto áquelle em que elle, duran-
 te annos, não era ainda um ente senhor da sua vontade, mas
 um sêr escravizado a tres tyrannias: a disciplina, o estudo
 e. . a vigilancia.

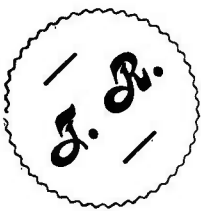
Como a ave engaiolada ao ser restituída á nature-
 za, Bilac, livre dos bancos escolares, podia, dahi por de-
 ante, respirar a largos haustos o ar tonificante da liber-
 dade. Agora, no seio da juventude academica, não podia fu-
 gir ás leis fataes do meio. A vida bohemia sorria-lhe, e
 elle, attrahido irresistivelmente para o meio jornalístico,
 onde senhava glorias como poeta e chronista, deixou-se ar-



rastar pelos enthusiasmos da época. Não tardou muito que, com José do Patrocínio, Raul Pompeia e outros rapazes de grande talento, se tornasse pioneiro da Abolição. A sua ancia de liberdade fê-lo, depois, naturalmente, propagandista da Republica.

O meio jornalístico, porém, não lhe permittia levar muito a serio o curso medico. Achava elle por demais soporíferas as aulas dos lentes, comquanto, senhor da materia por intensa leitura antes dos actos, nenhuma difficuldade encontrasse em assimilar e expôr com methodo, em linguagem clara, brilhantemente, como o fazia, em occasiões de apuro, o genial bohemio.

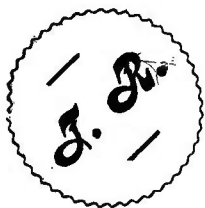
Bilac, aliás, ao frequentar a Academia de Medicina, não tinha outro intuito a não ser o de cumprir um desejo de seu pae. No intimo, porém, reconhecia que não nascêra para medico. A dôr humana impressionava-o por demais profundamente. A elle, verdadeiro artista, era-lhe impossivel adquirir a impassibilidade profissional ante os males physicos e as desgraças organicas do seu semelhante. Em summa, não tinha bossa para a medicina... Por isso, apenas concluiu o 5º anno, declarou a seu pae que aquella carreira, positivamente, não se compadecia com o seu temperamento idealista e voluvel. Amigo da liberdade, mais propicia se



lhe antolhava a carreira do Direito. Esmerado cultor da palavra — escripta ou falada —, seduzia-o a visão da tribuna, onde elle, doutrinando ás massas, pudesse fazer vingar os seus ideaes de liberdade, igualdade e fraternidade.

Bem a contragosto de seu genitor, partiu Bilac para S. Paulo. Ahi, na Faculdade de Direito, empolgando, desde logo, a admiração e sympathia dos academicos, encantados pela sua jovialidade e talento oratorio, fez-se, dentro em pouco, a figura central da bohemia que, nas reuniões festivas da Faculdade, lhe applaudia, com ardor, os versos lyricos ou os rasgos de eloquencia. Bilac, porém, saudoso de seu Rio de Janeiro e do meio intellectual a que tão de melde se adaptara, interrompeu o curso juridico no 2º anno e regressou á sua querida capital, para não mais volver ao antigo mosteiro de S. Francisco.

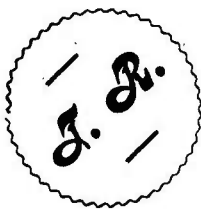
Era de esperar que, com tal resolução, dêsse elle grande desgosto a seu pae. Lamentando a versatilidade do filho, predigo de talento e de energias mentaes, o Dr. Guimarães Bilac não augurava bem da vida que levava o trêfego bohemio nas redas literarias ou no meio jornalístico da época. Vaticinava-lhe, mesmo, um triste fim, alarmado com a vida toda de extravagancias e dissipações a que se entrega-



ra o genial cultor do verso e da prosa.

A estada de Bilac em S. Paulo — pouco mais de um anno — aproveitou-a elle a estudar sómente litteratura. Eram seus autores predilectos Victor Hugo, Gautier, Bocage e Gonçalves Dias. Deixando cobrirem-se de pó os massudos tratados de Direito, nada mais fazia que sonhar e... ouvir estrellas. De regresso ao Rio, atirou-se em cheio á bohemia intellectual, renunciando, para sempre, todas as suas velleidades de formatura.

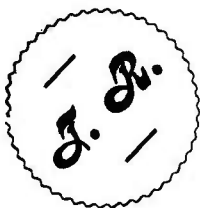
A imprensa seduzia-o. Primeiro, na Cidade do Rio, com José do Patrocínio; depois, na Gazeta de Noticias, com Ferreira Araujo; mais tarde, na Noticia, com Manoel da Rocha; a seguir, na Cigarra e na Bruxa, com Julião Machado, — foi dissipando nababescamente os thesouros de seu privilegiado talento, ora em chronicas litterarias, ora em secções humoristicas, ora em beliciosos versos, assignados, quasi sempre, com pseudonymo. E assim foi Bilac desdobrando a sua actividade por outros jornaes e revistas, aperfeiçoando-se rapidamente na arte de escrever e penetrando, cada vez mais, na esthetica da nossa lingua. Era um artista lapidario de si mesmo. Enquanto não se sentiu senhor da



sua arte, usou discretamente, na assignatura das suas producções, ou um nome supposto, ou uma simples inicial. Em algumas revistas servia-se, mesmo, de tres, quatro ou mais pseudonymos, dando assim a impressão de que eram varias pennas a collaborar no texto. Eis porque, quando definitivamente surgiu para o grande publico, com o nome proprio, já era um artista exímio, senhor absoluto do seu complicado instrumento de trabalho.

..

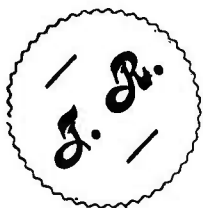
O temperamento voluvel e jovial de Bilac — temperamento de verdadeiro bohemio — era, agora, com pequenas differenças, o mesmo dos tempos escolares. Assim, em plena liberdade de acção, expandia-se multiforme, num dispendio tumultuoso de actividade e talento. Que diria, então, o seu genitor, ao vel-o geralmente applaudido e admirado naquella ascenção gradual, mas segura, para a gloria literaria ? Ainda lhe vaticinaria um sinistro futuro ? Cuidamos que não. Bilac era, evidentemente, no consenso unanime dos intellectuaes da sua época, um talento de escól, uma organização literaria privilegiada, um artista de genio.



Ardoroso paladino da Republica, por elle tão poeticamente sonhada — regimen de liberdade, igualdade e fraternidade entre os filhos do mesmo paiz —, Bilac, como outros jornalistas, atacou valentemente a politica do Marechal de Ferro. Tanto bastou para que Floriano o encarcerasse, com outros, por seis mezes, na fortaleza da Lage, como prisioneiro politico. Continuando a ser perseguido, procurou refugio em Minas, onde, aproveitando aquellas treguas forçadas, revolveu archivos, consultou alfarrabios, investigou tradições, para brindar a nossa literatura com as suas interessantes Chronicas e Novellas.

..

Fez Bilac diversas viagens á Europa, não já para conhecer a civilização de além-Atlantico, ou, apenas, para admirar a natureza do velho continente. Percorria o Velho Mundo como estheta, tão só para sentir a Belleza em outro meio que não o de sua patria. Embora lá, por toda parte, o deslumbrassem as maravilhas da arte humana, não resistia por muito tempo a saudade da sua urbe, que elle, com pesar, comparava ás grandes capitaes europeas... Quão longe estava ainda o seu querido Rio, em belleza architectonica e pro-



gresso artistico, da portentosa e fascinante Paris, — a Cidade-Luz que, com os seus mil e um encantos, irresistivelmente o seduzia ! . . .

Bem quizera elle ver, um dia, a sua cidade natal transformada em urbe moderna, não menos linda e encantadora que outras do Velho Mundo. Doia-lhe, ao regressar, o confronto desta com aquellas que elle vira e admirara. Nem foi por outro motivo que Bilac, de bom grado, se fez logo assessor efficaz do prefeito Passos na remodelação do Rio de Janeiro. Na Noticia, diariamente, em leves e scintillantes chronicas, apoiou, defendeu, prestigiou noderosamente a acção transformadora do benemerito governador da cidade. E operou-se o milagre ! Hoje, o Rio de Janeiro, graças á remodelação por que passou, é uma das mais bellas capitães do mundo.

Não era, porém, tão só o aspecto material, a belleza extrinseca, a esthetica architectural o que mais preocupava Bilac ao contemplar a sua adorada urbe. Inquietava-o, ainda, o analphabetismo que, nefastamente espalhado por todo o paiz, impedia que o seu Rio de Janeiro attingisse, em época não remota, o alto grau da cultura parisiense. E por isso fez-se Bilac tambem, ardoroso paladino da instrucção primaria. Interessando-se pelo destino intellectual e

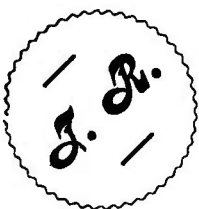


social da infancia brasileira, escreveu, para esta primorosos livros didacticos; inaugurou, depois, para ella, uma literatura patriótica, ensinando-lhe, em paginas lapidares, bellamente, com sin-geleza e emoção, os passos mais notaveis da nossa historia.

Não contente com esta accção civilizadora e huma-nitaria pelo futuro glorioso e feliz da Patria, desempe-nhou Bilac, com dedicacção e competencia, os cargos de ins-pector escolar e director do Pedagogium.

Os assumptos da nossa historia mereciam-lhe ca-riñhosa attenção. Conhecia, a fundo, o passado do seu paiz, graças a minuciosas investigacções que, por mero deleite li-terario, se comprazia de fazer em velhos alfarrabios do pe-riodo colonial. E, como historiador, sabia encantar tanto quanto como poeta e chronista. No genero, o seu poemeto heroico — Caçador de esmeraldas é um primor de concepção e factura technica.

Tinha Bilac, em summa, na massa do sangue, a sei-va patriótica. Como que a Providencia o fadara a um des-tino excelso, através das sinuosidades caprichosas da sua vida de collegial irrequieto e de estudante bohemio... Nes-se ponto, felizmente, falhou por completo a sombria espec-tativa do Dr. Guimarães Bilac ao ver as estroinices do fi-



lho adolescente... Ainda bem !

•
•

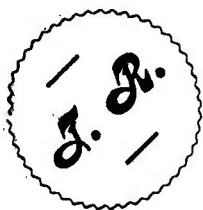
Bilac não se destacava, apenas, genialmente, dentre os seus contemporaneos, como poeta e chronista: era igualmente notavel como orador. Desde os tempos em que elle, bohemiamente, cursava a nossa Faculdade de Direito, folgava, sempre, de encontrar ensejo para fazer vibrar, perante o grande publico, ou mesmo entre estudantes, o seu verbo scintillante e ardente. Tudo nelle contribuia para que dominasse, por completo, o auditorio: a presença altamente sympathica, a palavra quente e sonora, o brilho incomparavel do estylo, o bom-senso critico com que tratava os assumptos, a originalidade de certos conceitos e, sobretudo, a emoção sincera, devéras communicativa, com que versava sobre os vultos e factos da nossa historia. Ficaram memoraveis as suas eruditas conferencias literarias, que serão sempre lidas com delicia e justamente admiradas por todos quantos conheçam e prezem a arte da palavra.

Não se imagina o exito dos seus discursos patrioticos proferidos na Argentina quando, na comitiva do presidente Campos Salles, visitava aquelle paiz. Nas festas e banquetes, a sua oratoria empolgante e deslumbradora, real-



mente maravilhosa, contribuiu, talvez mais do que os esforços officiaes, para se captar ali, na vizinha republica, mais sympathia e prestigio para a nossa patria. Tornou Bilac á Argentina para exercer no Congresso Pan-Americano o cargo de secretario geral, e, tanto nas suas funcções officiaes, quanto na sua acção patriotica, infatigavelmente se esforçou por erguer bem alto o nome do nosso Brasil, — arrebatando, então, mais do que nunca, com o seu verbo fulgurante, o selecto e numeroso auditorio.

Muita gente, talvez, sem ter acompanhado, na vida do artista, a evolução psychologica do homem, terá supposto que Bilac surgiu patriota da noite para o dia... Para que, entretanto, alguém disto se dissuada, basta ler-lhe a obra literaria, desde os primeiros versos até os derradeiros discursos, — primores de eloquencia e civismo. A Patria, alegre ou triste, feliz ou desventurosa, em paz ou em guerra, nunca deixou de lhe estar presente, não só no espirito, entre sonhos de felicidade e gloria, mas tambem no coração, entre éstos de amor e orgulho. Em todas as suas producções, em verso ou em prosa, o que logo se nos impõe á vista intellectual, bem accentuada e forte, é a silhueta do patriota: é a mesma linha, o mesmo contorno, o

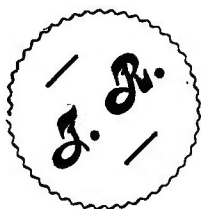


mesmo perfil nimbado pela flamma do seu genio!

Era preocupação de Bilac mostrar aos seus patricios que o patriotismo nacional, após varias crises epilepticas, havia cahido numa prostação de moribundo. Urgia galvanizar esse semi-cadaver, dar-lhe movimento e calor, injectar-lhe vida nova. . Estava, porém, escripto que o nosso patriotismo modorrento só devêra despertar, estremunhado, aos trons infernaes e aos clarões apocalypticos da conflagração européa... Foi quando o phantastico incendio, atirando fagulhas por sobre o Atlantico, ameaçava propagar-se até ao nosso Brasil, — foi só então que a consciencia nacional despertou aos brados propheticos desse novo Ezequiel. No seu terrivel despertar, abria ella os olhos, em espasmo, como que sem comprehender a imminencia do perigo. .

. .

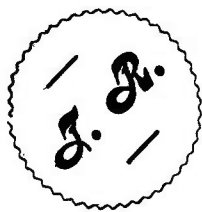
Ainda está bem fresco na memoria de todos. Foi em 1915, a 9 de outubro, que Bilac, em nossa Faculdade de Direito, perante os academicos ali reunidos para lhe prestarem significativa homenagem, lançou, em memoravel discurso, o seu patriotico appello aos Moços. Dir-se-ia que aquella inflammada oração fôra a centelha atirada a um rastilho



de polvora já existente em todas as direcções do paiz.

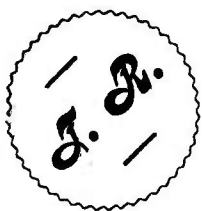
Qual a razão por que Bilac escolhêra S. Paulo para inicio da sua evangelização messianica ? Certo, porque daqui, em todos os tempos, tem partido o brado de alarma para as campanhas patrioticas. No Rio, centro de agitação febril e, pois, mais rumoroso na lucta pelo pão quotidiano, a sua voz, embora vibrante e prestigiosa, ficaria abafada, não diremos pela indiferença, mas, talvez, pelos estridores confusos dos egoismos de momento em choques brutaes com as realidades da vida... Era do meio da mocidade paulista que elle, rasgando perspectivas novas, tencionava mostrar á alma nacional os perigos accumulados além, na fimbria de um futuro não remoto, como nuvens prenunciadoras de borrasca... Urgia conjurar a catastrophe.

E foi assim que Bilac, partindo para S. Paulo, com a alma cheia de esperanças no futuro da Patria, iniciou logo, aqui, como centro principal de irradiação, a sua memoravel campanha nacionalista. Devéras, o ponto estrategico foi admiravelmente escolhido. S. Paulo, além de ser a menos isolada das capitaes do Brasil, graças á sua ampla rede de communicações com os demais Estados, é, ainda, como se sabe, um populoso centro de convergencia, não só de bra-



sileiros de todas as regiões do paiz, mas também de estrangeiros de todas as partes do globo... Era S. Paulo — a capital cosmopolita — o Sinai da nossa regeneração civica. Realmente, desta montanha augusta, partiu para todos os pontos cardiaes do Brasil a centelha incendiaria do verbo flammante de Bilac. E a sua eloquencia miraculosa ia, aqui, acolá, além, no Rio ou nos Estados, combatendo o analphabetismo, a falta de educação politica e, não menos, o indifferentismo fatalista do nosso povo para com os destinos da Patria e, já se vê, também, para com os grandes males que, de perto, ferozmente nos ameaçavam.

A nação brasileira, até então apathica e, como sempre, refractaria ao serviço militar, — a nação brasileira corre aos pleitos eleitoraes, enche os quartéis, movimenta-se e, resoluta, aguarda o toque de rebate. O povo, agora, já consciante dos seus deveres e dos seus direitos, agita-se, com enthusiasmo, a caminho das urnas. Eram estas que, no sentir de Bilac, deviam exprimir, sem fraudes nem embustes, a vontade soberana do povo na escolha dos dirigentes politicos do paiz. E assim, gloriosamente, ia o grande patriota galgando o seu Thabor, quando a Morte, traiçoeiramente, a meia encosta do monte, o salteia e o prostra,



inanime, na profundez mysteriosa de um tumulo, apagando-lhe, para sempre, a auriflamma do genio e do patriotismo !

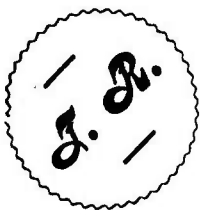
O premature passamento de Bilac, occorrido a 28 de dezembro de 1918, foi um verdadeiro desastre, — não só para a nossa literatura, mas, sobretudo, para a nossa Patria.

)-(

- - II - -

O B R A S D E B I L A C .

Bilac foi eleito e proclamado, com justiça, Principe dos poetas brasileiros pelos seus contemporaneos. Realmente, era elle, com Raymundo Corrêa, Theophilo Dias e Alberto de Oliveira, um dos quatro grandes parnasianos do Brasil e, sem contradicta, um dos vultos proeminentes da nossa literatura. Ourives da fórma, joalheiro do verso, cultor aristocratico da poesia, a sua arte caracteriza-se pela fluencia, singeleza e maviosidade. Como poeta, revela inspiração e sensibilidade, sem, aliás, descahir na tristeza dos lyricos brasileiros: sabia expandir a sua paixão com sobriedade, sentimentalismo plangente, mas nem sempre

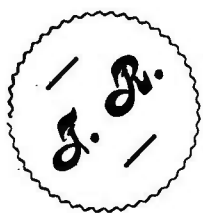


sincero, dos românticos.

As produções poéticas de Bilac podem dividir-se em dois generos: effusões amorosas, que nos mostram, em plena luz, o artista e o homem; e idealizações historicas, que, sob modesta penunbra, nos deixam ver o erudito e o patriota. Ao primeiro grupo pertencem, no seu volume de estréa, a Via-lactea e as Sarças de fogo; ao segundo, o Sonho de Marco Antonio, Delenda Carthago, O julgamento de Phrynéa, A tentação de Xenócrates, Sagres e, sobretudo, o Caçador de esmeraldas.

Bilac, na prosa, como chronista, não foi menos notavel: de um humor alegre, claro e, portanto, communicativo, as suas chronicas, vasadas numa linguagem de lei, encerram sempre grande dose de bom-senso, phantasia e sensibilidade. Na tribuna, a sua palavra prestigiosa seduzia e arrebatava.

Foi Bilac um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (cadeira Gonçalves Dias) e da Liga da Defesa Nacional. Fundou, tambem, a Agencia Americana, que, conforme o declarou pela imprensa o Barão do Rio Branco, então ministro do exterior, patrioticos e relevantes serviços prestou ao nosso Brasil. Foi Bilac, ainda, o fundador do Jornal da Exposição, de 1908, — hymno diario, em excellen-



te prosa, aos recursos, vantagens e progressos da nossa Patria em todos os departamentos da actividade humana.

(Segue a relação de suas obras e jornaes em que collaborou.)

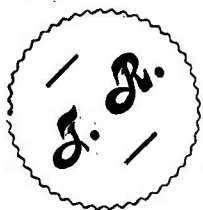
.....

Ao morrer, deixou Bilac, concluido, o seu ultimo florilegio poetico — Tarde, que sahiu á luz em 1919. E' um livro emocionante. Nelle se retratam, melancolicamente, a vida e a personalidade do artista, já então resignado á lei fatal do soffrimento humano. Deixou, tambem, inedito, um Diccionario Analogico da Lingua Portugueza. A publicação deste notavel trabalho de erudição e paciencia está annunciada para breve, assim como a das suas Ultimas conferencias e discursos.

- - III - -

NOTAS SUPPLEMENTARES.

1. — AS PRIMICIAS POETICAS DE BILAC. — Alberto de

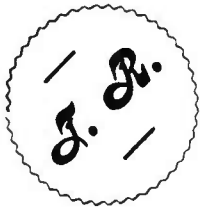


Oliveira, em 1886, na Semana, de Valentim Magalhães, alludindo á primeira producção poetica do nosso biographado, ainda menino, graciosamente referia:

"Era uma ode aos bravos do Paraguay; celebrava o poeta-bêbê a passagem de Riachuelo, que seis mezes antes, a 11 de junho de 1865, illustrara a maninha brasileira, como o maior feito de armas da America do Sul. Lá estava, na pompa heroica dos versos, a nossa esquadra guerreira, o Amazonas, o Jequitinhonha, o Belmonte, o Iguatemy, etc. Trôa o canhão, encrua-se o combate; no convés da Parnahyba tombam trez bravos: Marcilio Dias, Pedro Affonso e Grenhalgh. Empallidece o anjo da gloria, mas, logo, illumina-lhe o rosto o mais brilhante sorriso: é a nossa victoria ! O Amazonas mette a pique trez navios contrarios, foge a caterva de paraguayos...

O que, porém, naquella ode em botão, nos versos do recém-nado cantor, fazia pasmar era o apuro da Fôrma, a excellencia das rimas, o vigor das onomatopéas. Sentia-se bem que estava ali o futuro artista da Delenda Carthago. "

2. — A ARTE DE BILAC. — José Verissimo, critico sisudo, sincero, sobrio em elogios, reportando-se á estréa



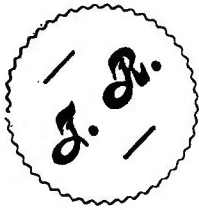
do poeta, expendeu, nos seus Estudos de Literatura Brasileira (vol. V, pag. 3), os seguintes conceitos, que se nos afiguram de inteira

justiça:

"O seu livro Poesias, apparecido em S. Paulo em 1888, revelou um poeta feito, possuidor de todos os segredos de uma arte que, segundo a sua "profissão de fé", posta no limiar dos seus poemas, devia ser menos a expressão das grandes emoções da sua alma ou da alma humana que a cizeladura rara, exquisita, impecavel, do verso. Confessara elle nesses versos, de facto primorosos, que ás grandes e, o que é mais, significativas creações da estatuaria grega, os Zeus e as Pallas-Athenes, em que a Grecia resumira o que de mais profundo e mais bello havia no seu sentimento religioso todo impregnado do seu intenso naturalismo, preferia

"...um leve relicario
De fino artista."

E todos os poemas do formoso livrinho realizavam esse programma de perfeição artistica com que elle queria, com um amor apaixonado da fórma,



"...que a estrophe crystallina
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito."

Esta preocupação, assim declarada, rebuscada mesmo, da fôrma, era, por assim dizer, nova na nossa poesia. Si o Sr. Machado de Assis foi, desde mais de 20 annos antes do Sr. Bilac, o nosso primeiro poeta artista, si outros contemporaneos ou immediatos predecessores deste praticaram tambem a esthetica parnasiana, nenhum o fez com tão manifesto proposito e, sobretudo, com tão triumphante pericia. E como antes destes innovadores reinava em a nossa poesia, com um singular relevo de sentimento e mesmo de expressão lyrica, um grande descuido de fôrma, comprehendendo a lingua, o estylo, a versificação, a metrica, o livro do Sr. Bilac, tão superiormente distincto sob este aspecto, com o sabor da novidade, e uma novidade realmente captivante, consagrou-o, sem favor, poeta primoroso, dando-lhe desde logo um dos primeiros lugares em a nossa poesia contemporanea. Não era, porém, só a fôrma, comquanto ella fosse por muito, o principal. Elle tambem cantava de outra maneira, embora, indo-se ao fundo da sua inspiração, se pudesse ver que ao cabo era a differença e a superioridade da sua fôrma que fazia a distincção do seu cantar."



3. — A VIDA DE BILAC. — Amadeu Am-
 ral, em eloquente discurso, pronunciado por oc-
 casião de inaugurar-se, em S. Paulo, o monumen-
 te ao grande artista da palavra, sensatamente ponderou:

"A vida de Bilac é bella como uma obra de arte .
 Tem uma unidade profunda, através de todos os estagios do
 seu decurso. Póde reduzir-se a uma linha: a linha de uma
 ascenção permanente. Sim, elle não foi perfeito. Sim, elle,
 na sua mocidade... foi um moço. Maior o seu merito. Em-
 quanto uns estacionam, e outros decáem, elle continuamente
 subiu e cresceu. Elle, senhores, subiu e cresceu á medida
 que se aproximava da morte, como os grandes rios que se apro-
 fundam e se alargam, dolorosos e magnificos, para cahir no
 oceano..."

: - 0 - :

PROF. ALVARO GUERRA.

X X X X X X X X X X

X X X X X X X X X X

X X X X X X X X X

X X X X X X X X

X X X X X X X

X

Olavo Bilac

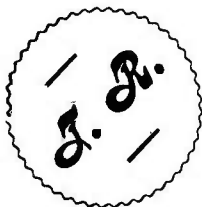
A mocidade academica de São Paulo, por iniciativa do Centro Onze de Agosto da Faculdade de Direito, num gesto eloquente e patriótico, resolveu perpetuar no bronze, a memoria de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros, o apóstolo magico desse grandioso movimento nacionalista.

Após grandes esforços, aquelles bravos rapazes, os pioneiros das boas causas, conseguiram ver realizado o seu sonho, e no dia 7 de Setembro, entre festas sumptuosas, foi inaugurada a estatua do cantor do nossa nacionalidade na Avenida Paulista.

A concepção do monumento, não podia ser mais feliz, em conjuncto, porém, criticas mais ou menos severas têm sido feitas, principalmente quanto a attitudo do poeta de mão alçada, não dizendo bem a significação que se lhe quiz emprestar.

O ponto escolhido foi mui feliz, pois collocada em uma das extremidades da nossa mais aristocratica avenida, onde se realizam corsos e festejos, elle allí está, como que chamando a attenção de todos os brasileiros, evocando um passado de glórias e concitando-as para o proseguimento da grande obra: tornar o Brasil forte, unido e coheso; amado e respeitado por todos os povos, não só pela sua força como pelo valor dos seus filhos.





A BOHEMIA DO MEU TEMPO .

OLAVO BILAC .



Não tinha eu ainda alcançado o oitavo degráo da escada, quando o Mestre que, fidalgo e nobre, della ao tempo me acompanhára, indagou:

- Conhece o Sr. Olavo Bilac ? E' um sol, que se anuncia por um clarão immenso...

Mastiguei um - não, senhor, - desenhado, e voltei-me. No alto, sob a luz crúa do gaz, como um deus resplandecia o Mestre. A sua larga fronte creadora brilhava. A sua voz tinha alguma coisa de uma harmonia do céu. Todo de preto, invariavelmente, só o verde sombrio de uma ardente esmeralda, que lhe mordida a gravata, gritava naquella treva que lhe forrava o corpo como a luz lhe envolvia a alma.

- Quarta-feira temol-o por cá. Não falte... Oito da noite. Esta casa vai se transformar em firmamento para o encontro de dois astros...



- Astros que se não eclipsam. Virei. Em que bella rede de ouro se vai embalar minha alma !

- Quero saudal-os na ascenção para a gloria !

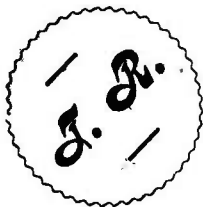
Era assim Luiz Delfino: arrebatava pelo esplendor do genio, esmagava pela grandeza da bondade.

Na rua, cheio daquelle banho de luz em que, por duas horas, mergulhou minha alma, uma visão nova e immensuravel das coisas me assaltava. Os homens todos, que por mim passavam, começaram a me parecer melhores e mais perfeitos. A miseria humana, o soffrimento obscuro despertavam-me uma piedade commovida. Com um novo amor, luminoso e suave, eu amava a Natureza. A belleza incomparavel dos versos do Mestre magnifico, todos redourados de clarões estranhos, cantava aos meus ouvidos, num embalo divino. E por noite afóra houve luar no meu coração.

Foi pelo anno de 1883...

...

A's sete e meia horas da noite daquelle quarta-feira, que ficou para sempre memoravel e jámais esquecida na minha existencia, já eu rondava, pelas proximidades do edificio em que funciona a Maçonaria, á rua do Lavradio, a casa do grande Poeta. A's oito, precisamente, Bilac che-



gava. Dois minutos após, eu me fazia anunciar.
Com que emoção eu subia aquellas escadas !

Talvez com a dos que se iam iniciar no veneravel templo egypcio dos grandes mysterios... Delfino fez a apresentação com um exuberante transbordamento de adjectivação sonora. E eu começava a reparar no "sol que surgia". De bôa estatura, mais magro que gordo, com um levissimo buço a lhe sombrear o labio superior, delle se exhalava um ar de correção e de dignidade. Nada á primeira vista, porém, se lhe notava de extraordinario ou que denunciasse um Poeta. Entretanto, observando-se com attenção o olhar - vago olhar de myope, que a ausencia do pince-nez mais vago tornava ainda - adivinhava-se que aquelles olhos, ligeiramente strabicos, viam o que não é visivel para o commum dos homens. E o seu sorriso - sorriso em que mysteriosamente se confundiam a castidade de uma aurora e a melancolia de um crepusculo - revelava o illuminado. E todo esse complexo tornava-o de uma encantadora seducção pessoal.

Sentámo-nos. Para symphonia da opera castaliana Delfino escolhera a "Fornarina". O Mestre tinha exageros, ás vezes comicos, na recitação. Mas tão poderosa e tão evocadora era a sua arte, que quando terminou aquelle



desfile de bellezas, Bilac e eu tínhamos os olhos húmidos de lagrimas sagradas.

Bilac era exímio na arte de recitar. Dizia os seus versos com imponente magestade. A sua voz, quente e larga, animava de uma grande vida as suas criações. Declamou lindamente a "Morte do Tapir", que, então, desta fôrma começava:

"Foi assim que morreu Tapir-Mogar-Paruna."

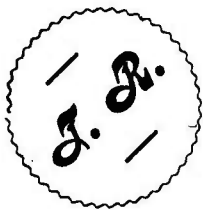
Allegando que nada meu sabia de cór, deixei de commetter o feio crime de estragar uma noitada de pura arte.

E mais a "Corrupção", de Delfino, e a "Sésta de Nero", de Olavo, e mais outra e mais outra joia do régio escriptorio. Por fim, esse formidavel e estupendo "Tantaló", em que Delfino rivalisava com os maiores poetas de todos os tempos.

Cheguei á janella para respirar. Estava aturdido e assombrado. Em baixo, a cidade applaudia os can-cans desenfreados. Desci as escadas cambaleando. Bilac vinha austero e mudo. A' porta abraçámo-nos em silencio e beijámo-nos na testa, com emoção.

E foi com o sello desses ósculos que irmanámos para sempre as nossas almas...

.....



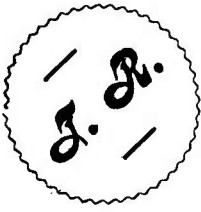
II

Separámo-nos, um dia, nem sei bem como. .
 Lembro-me que, por um meio dia de soalheira e calma, no
 convez de um vapor, eu olhava, com arrepios n'alma, o
 mar e a cidade. A cidade, seductora e rumorosa, que fi-
 cava, como a eterna chamma a attrahir as pyraustas de
 todas as selvas espirituaes brasileiras, ou como o gran-
 de mysterio para cuja iniciação se volviam todos os so-
 nhos dos artistas obscuros pelas provincias dispersos; -
 o mar, que se prolongava, immenso e tranquillo, como um
 aceno de paz, feito de muito longe, entre os sorrisos de
 minha mãe. E parti...

Caminheiro da sombra, lá me fui, envolto no meu man-
 te de trevas, proseguir a minha peregrinação pelos valles
 escuros, na incerteza de um destino vário; Olavo aqui
 ficava, no esplendor de sua armadura luminosa, iniciando
 a serena e magnifica ascensão da Montanha Symbolica...

E, de lá, do fundo dos valles, vendo-o subir, sentia
 que, com elle, de mim alguma cousa - e essa commovidamen-
 te - o acompanhava e seguia nessa ascensão: a minha alma.

Com que dolorosa saudade eu lembrava essa ruidosa
 bohemia, colmeia da almas crystalinas e sonoras, unidas



e ligadas pela mais enternecida solidariedade do coração e do espirito ! Como nos amavamos uns aos outros ! E que alegria de creança, a nossa ! Admiravamos a Bilac e a Coelho Netto - já de esporas de ouro - sem despeito e sem inveja. Reverenciavamos - Raymundo, de cujas symphonias gosavamos avidamente as bellezas; Alberto, que através das claridades meridionaes dos seus cantos tão encantador se revelara, e Murat, que ao lado de Arthur de Azevedo, na "Vida Moderna", já se annunciava o grande tragico das "Ondas".

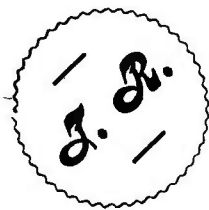
Arthur Azevedo falhou ao seu destino. De notavel poeta lyrico, que podia ter sido, - tão grande era a sua emotividade e a doçura do seu estro - foi apenas um espirito que se contentou com a factura de revistinhas ephemeras, glosadas pelas risadas e pelos applausos faceis das platéas. Quizesse dar ao seu talento uma orientação mais alta, e o brilhante e fino creador d'"O Dote" legaria ao theatro brasileiro peças immortaes. Não lhe faltavam, nem inspiração, nem espontaneidade. Simples, gracioso, de uma adoravel naturalidade, estava aparelhado para, sem esforço, hobrear com os mais queridos lyricos e os mais consagrados dramaturgos do tempo. Foi o aproveitamento, sem desperdicios, de suas prodigiosas facul-



dades creadoras, que constituiu o segredo dos triumphos incessantes de Bilac. Assim poudes elle, legando-nos esse maravilhoso livro -

Tarde - de suprema perfeição e de suprema belleza, confirmar a sentença do philosepho, quando affirmava que o outomno da vida é a primavera do genio. Quebrados os grilhões de ouro dessa voluptuosidade carnal, em torno da qual, na mocidade, elle teceu os cantos mais ardentes, um novo poeta, sereno e olympico, surgiu daquelle, para a tranquillidade fecunda do pensamento. Essa nova feição já se accentuára, aliás, nas ultimas produções constantes das "Poesias". Alguem notou, um dia, que tendo Bilac publicado o seu primeiro livro, quando mais accesas iam as duas épicas campanhas - a abolicionista e a republicana, nenhuma das duas se reflectisse na alma do poeta de forma a commovel-o, arrancando-lhe um canto ou um poema.

Poesia é emoção, é sinceridade. Assim, se Bilac, na sua mocidade, cantou - poeta dos sentidos - a graça feminina e o perfume da carne sadia e quente, foi um emotivo e um sincero. Nem se comprehende um tão largo e admiravel triumpho, senão attribuido ao poeta um raro poder de comunicação com a alma do seu corpo.

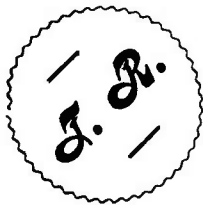


O patriota completou o poeta. Se na sua arte divina não se crystalisaram em diamantes as lagrimas de uma raça desgraçada, e não se gravaram nella os anceios de uma alta aspiração puramente politica - na palavra do Evangelizador, pelo entardecer glorioso de sua existencia, palpitou e vibrou tudo quanto de mais bello e de mais nobre doura o grande sonho brasileiro.

Fez da mocidade o seu pulpito sagrado para falar ao futuro. E essa mocidade, generosa e santa, toma a dianteira aos proprios irmãos espirituaes do poeta, e grita, na esplendida formosura de um monumento imperecivel, a sua gratidão piedosa e commovida pelo artista incomparavel e pelo excelso patriota.

Com o alto apostolado que exerceu, com proveito e brilho, só comparaveis á acção humanitaria desse outro heroico apostolo dos sertões - Rondon, o patriota resgatou amplamente a falha do poeta - se falha pode ser considerada a ausencia de assumptos sociaes e politicos numa obra de arte integral e perfeita, alheia de toda outra preocupação que não seja a da Arte pela Arte.

"Poesias" são a flor, "Tarde" é o fructo sazonado de um alto espirito, que jamais mentiu á sua:



P R O F I S S Ã O D E F É .

Invejo o ourives quando escrevo:
 Imito o amor
 Com que elle, em ouro, o alto relevo
 Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois nem de Carrara
 A pedra firo:
 O alvo crystal, a pedra rara
 O onyx prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
 Sobre o papel
 A penna, como em prata firme
 Corre o cinzel.

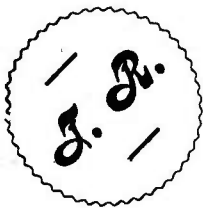
Corre; desenha, enfeita a imagem,
 A' idéa veste:
 Ginge-lhe ao corpo a ampla roupagem
 Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
 A phrase; e, emfim,
 No verso de ouro engasta a rima
 Como um rubim.

Quero que estrophe crystalina
 Dobrada ao geito
 Dos ourives, saia da officina
 Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
 Por tão subtil,
 Possa o lavor lembrar de um vaso
 De Becerril.

E horas sem conta, passo, mudo,
 O olhar attento,
 A trabalhar, longe de tudo
 O pensamento.

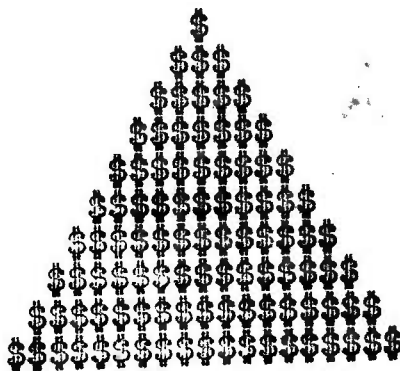


Porque o escrever - tanta pericia,
 Tanta requer,
 Que o officio tal... nem ha noticia
 De outro qualquer.

Assim procedo. Minha penna
 Segue esta norma,
 Por te servir, Deusa serena,
 Serena Fórma !"

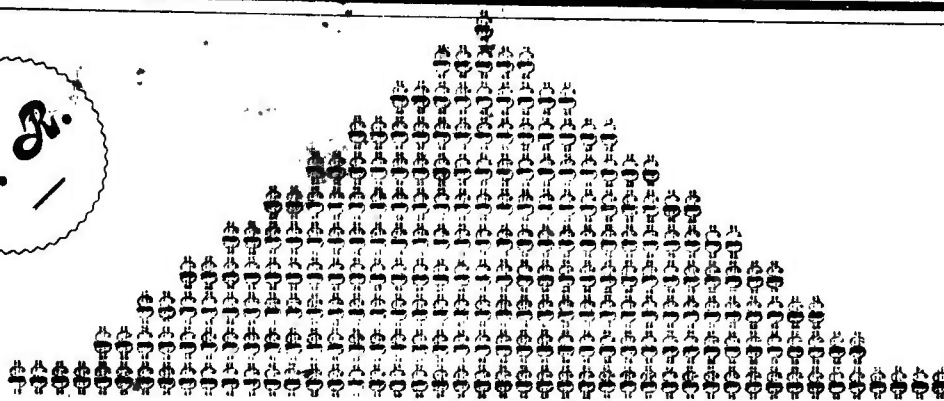
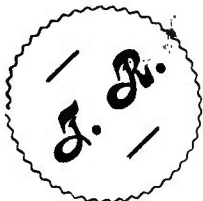
Nunca desta norma se affastou o insigne Artista, que depois de haver troçado da Patria, como, em memoravel discurso, sinceramente declarou, fez de todos os seus amores um só amor, puro e santo, todo elle dado á Patria - seu primeiro desdem e seu derradeiro culto !

LEONCIO CORREIA.





::: OLAVO BILAC FAZENDO UMA CONFERENCIA :::

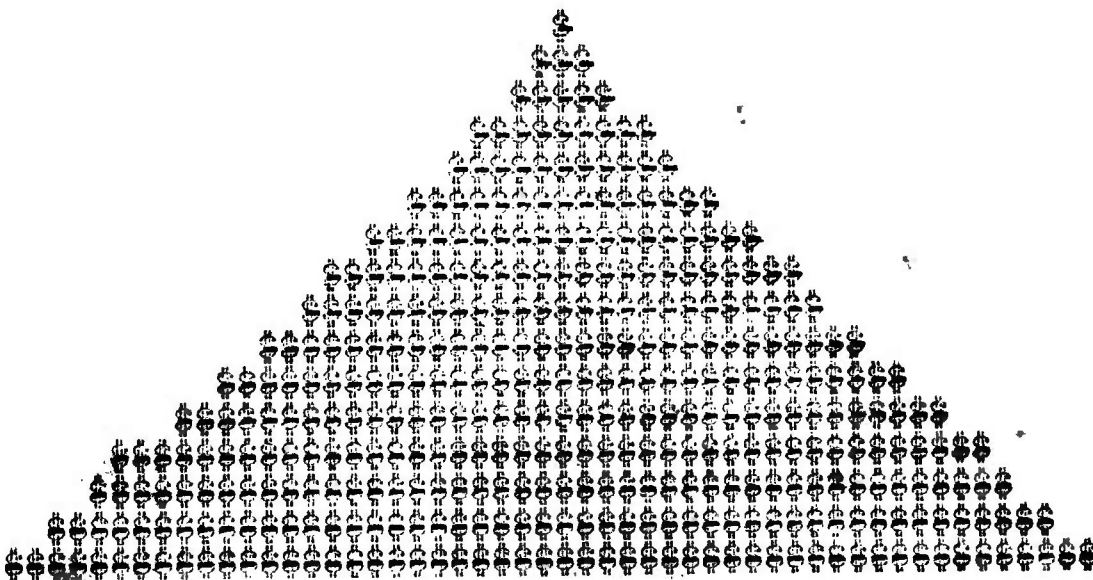


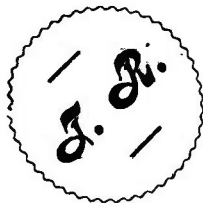
UM SONETO DE BILAC.

----- Conferencia realisada em Jahú, no
Jahú Club, em 25 de Agosto de 1920

por

AMADEU AMARAL.





U M S O N E T O D E B I L A C .

§ § § § §

- - Conferencia realizada em Jahú, no Jahú Club,
em 25 de Agosto de 1920 por

AMADEU AMARAL.

(Da Academia Brasileira.)

§ § § § §

- - I - -

Não quero, senhoras e senhores, obrigar-vos a per -
lustrar commigo grandes questões de qualquer especie; con-
vido-vos, modestamente, a uma pequena viagem de recreio -
em tórno e por dentro de um soneto. Demais, um soneto
que já é, de certo, muito vosso conhecido, - o que simpli-
fica e reduz ainda o commettimento. Trata-se do soneto
" Lingua Portuguesa ", de Olavo Bilac:



Ultima flor do Lacio, inculta e bella,
 E's, a um tempo, esplendor e sepultura;
 Ouro nativo, que, na ganga impura,
 A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
 Tuba de alto clangor, lyra singela,
 Que tens o trom e o silvo da procella,
 E o arrelo da saudade e da ternura !

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
 De virgens selvas e de oceano largo !
 Amo-te, ó rude o doloroso idioma,

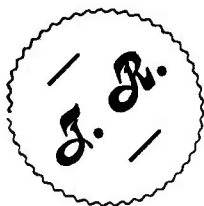
Em que da voz materna ouvi: "meu filho !"
 E em que Camões chorou, no exilio amargo,
 O genio sem ventura e o amor sem brilho !

Antes de tudo, notemos como este soneto, sem deixar de ser bello e solidamente construido, não está de accôrdo com a sentença de Boileau:

Un sonnet sans défauts vaut seul un long poème.

Vejamos por que. Esta sentença tem atravessado seculos como verdade luminosa e incontrastavel. De facto é uma verdade - sob a condição de que nos entendamos sobre a maneira de interpretá-la.

Boileau não diz que um soneto sem defeito valha um longo poema tambem sem defeito. A equivalencia que elle estabelece é entre um soneto sem defeito e um poema longo. Isto é, o soneto póde valer uma peça poetica muito mais



extensa, mas, sob a condição de seja perfeito. Parece um pouco estranho - não é verdade ? - que o illustre legislador do Parnaso tenha assim pretendido estabelecer comparação entre noções tão diversas, a de perfeição e a de comprimento. Sim, parece, mas á primeira vista. Na verdade, não ha disparate algum na equação. Boileau julgava, naturalmente, que um soneto merecia capitular-se como sem defeito, sobretudo, quando tivesse a virtude maxima de dizer muito nas suas poucas palavras: quando cômportasse, condensadamente, um assumpto capaz de grande desenvolvimento, sem accrescimo algum de natureza éssencial. Elle reflectia o pensar e o gôsto da sua epoca.

Comtudo, o juizo de Boileau é um pouco exclusivista. Não é preceito absoluto que a materia do soneto seja capaz de grande desenvolvimento, para que o consideremos perfeito. Não é preciso que o soneto seja todo um longo poema comprimido; basta que nada menos tenha do que o necessario; que cada verso, cada phrase, cada palavra seja indispensavel, e até insubstituivel.

Mas esta regra não domina só o soneto. Cabe em qualquer genero de composição poetica. Portanto, em que differe esta das outras composições ? Differe em que consta



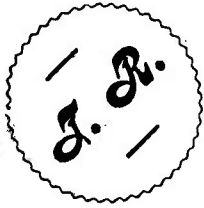
apenas de quatorze versos, obedecendo a certas normas no agrupamento destes e na disposição das rimas. Como, porém, é menor do que os outros moldes ordinarios, é natural que exija um pouco mais de condensação. E acredito que seja tudo.

Ha, sim, sonetos que valem longos poemas. Para exemplo, eu poderia recorrer a Petrarca - que é por ventura o genitor genial da especie, - poderia recorrer a Dante, a Du Bellay, a Soullary, a Heredia. Em todos elles encontraria farta documentação. Prefiro, porém, citar um dos nossos que nada fica a dever áquelles outros: Camões. Sofri frei que eu vos repita este primor, que é naturalmente vosso velho conhecido:

Sete annos de pastor Jacob servia
 Labão, pae de Rachel, serrana bella:
 Mas não servia ao pae, servia a ella,
 Que a ella só por premio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
 Passava, contentando-se com vê-la:
 Porém o pae, usando de cautela,
 Em lugar da Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
 Assim se lhe negava a sua pastora,
 Como se a não tivera merecida,



Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta vida.

Este é, indubitavelmente, um dos taes sonetos que vallem longos poemas. E'-nos ahi apresentada de escorço toda uma historia de amor, de paciencia e de resignada philosophia, com quatro personagens, com uma intriga completa e com um fecho logico e humano. Mas, tambem ha sonetos admiraveis, perfeitos como idéa, como desenvolvimento gradual e harmonioso de uma idéa através de quatorze versos, como força e fulgor de expressão, como melodia e graça, e que entretanto não admittiriam ampliações, porque só se poderiam ampliar diluindo, rarefazendo, aguando. Destes tabem seria facil fazer copiosa exemplificação. Contentemo-nos, porém, só com esta maravilhosa joia de Anthero de Quental:

A' VIRGEM SANTISSIMA.

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade.
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza..



Um mystico soffrer.. uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa !
Fita-me assim calada, assim chorosa..
E deixa-me sonhar a vida inteira !

O soneto de Bilac sobre a "Lingua portuguesa" é desta ultima classe: é daquelles que não admittem amplificações, - salvo se se lhe quizerem accrescentar coisas novas. As que elle encerra estão no ponto preciso de condensação. Não se podem comprimir, nem desdobrar. Comprimi-las seria tirar-lhes a graça e o vigor de varias imagens felizes, seria privá-las da sua eloquencia accessivel e encantadora. Desdobrá-las, seria convertê-las numa peça frouxa e apagada, como todas as obras extensas demais para o miolo que contêm.

Bilac não primou sobretudo nesta maneira. Os seus sonetos são, como tudo que é d'elle, e ainda a este respeito, equilibrados. Em regra, não comportam, por si sós, materia que dêsse para longos poemas, nem mesmo para pequenos poemas. Tambem nunca são grandes demais para o assumpto. Encerram sempre o sufficiente para um soneto cheio, redondo e unido: nada mais, nada menos.



- - II - -

Isto não quer dizer que não careçam de ser explicados, isto é, analysados no intuito de se verificarem os fundamentos e o alcance das suas idéas. Não. Tratando-se de poetas que, como Bilac, nada fazem que seja trivial ou aéreo, ha sempre algum proveito em aprofundar um pouco os seus versos, para lhes apreender inteiramente o pensamento, gosá-lo no que elle tenha de succulento e delicado, até á ultima gotinha escondida, reconhecer e recusar o que nelle nos pareça menos bom, ou equivoco, ou francamente mau.

O inferior, e duvidoso, o mau difficilmente se encontrará nos versos de Bilac. Olavo não é o mais imaginoso, nem o mais profundo, nem o mais sensível, nem o mais imprevisto dos nossos maiores poetas. E', porém, o mais igual, o mais equilibrado, e o mais correcto. A sua arte não nos depara grandes achados, nem vertiginosos vôos. Ella não nos surprehende: delicia-nos. Não nos leva, entre saltos e quedas, entre deslumbramentos e obscuridades, a algum estranho paiz de perspectivas inesperadas e aspectos impressionantes: envolve-nos, suavemente, numa tépida atmosphera de bem estar, de doce e harmoniosa exaltação



dos sentidos e do pensamento, como num bom sonho. Não é uma selva; é um jardim. Contudo, obra humana, não pode deixar de ser, sob certa luz, como toda obra humana notavel, um conjuncto de bellas ou de boas imperfeições.

O proprio Bilac sentiu bem isso. Sentiu-o, pelo menos, quando escreveu o seu soneto Perfeição:

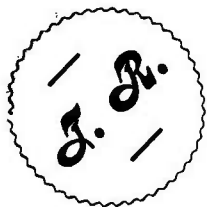
Nunca entrarei jamais o teu recinto:
Na seducção e no fulgor que exalas,
Ficas vedada, num radiante cinto
De riquezas, de gosos e de galas.

Amo-te, cobiçando-te... E faminto,
Adivinho o esplendor das tuas salas,
E todo o aroma dos teus parques sinto,
E ouço a musica e o sonho em que te embalas.

Eternamente ao meu olhar pompeias,
E olho-te em vão, maravilhosa e bella,
Adarvada de altissimas ameias.

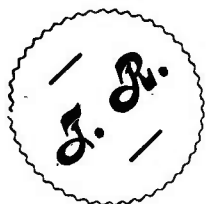
E á noite, á luz dos astros, a horas mortas,
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella !
Como um barbaro uivando ás tuas portas !

Bilac, o mais equilibrado e o mais polido dos nossos poetas, aquelle que soube como nenhum outro temperar os impulsos pessoases com a disciplina, a inspiração com a aprendizagem, a invenção com o estudo, o improvisado com a refle-



xão, a alma fervente e arrebatada da arte creadora com a paciencia e a submissão do officio que se aprende e se ensina; Bilac, o mais apolineo dos nossos poetas, o mais classico, o mais afinado, julgava-se ainda um barbaro - comparava-se a um brutamontes gadelhudo, todo de desigualdades e insufficiencias, deslumbrado e ferido pela visão estonteante da perfeição maravilhosa e serena...

Como se explica isso ? Nada mais facil. Justamente por ter a visão do perfeito elle se sentia incapaz de lá chegar. A gente, ás vezes, viajando por estrada desconhecida, em demanda de longiquo e suspirado pouso, espera vê-lo apparecer de repente, numa volta do caminho, e consola-se com imaginá-lo bello, amplo, verde e florido, rumorejado de aguas e de asas, habitado por corações amigos e suaves. Vae caminhando, o deserto não finda, e o pouso nunca apparece. Quem, entretant, enxerga, lá ao longe, a leguas e leguas de distancia, em alterosa e inhospita emi-nencia, o ponto que desejaria attingir, esse pode perceber bem quanto fica distante, irremediavelmente distante e inaccessivel a ambicionada cidadella.



- - III - -

A forma do soneto de que se trata obedece aos preceitos geraes que Bilac sempre observou com religiosidade, e que magistralmente traçou neste outro soneto:

A UM POETA

Longe do esteril turbilhão da rua,
Benedictino, escreve ! No aconchego
Do claustro, no silencio e no socego,
Trabalha, e teima, e lima, e soffre, e súa !

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sobria, como um templo grego.

Não se mostre na fabrica o supplicio
Do mestre. E, natural, o effeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edificio:

Porque a Belleza, gemea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artificio,
E' a força e a graça na simplicidade.

O soneto que vamos examinando está, como todos os de Bilac, inclusive o proprio que acabo de recitar, perfeitamente dentro desses preceitos. A impressão dominante que delle nos vem, se o consideramos como factura, é de força e graça, na simplicidade; força, porque ha energia na ex-

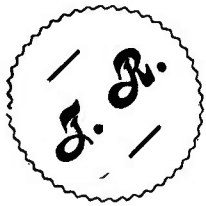


pressão e ha solidez na construcção da phrase, do verso, da estancia; graça, porque a phrase, limpida e incisiva, tem torneios nobres e delicados, o verso é correntio e nitido, e a imagem, recortada, precisa, interessante, feliz, faisca e bole dentro do cristal do entrecho como peixinho colorido e doirado dentro de uma piscina transparente... E' a força e a graça estreitamente unidas - e unidas numa simplicidade pouco commum; em toda a peça, desde a primeira á ultima syllaba, nenhum rebuscamento, nenhum exagero e, direi até, nenhuma saliencia. Aqui me volta uma expressão já usada - tudo redondo. Os sonetos de Bilac são esphericos. Já uma vez os comparei a pequenas bolas de cristal...

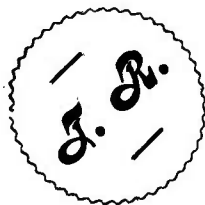
Como elle queria, a forma disfarça o emprego do esforço; a tortua do artifice não se accusa na tessitura da obra. Comtudo, isto não quer dizer que, attentando bem, não se perceba o grande trabalho que esta deve ter custado e o como esse trabalho foi feito.

- - IV - -

Até aqui temos andado em tórno do soneto á "Lingua portuguesa". Vamos agora andar-lhe por dentro.



O assumpto consiste no elogio da nossa lingua. A proposito, são ditas varias coisas interessantes. Comtudo, di-las o poeta por uma forma tão simples e tão harmonica, tão redonda e tão lisa, que não parece dizê-las... Notae o seu primeiro, grande cuidado de composição. Tratava-se de um assumpto em que era facilimo resvalar na seccura e no pedantismo, ou pelo menos entremostrar essas qualidades de erudito e grammatico estreito, como angulosidades de uma ossatura mesquinha sob as amplas roupagens talares do artista. Para resvalar na seccura e no pedantismo, bastava que o poeta, menos senhor do officio, puzesse mais a descoberto a estructura racional do soneto, revelasse melhor os liames logicos entre as idéas que se encadeiam, e assim lhes des-se um aspecto seu tanto quanto prosaico e discursivo. Não o fez. O resultado, vêde-o bem, é que, á primeira inspecção, o soneto parece um mero embrenhado de idéas destacadas e uma fileira de orações quasi interjectivas, sem nada concluir. Mas, só á primeira vista. Na realidade, obedece a uma rigorosa construcção logica - cujos andaimes foram afastados. Traduzamo-lo, restituindo-lhe por um momento os andaimes:

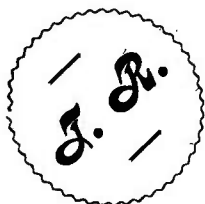


das selvas por onde andou outrora e dos mares sobre os quaes voou em todos os sentidos.

Amo-a, ainda, porque é o idioma rude e doloroso que me tem feito soffrer, que tanto faz soffrer aos que o trabalham, mas por isso mesmo é mais nosso, está mais entranhado em nossas fibras reconditas; amo-a, devemos-la amar, porque foi nella que a voz carinhosa de nossas mães nos disse as doces coisas que só as mães sabem dizer, e porque foi nella que Camões, o grande expoente da nossa raça, tão sympathico na gloria como no soffrimento, lamentou, exilado, as desventuras do seu genio e do seu amor.

Tudo isto Bilac condensou em quatorze versos. Afim de o conseguir, começou por falar na primeira pessoa, por tirar ao que dizia todo character de preceito, para só lhe dar o de uma livre expressão de sentimento pessoal. Isso lhe permittiu uma primeira reducção, porque, se o preceito carece de ser fundamentado, o sentimento pessoal pode ser simples e concisamente exposto.

Em seguida, Bilac se refere á lingua na segunda pessoa, o que é tambem mais breve e mais commodo, sendo, ainda, mais energico. Este é um recurso empregado pela tota-



lidade dos nossos poetas, que, em grandíssima parte do Brasil, só em versos têm ocasião de applicar o tratamento da segunda pessoa, quasi inteiramente desusado nas relações sociaes. Bilac empregou-o com frequencia, dirigindo-se ás proprias coisas inanimadas, e até a coisas abstractas:

Em desmaios de pena e de demora,
Rios, choraes amarguradamente.

("Os Rios")

Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella !
Como um barbaro uivando ás tuas portas !

("Perfeição")

Foste o beijo melhor da minha vida,
Qu talvez o peor...

("Um beijo")

Nem sempre durareis, eras sombrias
de miseria moral !

("As Amazonas")

Plangei, sinos ! A terra ao nosso amor não basta.

("Aos sinos")

Proseguindo, Bilac despojou as suas idéas de toda redundancia verbal, de toda explanação, de todo traço secundario, e reduziu-as a uma serie de imagens. No soneto não ha, de apparente, mais do que imagens: flor, esplendor, sepultura, ouro, ganga, mina, cascalho, tuba, lyra, procella, arrêlo, viço, aroma, etc. - tuba são representações de idéas abstractas sob formas concretas e coloridas. Es-



sas imagens fundem-se umas ás outras, no espirito do leitor, e ahí adquirem pleno relevo e sequencia.

Adquirem, - sob duas condições. A primeira é que o leitor tenha uma cabeça soffriavelmente mobilada de idéas, dessas idéas que pairam no ambiente, para que, por associação, as expressas pelo poeta accordem os complementos e ampliações que elle dispensou, as repercussões que elle previu. Isto quer dizer que Bilac não fez este soneto para todo o mundo. Nem este, nem qualquer outro. A sua arte, principalmente na Tarde, não é uma arte torturada e obscura, "para raros apenas", mas é uma arte para gente culta. Os seus sonetos parecem dar inteira razão a Charles Asselineau, que via nos moldes desta composição selecta a melhor opportunidade possivel para uma feliz convergencia do sentimento e da forma, do pensamento e da arte.

A segunda condição para que as imagens do poeta ganhem plena significação, ligando-se e completando-se, é que se leia com sympathia. Tambem este elemento é indispensavel. Se toda arte, ainda a mais singela e accessivel, exige do leitor ou do ouvinte a collaboração da sua intelligencia, tambem não existe arte, por mais impressionante e victoriosa, que não exija a collaboração da sympa-

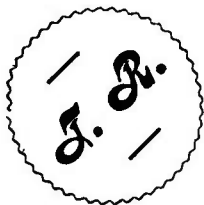


thia - uma especie de boa vontade que se sub-
 mette e se abre, contente e voluptuosa, mais
 ou menos como uma flor se deve entregar a um
 raio de sol. Arte é communhão. Communhão de espiritos.
 Só a sympathia dá relevo, côr, brilho, efficacia ao tra-
 balho do artista. Ella procura nesse trabalho, guiada co-
 mo por um faro divino, através do que é frustraneo e opa-
 co, o minimo filão recondito de belleza que elle conte-
 nha, dilata-o, sublima-o, e goza-o com delicada ternura.
 Arte é elevação.

- - V - -

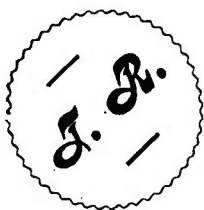
Mas vejamos a forma do soneto mais de perto.

Depois de encontrar as suas imagens, ou (o que é mais
 provavel) ao mesmo tempo que as encontrava, Bilac procurou
 a forma verbal e metrica. Digo ao mesmo tempo, porque,
 em regra, o poeta elabora tudo na sua composição, forma e
 fundo, conjunctamente: as idéas, as imagens, os tropos,
 os vocabulos, o rithmo, a rima, todos êsses elementos se
 vão revolvendo uns com os outros na cabeça do artista, a
 agir e reagir cada vez mais subtilmente, mais impercepti-
 velmente, até que se opera uma interpenetração e um ajus-



tamento completos. A idéa nem sempre é a geradora da expressão. A expressão frequentemente cria a idéa. Uma palavra, uma locução trazida pelas necessidades da medida ou da rima, abre muitas vezes horizontes inesperados, desenvolve sugestões novas e felizes, e assim amplia, desdobra, restringe, aperfeiçoa o pensamento. Por isso celebrou Victor Hugo - com quanta razão ! - a virtude creadora da palavra, "le mot créateur". Ha muita gente que ainda supõe que o poeta tortura as idéas na grelha dos versos. Tal coisa só se dá com os maus poetas. E acrescentemos que nada se perde com isso, pois só tortura as suas idéas... quem não as tem. O verdadeiro poeta, longe de torturá-las, desenvolve-as e apura-as admiravelmente na maravilhosa retorta da forma. Foi o que fez Bilac.

Podemos, por commodidade de analyse, considerar a obra poetica como passando por diferentes estagios, do fundo á forma. Poderiamos até distinguir varias phases ou varios aspectos da informação. Teriamos, nesse caso, pela ordem da generalidade decrescente: a forma logica, a forma grammatical, a forma estylistica, a forma sonica, a forma metrica, etc. Mas isso seria já complicar, por amor da clareza. Esses elementos todos se conjugam e se

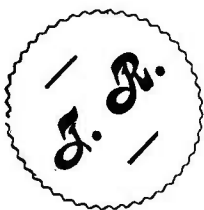


soldam de tal modo, que, pretendendo levar muito longe a desintegração, correríamos o risco de cair no vasio e no imponderavel.

Examinemos, poi, rapidamente, um pouco por alto, como convem, o que resta por examinar na topographia do nosso soneto.

Bilac usou ahi, largamente, do seu processo preferido de disposição symetrica das idéas. Esse processo chega a ser uma das características primaciaes da sua segunda maneira, a da Tarde. Tudo são contrastes e consonancias, são idéas que se approximam ou se oppõem, duas a duas. Logo no primeiro verso chama á lingua "inculta e bella": dois qualificativos, uma anthithese. Essa lingua é a um tempo "esplendor e supultura": outra anthithese. Ella é "desconhecida e obscura"; é "tuba de alto clangor" e "lyra singela", isto é, suave; tem o "trom" grave e o "silvo" agudo da tormenta desfeita; exprime a "saudade" e a "ternura"; possui "viço" e "aroma", e esse aroma é de "selvas" e de "oceano"... E assim continúa o soneto até o fim, todo tecido de idéas e de expressões aos pares.

Será isto um defeito ? Não o creio. E' apenas uma feição. Toda individualidade forte e marcada ha de ter os seus rasgos bem acentuados. Este é um dos de Bilac.



Elle foi o poeta das grandes similitudes e dos grandes contrastes, principalmente dos grandes contrastes que enchem a nossa existência de jogos violentos de luz e sombra: a vida e a morte, a dôr e o prazer, o espirito e o corpo, a saudade e a esperança, a ironia e a piedade, o sarcasmo e a meiguice... Elle foi, numa palavra, poeta rembrantesco das eternas dualidades que nos atormentam e nos encantam, impondo-se inevitavelmente a todas as consciências, através de todas as nossas sensações, através de todas as nossas noções. Isto chegou a ser nelle uma obsessão. Bem dita obsessão, que floreceu e fulgurou em joias como Dualismo e como Aos sinos !

DUALISMO

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives anciando, em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vortice vesano,
Oscillas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de acções sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes;



E no perpetuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demonio que ruga e um deus que chora.

AOS SINOS

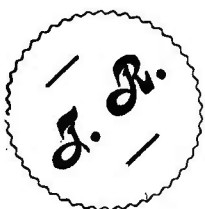
Plangei, sinos ! A terra ao nosso amor não basta.
Cansados de ancias vis e de ambições ferozes,
Ardeamos numa louca aspiração mais casta
Para transmigrações, para metempsychoses !

Cantae, sinos ! Daqui, por onde o horror se arrasta,
Campas de rebeliões, bronzes de apotheoses,
Badalae, bimbalhae, tocae á esphera vasta !
Levae os nossos ais rolando em vossas vozes !

Em repiques de febre, em dobrés a finados,
Em rabates de angustia, ó carrilhões, dos cimos
Tangei ! Torres da fé, vibrae os nossos brados !

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos !

Querendo-se prestar attenção, descubrem-se paralle-
lismos e divergencias até onde não parecem á primeira vis-
ta existir. No terceiro verso do soneto de que nos occu-
pamos ha um "ouro nativo" e uma "ganga impura". Ora, a
ganga, em si, não é impura: pode ser, sim, uma impureza -
em relação ao ouro, que ella envolve. Porque lhe chama,
pois, impura o nosso poeta, sempre tão cuidadoso da pro-

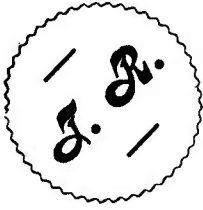


priedade dos termos ? Chama-lhe assim, porque, forçosamente, a sua idéa foi esta: esse "ouro nativo" é o ouro puro da lingua castiça, não contaminada dos solecismos e barbarismos correntes e triumphantes - essa "ganga impura"... E eis ahí mais uma antithese.

Intervêm aqui reminiscencias literarias. E' frequente encontrar-se nos escritores a comparação da boa lingua-gem com o ouro. Nativo é vocabulo que tambem não raro apparece, referido ao idioma e a coisas do idioma. E' um termo de que os puristas gostam...

O "nativo" desdem da nossa fala
dizia Filinto Elysio, que empregou o vocabulo mais vezes na sua Epistola sobre a arte poetica. O purissimo é uma variante do nativismo.

De reminiscencias literarias, aliás, está o soneto cheio. Todas as idéas que elle contém trazem ecos ou reflexos dos livros. O elogio da lingua, na segunda quadra, lembra Rodrigues Lobo, entre outros. A aptidão especial do "meigo idioma" para exprimir sentimentos de saudade é velha pretensão, explorada em todos os tons, do empyrismo literario luso-brasileiro. Trahem a mesma origem algumas expressões, como esse "ouro nativo" de ha pouco. "Tuba



de alto clangor" evoca-nos logo a "tuba cano-
ra e bellicosa" de Camões. "Trom" igualmente
igualmente ocorre no vocabulario guerreiro do
épico.

- - VI - -

O vocabulario do soneto, quer quanto ao sentido, quer quanto á fôrma das palavras, está bem na altura dos creditos desse artista equilibrado, consciencioso e destro. Bilac não se contentava de empregar o termo mais proprio e mais energico, exigia tambem o mais sonoro - contanto, porém, que não fosse rebuscado. Poucas vezes empregou um termo raro, e quando o fez foi sempre por via de alguma razão especial e forte. Na presente composição ha um unico vocabulo menos corrente - arrôlo, outra forma de arrulho. Arrulho é mais conhecido, e já nos fala á alma desde o primeiro encontro. Além disso, é sem duvida mais bonito que arrôlo. O seu l molhado, precedido de u, dá-lhe um vago sabor de beijo... Então porque preferiu o poeta a segunda forma ? Por uma questão de sonoridade. Arrulho, com a sua tónica u toaria com ternura, prejudicando sensivelmente o verso:



E o "arrulho" da saudade e da "ternura"

Um ouvido delicado não tolera taes repetições de sons, sem que haja nisso uma intenção e um valor. Bilac era exímio em variar os timbres vocalicos dos seus versos. Vêde, neste soneto, como as diversas vozes da escala phonetica se revezam e se contrastam, na successão das tonicass:

A bruta mina entre os cascalhos vela
Tuba de alto ciangor, lyra singela
Amo o teu viço agreste e o teu aroma.

Com relação ao vocabulario, uma unica observação deixará de redundar num elogio - sem que deva por isso redundar propriamente numa censura; é quanto ao numero dos qualificativos. São dezeseite. E' talvez muito para um soneto. Alguns desses qualificativos, pelo menos, positivamente não accrescentam traço algum sensível ao quadro: oceano largo; não diz mais de que simplesmente oceano; em desconhecida e obscura ha evidentemente uma sobrecarga. Dezeseite qualificativos é demais, se comparamos o soneto de Olavo aos grandes sonetos antigos da nossa lingua: o "Fermoso Tejo meu" tem treze; "Alma minha gentil", seis; "Sete annos de pastor", apenas quatro. Mas não precisamos



recorrer a outros poetas antigos nem modernos; o proprio Bilac nos mostra, em mais de um dos seus melhores sonetos, como sabia prezar o vigor e o relevo que adquirem as idéas no verso, quando se reduzem ao minimo possivel os molles prolongamentos dos qualificativos. "Ouvir estrellas" tem apenas cinco; "Perfeição", seis ou sete; "Patria", oito; "A um poeta", dez.

Para avaliardes um pouco esse vigor e esse relevo, saboreae de vagar, por exemplo, esta quadra, onde o unico adjectivo qualificativo que existe — bella — adquire inesperada valencia, explicando por si só a paixão de Jacob:

Sete annos de pastor Jacob servia
 Labão, pae de Rachel, serrana "bella";
 Mas não servia ao pae, servia a ella
 Que a ella só por premio pretendia.

- - VII - -

A metrica, essa é perfeita. Bilac foi um dos nossos mais acabados versificadores. O seu verso não tem, talvez tanta variedade nem tanta frescura de ritmos como os de Raymundo. O decasyllado de Raymundo é vivaz, é retractil, é distensivo, é esvoaçante, é lesto, é imprevisto.. Re-



cordae um pouco:

Extenuando os ventos, e nos flancos
 Longo enxame a arrastar de flocos brancos
 De espuma, e raios e phosphorecencias..

.....

Os estandartes de arrogantes pregas,
 As batalhas, os choques, as refregas,
 Nauseas de fogo de canhões sangrentos.

.....

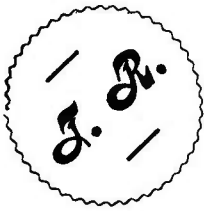
Emfim dezenas
 De pombas partem do pombal apenas
 Raia sanguinea e fresca a madrugada.

.....

Quando do Olympto nos festins surgia
 Hebe risonha, os deuses magestosos
 As taças estendiam-lhe, ruidosos,
 E ella, passando, as taças lhes enchia.

.....

Os rithmos de Bilac não têm, geralmente, essa vivacidade, não descrevem essas espiraes, esses colleios, essas voltas; não tem esses sustos, esses impetos, essas dormencias, esses quebros. São um tantinho mecanicos. São mais iguaes, e mais martelados. Em compensação, os versos tambem são mais correctos: não têm frouxidões nem durezas, não têm hiatos nem collisões, nem ecos, nem palavras repetidas, nem rimas fracas ou forçadas.



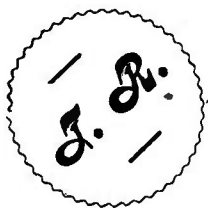
No que toca ás rimas, vêde com que habi-
 lidade admiravel ellas foram encaixadas. Caem
 com a mesma naturalidade das outras palavras.
 Fica-se quasi surpreso de que se correspondam tão bem.
 Entretanto, nenhuma dessas rimas é facil, nenhuma se pode
 dizer que foi a primeira que se apresentou. Ao contrario,
 basta um ligeiro exame para se perceber que houve uma es-
 colha lenta e trabalhosa. Rimar, por exemplo, magestosos
 com ruidosos, como fez Raymundo em "Hebe", é abuso. Vêde
 as rimas deste soneto: bella e vela, singela e procella —
 um adjectivo e um verbo, um adjectivo e um substantivo.
 Depois: sepultura, impura; obscura, ternura: — substanti-
 vo, adjectivo; adjectivo, substantivo. Nos tercetos: aro-
ma, idioma; filho, brilho; largo, amargo. Aqui, rimam pa-
 lavras da mesma categoria grammatical, mas, em compensa-
 ção, as terminações em oma, ilho, argo são bem pouco vul-
 gares. Nota interessante: ainda por causa do agradavel
 contraste de sons, a que já nos referimos, Bilac variou o
 mais possivel os acentos tónicos dos differentes grupos de
 rimas. Esses grupo são cinco, dois nas quadras, tres nos
 tercetos; os acentos tonicos tombam em cinco sons diver-
 sos — a, e, i, o, u; argo, ela, ilho, oma, ura.

Não faltará quem veja nestas questões apenas umas



chinesices risiveis. Um pouco de reflexão mostrará que vai nisso uma injustiça. Em primeiro lugar, toda arte se apoia numa technica minuciosa, exigentissima, — sem o que não seria "arte". A poesia, arte tambem, tem tambem a sua technica meticolosa. Em segundo lugar, não ha nesta um só preceito que não se explique, ao menos, quando amplamente não se justifique.

Ao contrario daquillo que muitos supõem (e supõem porque não se dignam de reflectir no que dizem), as exigencias da rima não são caprichos, não constituem uma gymnastica que se cria pelo simples prazer de poder exercitá-la. A rima rica, a rima rara e difficultosa, a rima que se luta e súa para engastar na extremidade do verso, "como um rubim", não visa, nos que sabem della usar, a demonstrar a virtuosidade do artifice. Muito ao invés, ella tende a disfarçar-lhe o trabalho e a pena. A rima demasiado corriqueira é mais vistosa do que a difficil, e dá mais forte impressão de ter sido mettida a martelo. Taes são, por exemplo, as rimas entre participios em ado, adjectivos em oso, substantivo em ade: mudado com calado, formoso com amoroso, liberdade com piedade. São rimas que entram pelos olhos, que se esperam, que se annunciam, que cheiram



a artefício, e a um artefício surrado e infeliz. As rimas menos faceis, ao contrario, — desde que se trate de bons poetas, — tombam a seu tempo como quaesquer outras palavras. Dir-se-ia que a consonancia foi obra do acaso. Justamente por serem menos vulgares, essas rimas não ferem tanto a attenção do ouvinte. São imprevistas, e porisso não enervam.

Quando se lê ou se ouve um verso terminado em garboso, pode-se desconfiar que um caloroso, um saboroso ou um gostoso está armado logo adiante, e espera-se por elle como quem espera rebentar uma bomba cujo estopim já estraleja. Mas, quem ouve ou lê um verso que termina por uma forma menos chata não tem essa sensação impertinente de que a fatalidade da rima está propinqua.

Nem se diga que estas preoccupações de rima sejam mania moderna de poetas que por outras qualidades não se recommendam. Nunca houve poeta culto, digno desse nome e desse qualificativo, que não se preocupasse com os consoantes — desde que os consoantes tiveram entrada em poesia. Poupar-vos-ei a pena de uma longa demonstração. Simplesmente — e mais a titulo de recreio que de prova — quero recordar-vos, sem commentarios, uma velha joia da poesia portugueza, este lindo soneto:



Formoso Tejo meu, quão differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti; tu a mim triste;
Claro te vi eu já; tu a mim contente.

A ti foi-te a grossa enchente,
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem. Ah ! quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes !

Lá então a fresca primavera;
Tú tornarás a ser quem eras dantes,
Eu não sei se serei quem dantes era.

- - VIII - -

Sahiamos agora de dentro do soneto de Bilac, dêmos-lhe mais um golpe de vista circular, recapitulemos as impressões, e concluamos.

O soneto de que nos occupamos é, pelas características do estylo e da forma, um soneto bem bilaqueano, da ultima phase. Tambem o é pelo pensamento patriotico que o illumina interiormente, sem se mostrar de todo, como uma luz encoberta por um vidro opaco. Esse pensamento patriotico se revela, através da mesma preocupação de amar, estudar e honrar o que é nosso, em muitas outras peças da "Tarde".



O conteúdo do soneto não desgarrá dessa concordância. Na sua última phase Bilac tornou-se menos lyrico e mais reflexivo, menos sentimental e mais raciocinante. Tentou ver mais claro na alma humana — e tornou-se o psychologista e o moralista de Dualismo, de Defesa, de Cahos, de Aos Sinos. Procurou uma interpretação pessoal dos aspectos da natureza, dando-lhes o valor de symbolos — Os Rios, As Arvores, As Estrelas, As Nuvens, As Ondas, Os Amores da Aranha e da Abelha. Philosophou variamente em muitas paginas. Occupou-se de assumptos de arte, de saber, de cultura. Teve plena consciencia do seu patriotismo, e justificou-o, e proclamou-o, e pregou-o em Patria, em Musica Brasileira, em Anchieta, em Diziam que... Seus versos passaram a trair tendencias constructivas, impregnaram-se de meditação e de estudo, encheram-se de reflexos eruditos. O soneto sobre a nossa lingua é um producto genuino dessas condições de espirito.

Entanto, o amor do vernaculo é velho em Bilac, e mostra-se em mais de um relance da sua obra de prosa e poesia. Ainda bem moço, já o illustre poeta, fazendo o elogio de Bocage — uma das suas affeições literarias mais persistentes — não o louvava só pelo esplendor lyrico dos seus versos, mas tambem pelo seu vernaculismo:



Mestre querido ! viverás, emquanto
 Houver quem pulse o magico instrumento
 E preze a lingua que prezavas tanto.

E, na sua orgulhosa magnifica "Profissão de fé", ex-
 clamava:

Ver esta lingua, que cultivo,
 Sem europeis,
 Mirrada ao halito nocivo
 Dos infieis !...

Mas, em summa, qual o valor das idéas contidas nesse soneto ? Essas idéas são excellentes, emquanto nos impulsionam ao amor e ao estudo do nosso idioma. Entretanto, por um lado, ellas se resentem de um pouso de literatura: amar, por exemplo, a lingua patria, porque nella Camões lamentou suas desgraças no exilio, não é, sem duvida alguma, das coisas mais espontaneas e naturaes... Por outro lado, essas idéas denotam a persistencia de certos preconceitos brasileiros a respeito da lingua.

Notae como o poeta insiste em vincar no idioma a sua qualidade de obsuro:

E's, a um tempo, esplendor e "sepultura"..
 Amo-te assim, "desconhecida e obscura"...

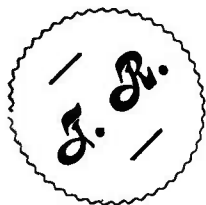
Esta é uma idéa que não raro reponta nas rodas intellectuaes do Brasil. Ella provém da sensação de contraste



formidavel, que nos esmaga, quando comparamos a universalidade da lingua franceza, na qual escrevem tantissimos autores, ás vezes bem mediocres, cujos nomes voam logo por todas as direcções da rosa dos ventos, com o campo relativamente restricto em que se acha confinado o nosso idioma. Dessa sensação vem um sentimento de inveja. Essa inveja, inconscientemente alimentada, floresce em lamentações sobre a estreiteza do idioma nacional. Em lamentações e em revoltas. Alguem já disse, ha tempos, que — "a lingua portugueza é o tumulo do pensamento", e essa phrase ficou celebre. A sepultura do soneto de Bilac deve ser uma evolução desse tumulo.

Ora, a verdade é que a lingua portugueza não é assim tão desconhecida no mundo: ella é falada por alguns milhões de boccas... Uns quarenta milhões de almas se communicam por seu intermedio. Pois não será bastante? Se ainda fica razão para desejarem mais, a culpa não é della. Além de tudo, não ha lingua alguma literaria que seja um tumulo para o pensamento. O pensamento que merece viver vive folgadoamente dentro della; e se merece transpor os seus limites, mais cedo ou mais tarde os transpõe, sem que nada o possa impedir.

Outra idéa que está no ambiente é a de que a nossa lin-

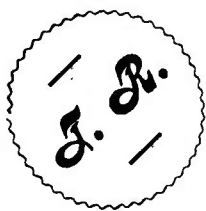


laborado em francez ou á franceza. Em troca, tambem o francez ha de ser sempre um instrumento duro, desageitado, ingrato, um instrumento quasi tão rude como qualquer algaravia barbaresca, para quem quer deseje manejar esse idioma sem o ter bebido com o leite, ou respirado desde verdes annos no ambiente do lar, no recinto dos lyceus, no ar bulhento das ruas, nas brisas livres do campo, na atmosphera serena das bibliothecas.

Comprehende-se que o literatos, abeberados como andam, e é inevitavel que andem, ce cultura franceza, de literaturafanceza, de lingua franceza, achem o portuguez pouco expressivo, pouco malleavel, pobre de recursos. Mas é preciso reflectir que o mal não é do vernaculo; é das condições que nos obrigam a formar o nosso espirito e a rithmar o nosso pensamento no trato de uma lingua e literatura estranhas. Cabe-nos a nós estudar, cultivar, praticar o idioma natal com mais afinco. Como queria Filinto Elysio, é preciso que, depois de admirar as bellas paginas do bons autores francezes, voltemos logo ao trato dos nossos, como hygiene, e energicamente nos desempoemos

Co' o espanador de Barros e Vieira.

Emfim, é muito para ponderar que os poetas, homens de



imaginação, de sentimento, de paixão, de sensibilidade irritável, não são em regra bons juizes nestas questões de lingua. Não podem ter serenidade, porque são impetuosos. Não podem ver claro, porque não conseguem desprender-se de si mesmos. Na sua insaciabilidade de artistas, lutam terrivelmente com a lingua e, se ás vezes conseguem vencê-la, nem sempre o reconhecem. Mas, para artistas exigentes e meticulosos todas as linguas são difficilimas. Flaubert tratava esse maravilhoso, esse perfeito idioma de Racine com a furia violenta e a tenacidade concentrada de um rachador de lenha, com a paciencia minuciosa e tacteante de um burilador de joias. Consumia annos e annos a escrever um romance, semanas a escrever duas ou trez paginas... Com Bilac se dava algo de parecido. A sua ancia de perfeição transparece de toda a sua obra. Elle sentia-se um barbaro a esmurrar desesperadamente uma porta de bronze fechada. Porisso chamou ao portuguez, além de rude e inculto, doloroso:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma.

Para nós, lendo Bilac, elle não é rude nem doloroso: é uma teorba, um orgão, um violino, uma orchestra completa, apta a traduzir tudo, a suggerir tudo, com energia incom-



paravel, com brilho deslumbrante, com delicadíssima suavidade. Pobres, pobres poetas ! Até nisto sacrificados ! Como as abelhas, não é para vós que fabricaes o mel delicioso, na penumbra e no sofferimento. Sic vos non vobis...

- 0 -

Agosto, 1920.

AMADEU AMARAL.

.....

.....

.....

Bilac visto através da Caricatura.



1—Bilac, por J. Carlos. 2—Bilac, por Celso Herminio. 3—Bilac parte para a Europa, por Calixto. 4—Bilac, por Gil. 5—Bilac, por Amaro.



O L A V O B I L A C .

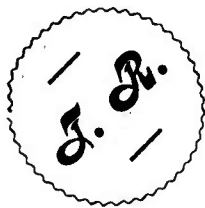
QUE FIM LEVOU A IDÉA DO MONUMENTO AO GRANDE POETA ?...

A figura excepcional do "PRINCIPE dos POETAS BRASILEIROS" ainda não foi condignamente homenageada pelas gerações presentes.

A sua obra ahí está, radiosa, harmonica, scintillante, pelas galas do espirito e pela plastica do verso, avultando como um dos mais ricos patrimonios da nossa poesia.

Se não bastasse o Poeta---e é indiscutivelmente um dos maiores da nossa lingua--- sobreleva-se-ia a outros valores o patriota exaltado, o nacionalista vehemente, cujo apostolado de civismo tanto deu nome á Liga da Defesa Nacional; o "professor de enthusiasmo", enamorado da sua terra e da sua gente, e sempre confiante nos destinos da raça e da patria.

Até agora, no entanto, nada se fez de positivo para que a sua memoria fique consagrada pela collectivi-



dade, num tributo immortal, que leve ao conhecimento do futuro a admiração do presente. Já varias vezes foi tomada a iniciativa de levantar-se um monumento ao poeta da "TARDE", e sempre sem resultado. Se não é possível erguer-se uma estatua, que se levante uma herma----mas que se faça alguma cousa.

O Passeio Publico, local ultimamente escolhido para as hermas dos nossos poetas e artistas, ainda ha pouco assistiu a inauguração da de Victor Meirelles.

Não sendo possível ^{me} honragem mais significativa, ao menos que figure seu busto no Jardim dos Poetas, como já existem os de outros vultos inesqueciveis dos nossos ~~estros~~ estros.

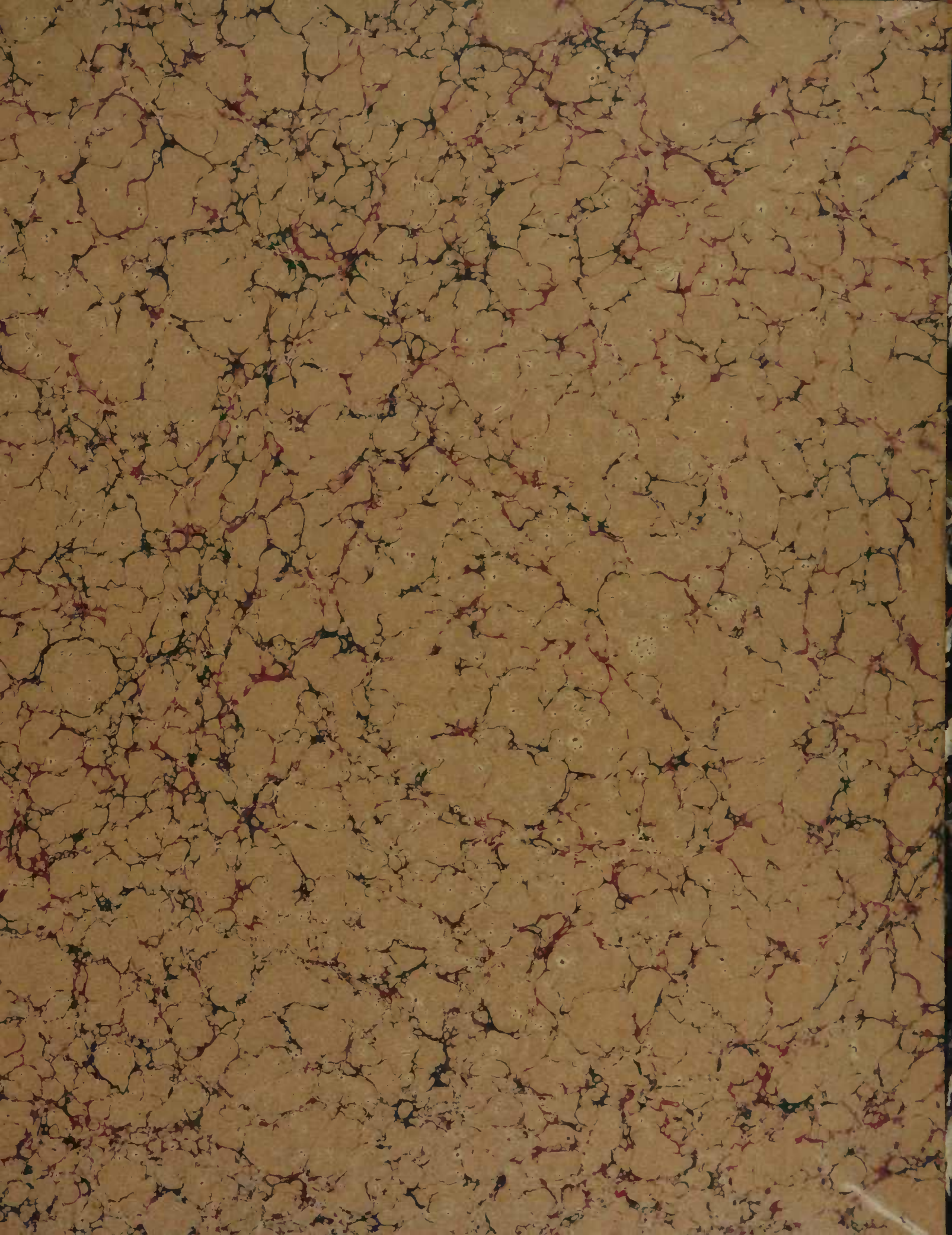
Cada vez mais a figura de Bilac preoccupa os nossos meios literarios e cresce na admiração do povo.

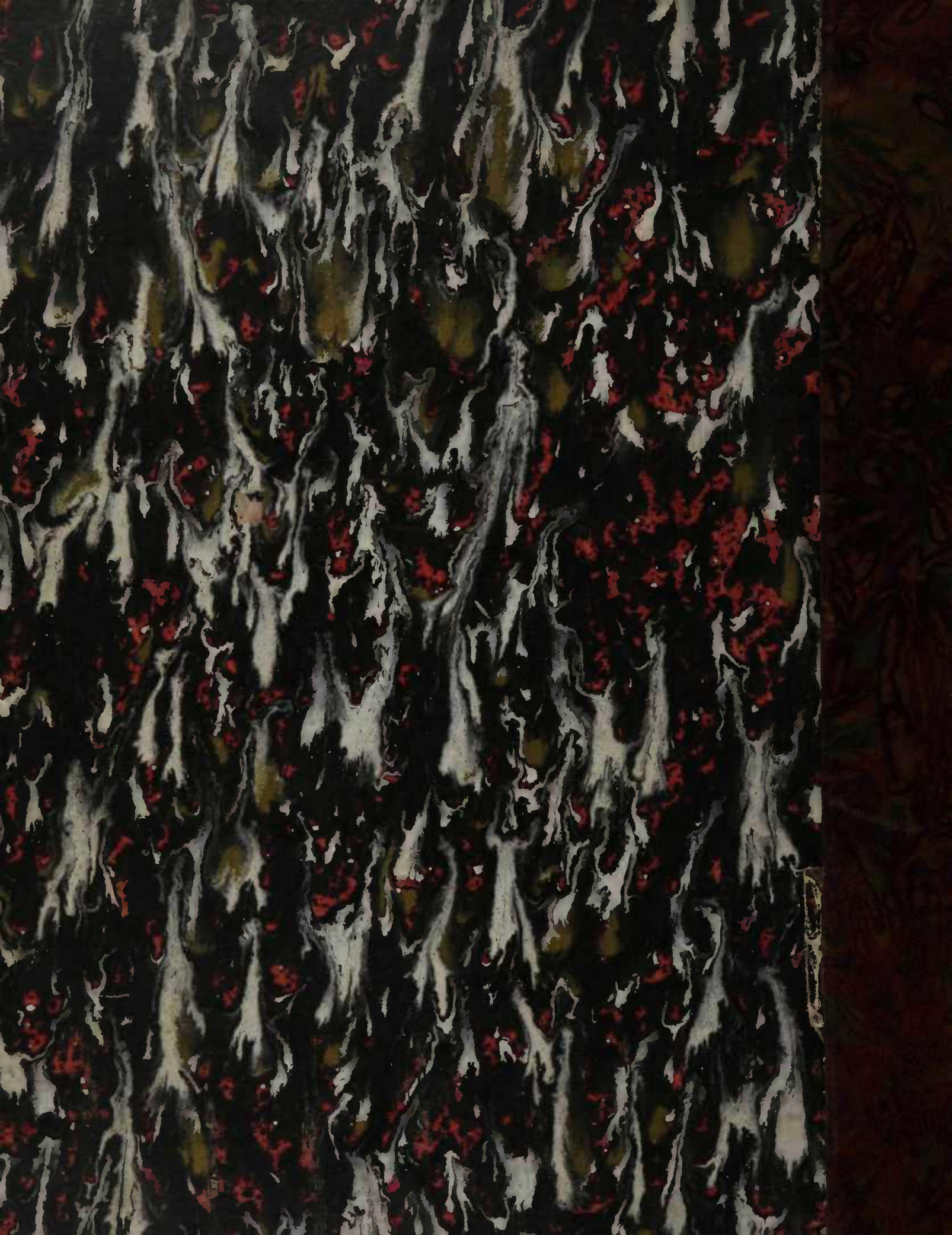
Ainda agora veiu a lume a meticulosa obra critica do Sr. Affonso de Carvalho "A POETICA de OLAVO BILAC" em cujas paginas eruditas o autor analysa o meio em que viveu o poeta, o parnasianismo e, sobretudo, a fôrma e a concepção na obra bilaqueana.

É mais uma prova evidente do quanto o lyrico das "Virgens Mortas" interessa a critica e o publico.

Que se faça alguma cousa em honra do mestre incomparavel do nosso verso. Pelo menos em louvor da







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).